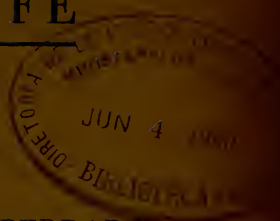
A DEFEZA DO CAFÉ

e a crise economica de 1929

ROLIM TELLES

A DEFEZA DO CAFÉ
E A CRISE ECONOMICA DE 1929

S. PAULO, AGOSTO DE 1931

A DEFEZA DO CAFÉ

A INTERVENÇÃO DO ESTADO NA LIBERDADE DE COMMERCIO

EM these é sempre condemnavel a intervenção do Estado cerceando a liberdade de commercio e alterando o curso natural dos phenomenos economicos. Constitue mesmo maioria a corrente dos financistas que condemnam intervenções do Estado que alterem as leis communs que devem regular o preço de uma mercadoria.

Campos Salles, na sua platafórma de Governo, condemnava as intervenções de valorização com caracter commercial, por parte do Estado, e igualmente infenso a ellas manifestou-se Rodrigues Alves.

Não foram sómente nossos financistas que condemnaram a violação das leis naturaes que determinam o valôr das mercadorias. Todos os adeptos da escola classica são contrarios aos actos do Estado quando estabelece medidas administrativas que visem defender o preço das mercadorias mesmo quando interessam directamente a economia do Estado.

No entretanto, Campos Salles, por força das circumstancias, viu-se obrigado a praticar uma das intervenções que mais perturbam a vida commercial de um país, a de valorizar a mercadoria "MOÉDA" praticando a deflação para cumprir o "funding".

A Inglaterra, viveiro de financistas, não é a intervencionista persistente que se conhece na defeza de sua principal mercadoria a LIBRA? Defender o valôr da libra não é baixar o custo das outras mercadorias? Defender as outras mercadorias não é conseguir com ellas maior quantidade de moéda?

Poderá ou deverá quem não tem moéda querer baixar o valor das mercadorias para obter com ellas menos moéda, e, vice versa, quem tem moéda quererá que se valorize a mercadoria que vae exigir della maior porção em sua tróca? Não foi tambem a Inglaterra a organizadora do plano Stevenson para defeza do preço da borracha, producto expontaneo em muitas regiões e do qual não tinha o "contrôle" porque não éra mercadoria de que tivésse ao menos 2/3 do total da producção? Já não éra ella que, ha seculos, reunia a totalidade dos representantes de sua vida agricola em Saint James's Hall, em pról do "fair trade"?

Não foi a Grecia que, dada a superproducção da passa, para defeza de seu preço, prohibiu a plantação de nóvos vinhedos?

Os financistas de todo mundo são contrarios ás intervenções no Commercio e são muitas vezes obrigados a pratical-as.

Hoover acreditava que defendendo o Café estávamos enriquecendo a Colombia, no entretanto foi o governo americano obrigado a defender o algodão e o trigo, criando o "Farm-Board". Não se póde todavia comparar nem o interesse nem a probabilidade de successo quando o Brasil defendeu o Café e os americanos defenderam o trigo. O Café é producto que leva 4 annos para produzir e o trigo é producto annual. O trigo a preço baixo evita a superproducção. O Café do Brasil a preço baixo não afasta os concorrentes. Emquanto que o Brasil baixando o Café a 8 centavos vende a mesma quantidade que vendia a 20 centavos, a Colombia, a 19 centavos, vende todo o Café que produz.

Os Estados Unidos têm milhares de productos exportaveis e defendem até o algodão e o trigo. Os preços do trigo como do algodão nunca deveriam ser defendidos, porque são culturas de plantio annual, pódem ser substituidas immediatamente por outras, e o preço quando baixo faz que percam os productores o interesse por nóvas plantações e equilibra-se assim a producção ao consumo.

No Brasil, já em 1906, fez-se a chamada defeza do CONVENIO DE TAUBATÉ, que criou diversas medidas tendentes a debellar a crise motivada pela superproducção do Café, defeza que Gide, no seu Curso de Economia Politica, achou inspirada na de José no Egypto quando fez encher os celleiros de trigo durante o periodo dos sete annos de fartura, e que foi feita depois do radicalismo de Murtinho que em 1898 abandonou o Café á sua sorte para evitar futuras superproducções. Perdeu o país sommas enormes e não evitou a superproducção de 1906.

Assim, sem enumerarmos os multiplos casos em que necessidades de momento levam o Estado a violar as leis naturaes do Commercio para evitar descalabros a que a sua céga obediencia conduziria, vamos, já tendo declarado que estavamos e estamos com os que em these são contrarios ás intervenções do Estado no Commercio, mostrar que no Brasil, em relação ao Café, ella éra e é necessaria e condizia com os interesses do Estado; que para evital-a sem provocar mal maior, seria preciso que as anteriores administrações do Brasil tivéssem podido, agindo de accôrdo com os "principios classicos de economia politica", fomentar a variedade de exportações, a polycultura, produzindo diversos productos exportaveis e desenvolvendo todas as industrias agricolas, que, concorrendo para nossa balança commercial com seus productos, tivéssem evitado que fôsse só o Café o esteio de nossa balança de contas, para a qual concorre sómente elle com 70 % do ouro que produz a exportação.

Sempre trabalhamos para que outros productos exportaveis tivéssemos como fontes de ouro, para que fôssem criados outros meios que alimentassem e enriquecessem nossa exportação. (Vide nossos relatorios como Secretario da Fazenda, em que aconselhamos a cultura das fructas.)

Mas éra nosso pensar que emquanto essas fontes não déssem o ouro que dellas precisavamos, deveriamos mesmo que fôsse preciso saltar por cima de todas as leis classicas de economia politica, defender o preço do Café. Sem isso não teriamos equilibrio da balança de contas e iriamos empo-

brecendo indefinidamente, pois seriamos obrigados a sacrificar todo o nosso credito em pagar dividas ao envez de utilizal-o em criar riquezas.

O CAFÉ EM FACE DA BALANÇA DE CONTAS

A nossa situação economica assim se desenhava desde 1926:

Balança Commercial:	**1926** £	**1927** £	**1928** £	**1929** £
Importação	79.876.000	79.634.000	90.669.000	86.653.000
Exportação total	94.254.000	88.689.000	97.426.000	94.831 000
Saldos da Balança Commercial	14.378.000	9.055.000	6.757.000	8 178.000

para esses saldos da balança commercial éra o Café que concorria da seguinte fórma:

	1926 £	**1927** £	**1928** £	**1929** £
Exportação de Café	69.751.887	62.648.557	69.701.260	67.307.000

Apezar desse valôr da exportação do Café, já a nossa balança de contas éra deficitaria, como vamos vêr, e precisava-se recorrer ao credito externo para equilibral-a:

	1926 £	**1927** £	**1928** £	**1929** £
Saldo da Balança Commercial	14.378.000	9.055.000	6.757.000	8.178.000
Remessas	31.000.000	33.000.000	35.000.000	37.000.000
Deficit da Balança de Contas que foram cobertos com emprestimos	16.622.000	23.945.000	28.243.000	28.822.000

Em face de tal situação poderiamos nós abandonar o preço do Café sem grave prejuizo para o país? E quaes seriam os reflexos desse abandono?

E' o que ahi está para se aprehender.

O Brasil não tinha reservas metallicas, não tinha outros productos de exportação; só podia existir economicamente pelo facto de ser o mundo obrigado a vir comprar-lhe 2/3 do Café que consome. Lógo, deveriamos defender o preço do Café porque defendendo o preço do Café que temos por vender defendiamos o nosso ouro. Fazendo a baixa do preço não vendemos mais Café; se o vendessemos, obtendo assim a mesma quantidade de ouro e ganhando pela quantidade vendida o que perdemos em valôr, seria razoavel a baixa, mas, ao contrario, desinteressando-nos do valôr do Café perdemos o nosso ouro; baixando o preço do Café, baixamos o valôr representativo de nossa riqueza.

E' de todos conhecido o principio de Economia Politica de que a baixa de preço não altera o equilibrio da balança de contas quando ha augmento na quantidade de exportação produzida por essa baixa. Ora, isso é verdadeiro para os productos em que ha abstenção de compras devido á elevação dos preços. Mas com o Café isso não se dava.

Lógo, a baixa de preço do Café augmenta o desequilibrio de nossa balança de contas sem lucro algum para a economia do país ou da lavoura. Próva disso ainda tivémos pela exportação de 1929 que produziu £ 67.307.000, quando em 1930 produziu apenas £ 41.179.000. Assis Brasil, em seu discurso na Camara Federal, em 19 de Agosto de 1929, tambem affirmava: "o consumo do Café, entretanto, é indifferente ao seu preço".

Assim, rapidamente exposto que sem determinado preço para o Café augmentamos o desequilibrio da balança de contas, obrigando-nos a fazer ainda maiores emprestimos, e sendo sabido que os emprestimos são mais nocivos á economia que a defeza do valôr da producção; tendo examinado que a questão preço não ia diminuir o consumo nem incre-

mentar a producção nos outros paizes, pois a superproducção éra nacional, tudo nos aconselhava a mantermos a defeza do preço do Café.

PORQUE A DEFEZA DO CAFÉ INTERESSA AO ESTADO

Ao fazer a defeza do Café, devemos ter em vista se a defeza commercial de um producto ao ser feita acóde ao interesse do productor ou tambem ao interesse do país.

Quando o interesse em jogo é só o do productor, ao Governo não cabe prestar senão o auxilio conveniente devido nesses casos, como seja reducção ou isenção de impostos de sahida, intervenção da diplomacia para consecução de isenção ou diminuição de impostos externos, exposições e propaganda, cabendo sómente ás cooperativas que os productores organizarem, as intervenções para a defeza mais directa.

Agóra, quando o interesse directo é o do Estado, compete a este agir, como entre nós, no caso do Café. Já dissémos e é bom repetir: em these não se póde admittir a intervenção do Estado no Commercio. Mas, no nosso caso, interessado directo no valôr de nossa exportação, para poder manter a estabilização ou o equilibrio da balança de contas, o Governo não tinha outro módo de agir.

A estabilização e o interesse do equilibrio da balança de contas obrigava o Governo a se dedicar á defeza do Café. Para equilibrio orçamentario podiam os Estados adoptar outro systema tributario, como o territorial, e equilibrar, independentemente do preço do Café, os seus orçamentos.

Portanto, o unico movel a aconselhar a intervenção do Governo na defeza do Café foi o equilibrio da balança de contas. E' preciso que se attenda que sem um preço determinado para o Café, o país não conseguiria a quantidade de ouro necessaria para o equilibrio da sua balança de contas.

E se além disso o país estabilizou a moéda e não havia criado banco emissor, onde ir buscar meios para a defeza do

Café senão procurando creditos no extrangeiro sobre conhecimentos e letras hypothecarias?

Assim demonstrada a necessidade da intervenção do Estado, vejamos como foi organizada essa intervenção.

SYNTHESE DA DEFEZA DO CAFÉ

Assentada a marcha a ser seguida para a defeza do Café, em fins de 1927, separou o Instituto a defeza em: DEFEZA ECONOMICA AGRICOLA e DEFEZA ECONOMICA COMMERCIAL, entregando aquella á Secretaria da Agricultura e Commercio, ficando a cargo do Instituto a DEFEZA ECONOMICA COMMERCIAL.

Éra natural que a Defeza Economica Agricola ficasse a cargo da Secretaria da Agricultura: a ella está affecto o Instituto Biologico como ainda lhe compete o ensino aos lavradores e as experiencias para o aperfeiçoamento da agricultura, bem como a questão de braços e salarios.

Explicada a razão da divisão da defeza do Café, vamos expôr a parte referente á Defeza Economica Commercial, que ficou a cargo do Instituto de Café.

A Defeza Economica Commercial podemos, para melhor entendimento da exposição, dividil-a em NATURAL e ARTIFICIAL.

Chamaremos *natural* a defeza economica necessariamente applicavel a todos os productos e que consiste na elaboração de tratados commerciaes reduzindo ao minimo os impostos sobre os productos que trocamos (isso foi sempre objecto de nosso cuidado como demonstram os officios em annexo a respeito do assumpto, dirigidos pelo Instituto ao Ministerio do Exterior), as organizações de credito, facilidades de transportes, auxilio ás propagandas e exposições. Esta parte da defeza ninguem discute se deve ou não ser feita: todos acham-na indispensavel. E ella foi feita como provam as noticias da época. (Vide annexos.)

Passemos, portanto, a estudar a outra parte da defeza

economica, a que chamamos *artificial* e que soffreu ataques e criticas innumeras.

Como já dissémos, sômos contrarios ás intervenções, mas quando ellas são imprescindiveis vejamos como fazel-as.

A defeza economica artificial de um producto tem por fim suavisar a regularização do equilibrio entre a offerta e a procura, porque se não houver defeza é evidente que o equilibrio vem, embóra semelhante á obra de um cyclone que passa, limpando o terreno para novas construcções.

Existindo superproducção, os meios artificiaes de equilibrar a offerta e a procura são trez:

1.º) Destruição do excesso da mercadoria e cerceamento de sua producção;

2.º) Compra do excesso da mercadoria;

3.º) Retenção da mercadoria.

Esses meios têm sido applicados em diversos paises. Para o Café o unico aconselhavel é o da retenção. Vejamos porque.

O Café não tem o seu cyclo de vida adstricto a um anno. Não é cultura annual. Destruir uma safra ou comprar uma safra não evita que sobrevenha outra grande que annulle essa fórma de defeza. O plantador de trigo, algodão, batatas e outros generos de plantio annual, póde ficar desencorajado com a baixa do preço e planta menos no anno seguinte. Com o productor de Café não se dá o mesmo. Além disso, para destruir a mercadoria sem compral-a, seria preciso o accôrdo de todos os productores e basta isso para se vêr a inexequibilidade da medida, além de que se sobreviesse uma geada forte, pragas ou periodo de seccas, teriamos o caso de crise economica por falta do producto que antes sobrava.

E ainda mais, o productor que tem 2/3 do total da producção de um artigo e que, quando os outros productores não têm stock, vae destruir o seu, vae tambem incentivar a producção dos outros. Vae ferir-se com a arma de defeza.

A compra do excesso exige, ao demais, um capital fabuloso. Mas suppondo-se que elle fôsse encontrado, seria preciso, no caso do Café, que o Governo comprasse o excesso, ou sejam 20.000.000 de saccas, o que importaria, aos preços actuaes, em Rs. 1.000.000:000$000. Caso as safras seguintes fôssem grandes, teria o Governo, para manter o preço, de continuar comprando os excessos, e vê-se lógo que o plano arriscava-se a um fracasso pelo immenso capital que exigiria e pela perspectiva de falta de solução para o futuro. As remessas de juros e amortizações iriam encarecer o Café armazenado e assegurar o prejuizo da operação. Por outro lado, o productor, livre do excesso de stock que havia vendido ao Governo, *achar-se-ia encorajado a produzir cada vez mais;* além disso, a compra do excesso não resolveria o caso do excesso da producção sobre o consumo, haveria apenas uma retenção em mãos do Governo ao envez de ser em mãos do productor.

RETENÇÃO

Passemos a examinar a retenção pelo productor, o unico meio que achamos lógico e que criteriosamente resolve a questão.

E' preciso antes de tudo frizar que não póde haver retenção branda ou rigida para regularizar o preço. O que ha a examinar é se o preço alto é que está determinando a retracção da procura.

A retenção com a organização do Instituto éra regulada automaticamente. Ia para o mercado de exportação, em um mez, quantidade igual a que esse mercado exportou no mez anterior. Éra discutivel se um maior ou menor preço augmentava ou diminuia as sahidas, tornando maior ou menor a retenção.

O PREÇO EM FACE DA EXPORTAÇÃO

Esse ponto é o unico admissivel de discussão em torno da acção do Instituto e creio que, com uma simples exposição dos factos, vão os que affirmaram e censuraram sem base vêr a improcedencia das suas criticas.

De 1 de Janeiro a 30 de Junho de 1929, o Instituto *só procurou evitar preços exaggerados em Santos.* Nem um só dia foi comprador de Café e, muito pelo contrario, *todos os dias foi sempre vendedor, para evitar a alta excessiva.*

Lógo, não foi durante esse periodo a acção do Instituto causa de maior retenção pela elevação do preço, e sabido é que, o accrescimo do Café retido foi motivado pelo Café produzido de Julho de 1929 em diante ou pela grande safra de 1929-30 lógo depois da outra excessiva de 1927-28.

Então perguntarão: porque diminuiram as sahidas?

Ellas diminuiram como diminuiram no anno de 1910, quando o consumo mundial em 1909 havia sido de 18.000.000 e cahiu em 1910 para 17.000.000 de saccas e, igualmente, em 1915 havia sido de 21.000.000 cahindo em 1916 para 16.000.000 de saccas e em 1923-24 de 22.000.000 para 20.000.000 de saccas. Em 1920 a média do preço do disponivel Rio foi de 10 1/2 centavos e o consumo mundial apenas de 18.500.000 saccas. Em 1921-22 com o preço de 19 centavos passou o consumo para 19.882.000 saccas e, assim, são innumeros os annos em que o consumo com o preço baixo é menor do que nos annos de preços altos. Em 1927 os consumidores formaram stocks e lógo em 1928, não tendo acabado os stocks, compraram menos, como aconteceu em differentes annos conforme foi dito atraz.

Além disso, diminuiram porque os cafés existentes nos outros mercados, das safras de 1928 e 1929, eram cafés de má qualidade, seccos em máus terreiros, em periodos de grandes chuvas, e permittiam aos especuladores ao envez de como em 1927 e 1928 venderem o que sobrava, que passassem a comprar nas diversas bolsas o que não havia, ganhando

bons lucros pela falta do producto para ser entregue, e assim desorganizando o commercio legitimo.

Isso tudo bem explicado está em meu ultimo relatorio. Agóra, é preciso que os que criticaram a diminuição das sahidas de Café em 1928 e 1929, lembrem-se que a diminuição não foi anormal como apregoaram, porque sahiu Café paulista pelos portos de Paranaguá, Rio e Porto Esperança, em grandes quantidades, diminuindo a differença de exportação entre 1927-28 e 1928-29 para muito menos do que diziam os criticos.

Ao demais, devem os que me criticaram lembrar-se que em 1927-28 vendeu-se o maximo conhecido de Café de São Paulo e que, portanto, esse excesso de vendas produziu um augmento de stock para o outro lado donde éra natural a diminuição de compras em 1928-1929.

Junte-se a isso a falta de cafés finos e a diminuição de compras de todos os generos que houve nos mercados do mundo devido á crise mundial em 1928-1929 e ter-se-á a explicação clara de que não foi o preço o factor da diminuição das vendas. Se fôsse o preço, como se explicaria menores vendas no anno de 1930 com preços mais baixos que em 1929?

Sabem todos que o preço do Café em 20 annos, de 1909 a 1929, não variou, em média, para o consumidor. Depois da crise de 1929, uma das circulares que mais atacaram o plano do Instituto dizendo que o preço provocava a diminuição do consumo, reconhecia seu erro dizendo em Janeiro de 1931:

CIRCULAR DE NORTZ & CO., EM 9 DE JANEIRO DE 1931

"Ao lerem nossas circulares sobre a situação do Café, desejamos que os nossos amigos, especialmente no Brasil, comprehendam um ponto muito claramente e que é que nós mesmos assim como uma grande maioria do commercio de Café, não temos interesse especial em preços mais baixos para o producto. Concordamos com aquelles que pensam que

como as cousas estão, o volume do consumo de Café permanecerá praticamente o mesmo a 20 cents. como a 10 ou menos como éra cotado e que, provavelmente, não existe um unico distribuidor de Café que não preferisse vendel-o a 30 cents. de que a 10 cents. por motivos obvios."

Diz a circular DELAMARE de 19 de Junho de 1931:

> "...deve-se notar tambem que o consumo de café tem sido sempre muito incerto e nunca obedeceu a qualquer lei."

Com isso que estamos relatando não estamos querendo prégar que os preços de um producto devem ser altos para que augmente a venda desse producto. Longe disso. Bem ao contrario affirmavamos em nosso relatorio de 1928 quando diziamos:

> "Estuda o Instituto meios de avolumar os "stocks" de cafés finos em Santos, com o duplo fim de evitar grandes altas, e augmentar a exportação."

e mais adiante:

> "E' claro que não foi nunca o intuito do Instituto elevar, arbitrariamente, os preços. Ninguem ignora que os preços exaggerados dão lugar á procura dos succedaneos, e que, se o Brasil pretendesse obter preços além do custo da producção e lucros razoaveis, iria facilitar o desenvolvimento das plantações nos outros paises."

O que no entretanto reaffirmamos é que em 1928 o Café não soffreu diminuição do consumo devido ao seu preço; que o factor preço não foi causa de menor exportação. E tanto é assim que o preço do nosso Café cahiu a 8 cents. e não conseguimos fazer concorrencia aos outros productores, pois a Colombia continuou a vender tudo que produz a 19 cents, augmentando mesmo a sua exportação, pois vendeu de 1.° de Julho a 30 de Junho de 27-28 — 2.602.457; em 28-29 — 2.607.581; em 29-30 — 3.060.866 e em 30-31 — 3.017.036 saccas; que baixando o preço não venderiamos mais. E isso ficou provado pelos factos. Em 1930, de Julho a Dezembro, Santos exportou 245.000 saccas a menos

do que em igual periodo de 1929 em que os preços éram muito mais altos.

Só a exportação da Allemanha cahiu sobre o total importado de Café brasileiro, em 1930, para 33 %, quando tinha sido em 1929 de 36,9 % e em 1928 de 42,7 %.

Em 1930 apuramos £ 33.000.000 a menos no valor do Café vendido em relação a 1929 e até agóra o preço não influiu no augmento do consumo, pois o que apenas houve foi augmento nos stocks de cafés do Brasil depositados nos portos extrangeiros como próva o seguinte quadro :

Exportação de café do Brasil (Dados da Estatistica Official)

	1926	1927	1928	1929	1930
Saccas . . .	13.751.000	15.115.000	13.881.000	14.281.000	15.288.000
Contos de réis	2.347.645	2.575.625	2.840.415	2.740.073	1.827.577
Esterlinos. .	69.582.000	62.689.000	69.701.000	67.307.000	41.179.000

Supprimento visivel no extrangeiro de cafés do Brasil, 1.° de outubro. (Dados do sr. E. Laneuville)

	1927	1928	1929	1930	1931
Brasil. . . .	3.667.000	3.812.000	3.678.000	4.254.000	4.814.000

Donde se vê que o stock visivel de cafés do Brasil no mundo éra em 1927 e 1929 de 3.600 mil e poucas saccas e passou a ser de 4.814.000 saccas em 1931. Lógo, não houve augmento de consumo e sim de supprimento visivel.

Mas se o preço alto tivésse sido a causa da maior retenção, por elle não póde ser accusado o Instituto.

Ensinou-nos a guerra mundial que a procura de mercadoria e a alta de seus preços está em relação directa com a inflação ou deflação da moéda, ou melhor, quanto mais augmentam as facilidades de meios de pagamentos, mais se vendem mercadorias. — G. Cassel.

Portanto, como queriam ou querem os que prégavam contra a diminuição de vendas de Café, que se criassem stocks do outro lado no momento em que pela erronea theoria de alguns, entre os quaes os americanos, cortavam-se abruptamente os creditos para reduzir o custo da vida?

Lições formidaveis tirámos da grande guerra. Durante a grande conflagração os preços subiram não pela diminuição de producção mas pela inflação, pelas fórmas de pagamentos a credito criadas. Cessou a guerra e o augmento de producção não fez cahirem os preços porque continuou a desvalorização das moédas e multiplicidade de fórmas de pagamento.

Passaram os paises a luctar pela valorização de suas moédas, e com a deflação e a restricção dos creditos tivémos a desvalorização dos productos pela restricção das compras.

Esses phenomenos que vinhamos acompanhando com o maximo cuidado quando faziamos a defeza do Café é que nos levaram a não alterar os preços para uma baixa inutil, procurando, no entretanto, evitar os impostos novos, para augmentar o consumo sómente pela propaganda e melhoria do producto.

Quando no começo do nosso Governo recebemos a visita do Vice-Presidente do City Bank, de New York, insistimos para que nos falasse sobre a defeza do Café e pedimos-lhe que fizésse vêr nos Estados Unidos que, quando vendiamos bem o nosso Café, éramos delles bons freguezes de automoveis, radios, apparelhos de electricidade e outros artigos, e que se elles nos fizéssem guerra aos preços do Café só lucrariam, exaggeradamente, os intermediarios, pois o consumidor americano nada lucraria com a baixa, continuaria a pagar o mesmo preço e nós, compradores de productos americanos, não teriamos meios para continuar a ser bons freguezes do seu commercio em geral.

O tempo veio mostrar que tinhamos razão. Emquanto os americanos, seguindo o exemplo europeu, com suas barreiras alfandegarias quizerem defender a sahida do ouro americano para compra de productos de outros paises e com a elevação dos juros quizerem impedir a abertura de creditos para os seus importadores, comprarão menos de facto dos outros, mas tambem diminuirão a venda de seus productos.

Agóra, é evidente que a retenção éra e é no momento para o caso do Café o unico meio possivel de regularizar o equilibrio entre a offerta e a procura.

Com a retenção, quando a producção augmenta e os stocks avolumam-se, vae o lavrador comprehender que o seu lucro diminue e, portanto, será obrigado a procurar produzir mais barato; que não póde ter interesse no augmento de sua producção, pois vae demorar mais a vendel-a, e cuidará de compensar a baixa de preço produzindo outras cousas. Além disso, as zonas velhas produzindo menos, sentirão mais pezada a retenção, pois emquanto o lavrador que produz 100 retem, digamos, 50 % ou sejam 50, o que produz 25, retendo igualmente 50 %, só poderá vender 12 1/2 e assim por diante, até desapparecer. Mas isso se dará lentamente, de maneira a que não haja uma destruição e sim uma substituição de riquezas, pois as zonas improprias irão lentamente mudando de explorações agricolas e os stocks retidos começarão a cahir.

EFFEITOS DA RETENÇÃO

Éra natural que em 1929 o lavrador começasse a sentir a retenção. Ao contrario do primeiro periodo de grandes lucros, de vendas immediatas, em que não havia sobras de Café, passava para o de menores lucros causados pelas grandes safras e obrigatoria retenção de sobras, mas éra isso necessario justamente para produzir o equilibrio.

As grandes safras de 1927-28 e 1929-30 não seriam evitadas se, ao entrar para a direcção do Instituto, deixassemos os preços irem de arrastão, sendo que se o café leva 4 annos para produzir como iria eu evitar, baixando os preços em 1927, as safras volumosas de 1927-28 e 1929-30?

O lavrador no entretanto não comprehendeu: gritou que éra preciso baixar os preços para vender tudo, como se isso fôsse possivel, e verificou a desilusão de suas esperanças.

Se o preço tivésse sido mantido, a retenção seria a mesma como foi, e o problema seria resolvido sem calamidades como terá de ser pela mesma fórma que então tinha sido traçada. Destruir excesso de producção é provocar a má vontade dos consumidores; ao envez, guardar sobras para vender quando houver falta, é criterio commercial.

Os preços estão em funcção da quantidade de venda quando é entre os commerciantes que a concorrencia se estabelece. Quando por melhor organização ou melhor reclame um commerciante póde vender mais barato que outro, ás vezes elle vende mais, mas se são os productores que tendo superproducção vão vender mais barato para vêr se vendem mais, o que elles poderão é conseguir só a sua ruina, mas nunca augmentar as suas vendas. Se ha excesso, quanto mais barato se offerecer menos se tenta a procura. Veja-se o que aconteceu entre nós. Baixou-se o preço e o consumo diminuiu.

Tambem é sabido que com a organização das bolsas modernas o commerciante não tem necessidade de fazer stocks para obter lucros. Se elle achasse baixo o preço da mercadoria compral-a-ia no termo, onde com minimo capital elle asseguraria o seu fornecimento sem despezas de armazenagem prolongada e juros de custo.

A CRISE ECONOMICA DE 1929

OS MOTIVOS DE MINHA RETIRADA DA SECRETARIA DA FAZENDA

AO retirar-me do cargo de Secretario da Fazenda e de presidente do Instituto de Café do Estado de S. Paulo, em 11 de Outubro de 1929, entendi que o interesse economico do país não me permittia publicar as razões porque assim procedia.

A leitura da carta que em seguida transcrevo, vae demonstrar que de facto a sua anterior publicação poderia acarretar para mim a responsabilidade de, desvendando o pensamento do Governo Federal, dar motivo a este de lançar ás minhas costas a responsabilidade da crise que diria ter se desencadeado, não por culpa delle, mas por ter eu lançado em publico as minhas previsões que elle dizia serem fructos de idéas derrotistas!

Foi por isso que, discordando do módo de pensar do Governo Federal, na questão do Café, retirei-me do Governo de S. Paulo e esperei que os factos demonstrassem de sobejo que eu tinha razão e estava certo.

Eis a carta a que me referi:

"São Paulo, 3 de Outubro de 1929.

Senhor Presidente:

A organização da defeza do café foi feita em moldes perfeitamente seguros. A limitação das entradas nos portos de exportação a um total de 1.870.000 saccas exigiam um capital maximo de Rs. 350.000:000$000 para a compra de todo o stock exportavel a Rs. 31$194 por 10 kilos, o que na pratica seria impossivel pensar ser necessario ir até

esta quantia, porquanto para tanto era preciso que cessasse a exportação total do café do Brasil.

Lógo, com o capital maximo de Rs. 100.000:000$000, facil seria á Defeza impedir a baixa dos mercados de café em qualquer tempo. A par desta medida de defeza commercial, foi feita a organização do financiamento aos lavradores, aos quaes se emprestava a 60$000 por sacca de café e o credito hypothecario pelo qual se adiantava a 2$000 sobre hypotheca, ao prazo de 15 annos, por pé de café.

Como sabe V. Excia. foram lançadas com grande acceitação em Londres as Séries "A", "B" e "C" e a Série "D", embora prompta, não foi lançada nos mercados europeos porque, em Junho, quando assim ia se fazer, necessitou o Banco do Brasil de um credito de £ 5.000.000 em Londres e o Banco do Estado, a pedido do Sr. Gordo, preferiu abrir mão de lançar immediatamente esta série para facilitar ao Banco do Brasil obter aquelle credito, com vencimento para Abril, com Lazard Brothers & Co. Ltd.

Sobreveiu agóra, no momento em que ia ser lançada esta série, uma grande crise em todos os mercados extrangeiros e ficou assim suspenso o lançamento, aguardando-se que melhorassem os mercados, para que na primeira opportunidade fôsse lançada aquella série "D". E como o Banco do Estado havia conseguido de Lazard Brothers & Co. Ltd. aquelle credito de £ 5.000.000 para o Banco do Brasil, para o que deixou de lançar a Série "D", este ultimo adiantou Rs. 40.000:000$000 sobre a referida Série "D" para ser pago quando esta fôsse lançada.

Com a organização que foi assim dada á defeza do café, conseguimos até hoje manter os preços perfeitamente estaveis, não tendo um só dia havido extremecimento de confiança nos mercados e tendo o país conseguido grandes sommas sobre as exportações de café verificadas nestes annos. Com essa organização dada á defeza do café trouxemos para o país £ 5.000.000 para adiantamento sobre conhecimentos e £..... 3.750.000 para letras hypothecarias, além, como já dissemos, dos grandes valôres ouro obtidos com os cafés vendidos a bom preço.

Vê-se assim que a defeza caminhava perfeitamente e que no momento em que fôsse opportuno voltar-se a lançar as letras ouro no extrangeiro, poderiamos continuar a canalisar para o país grandes sommas ouro, pois tendo só São Paulo 1.300.000.000 pés de café poderiamos obter sobre as propriedades agricolas até Rs. 2.600.000:000$000 ou sejam £ ...... 65.000.000.

Vinha assim o Instituto agindo, mantendo os preços mais ou menos estaveis, quando em Dezembro do anno passado V. Excia. me ordenou que, obedecendo á vontade do Sr. Presidente da Republica, fizésse os preços baixar para vêr se conseguia augmento na exportação de café ao que eu objectei que baixando os preços no momento a exportação diminuiria, mas cumpri as ordens recebidas, o Instituto dispondo de todo o stock que possuia e conservando-se attento ao mercado para evitar qualquer panico.

Os preços baixaram bastante e o retrahimento dos mercados extrangeiros se pronunciou immediatamente, quando então V. Excia. ordenou-me novamente que firmasse os preços do mercado, confórme o Sr. Presidente da Republica desejava, para vêr se assim a exportação augmentava, ao que eu observei que firmados os preços os mercados novamente subiriam e que a exportação fatalmente augmentaria, o que succedeu: exportou-se sómente em Santos nos trez primeiros mezes deste anno, 400.000 saccas mais que em igual periodo do anno passado.

Acontece agóra que devido, como dissémos atraz, á crise aguda por que passam os mercados extrangeiros, torna-se impossivel quaesquer operações de credito, pelo que necessitavamos que o Governo Federal nos abrisse no Banco do Brasil o credito já combinado de Rs. 100.000:000$000 com caução de conhecimentos de café, para assim continuarmos o plano da Defeza do Café organizado.

E' preciso notar que os Rs. 100.000:000$000 que pedi ao Banco do Brasil para reforçar a caixa do Banco do Estado como medida de emergencia, seria mais para effeito moral, pois já havia combinado com os directores do Banco do Estado que limitassem suas transacções aos seus proprios recursos, só lançando mão desse credito em caso extremo.

No momento possúe o Instituto 157.000 saccas no mercado de Santos, compradas para receber em diversas datas até 30 de Dezembro; 234.000 no Rio e 61.750 em Victoria, pelas quaes o Banco do Brasil se obrigara a margens, tendo vendidas, contra posição de Santos, tambem para entregas até 30 de Dezembro, 100.000 saccas á American Coffee Corporation, que habitualmente é a compradora dos cafés que o Instituto vem a receber de posições compradas. Vê-se, portanto, que a posição do Instituto éra de perfeita ordem e segurança, sendo que nunca foi preciso fazer grandes compras de café para que continuassem os preços na altura que se desejasse e por prazo illimitado, emquanto fôssem obser-

vados os Convenios e para o que éram necessarios recursos relativamente insignificantes.

Solicitei do Sr. Director do Banco do Brasil o credito de Rs. 100.000:000$000 para accudir de momento ás necessidades do Banco do Estado, e como s. s. não me pudesse attender, não vejo meios, sem isso, de continuar a fazer ao mesmo tempo a defeza do café e accudir ás retiradas de depositos do Banco do Estado se estas avultarem.

Peço a V. Excia. me dizer o que devo fazer.

Vejo, caso não haja uma solução immediata, grave risco para a situação economica do país. Se não se defende a riqueza que nos dá o ouro, menor quantidade de ouro teremos a receber pela venda da nossa exportação, e quanto mais reduzido fôr esse ouro, menor será o numero de cambiaes que obteremos em tróca da nossa exportação.

Portanto, adepto sincero do plano de estabilização, eu não posso comprehender como esse plano possa subsistir se, ao envez de defendermos a riqueza que conseguimos com a venda do nosso producto, formos defender o ouro que tivermos accumulado dentro do país, porque este então terá que ir sahindo para cobertura de cambiaes vendidas e, depois delle esgotado, não produzindo a exportação ouro sufficiente, cada vez o descoberto irá sendo maior e não vejo então como encontrar os meios para manter a taxa cambial.

As operações de cambio, emquanto a producção produz resultado compensador, podem encontrar cobertura, podem encontrar nóvos creditos e podem ser afastadas para futuro mais remoto, mas depois de esgotadas as reservas e com o preço baixo para os productos que temos por exportar, só por meio de emprestimos, poder-se-ia ir encontrando cobertura para os "deficits" como manter, então, a taxa cambial?

Veja, Sr. Presidente, que se não fôr tomada uma providencia energica e immediata, não é só a economia de São Paulo que corre risco.

Sempre estive e nunca deixarei de estar ao seu lado para prestar ao Estado os serviços que me forem exigidos, mas, cabe-me o dever de lealmente expôr o meu módo de pensar e aguardar sua orientação.

Aguardo sua decisão sobre o assumpto.

Ainda devo informar que para accudir ás necessidades prementes do Banco do Estado e a Defeza do Café, éra necessario esse credito de Rs. 100.000:000$000 com prazo de 90 dias, periodo dentro do qual eu poderia ultimar no extrangeiro as negociações que já entabolei para um emprestimo

ao Estado, caso fôsse necessario, sobre Rs. 100.000:000$000 de apolices que temos para emittir, ou sejam £ 2.000.000, e o lançamento de outras séries hypothecarias do Banco do Estado.

Além disso, devo dizer que a arrecadação do Thesouro se avulta na segunda quinzena de Outubro e dos mezes de Novembro e Dezembro de cada anno, mezes em que, calculo, entrarão para os cofres do Thesouro para mais de Rs. 100.000:000$000.

O Banco do Estado tem em carteira, além dos conhecimentos dados em caução a Lazard Brothers & Co. Ltd. sobre £ 5.000.000, mais conhecimentos de 3.500.000 saccas livres que, na base do emprestimo de Lazard, representam mais de £ 5.000.000 disponiveis. Além disso, tem titulos descontados e nelle redescontados por outros bancos que montam em mais ou menos Rs. 80.000:000$000, e tem a receber sobre conhecimentos e prestações hypothecarias cerca de Rs. ..... 40.000:000$000 mensaes.

São essas as informações que me cabem prestar, esperando a orientação de V. Excia.

Devo dizer mais que, interrompendo o Instituto a sua actuação nos mercados, sobrevem desde lógo o panico, porquanto não se póde prevêr até onde os preços irão descer e quanto mais demorada fôr a volta do Instituto a actuar, mais difficil será o restabelecimento da confiança que até hoje elle conseguiu inspirar.

Com profundo respeito aguardo as ordens de V. Excia.

a) *MARIO ROLIM TELLES*

A carta acima transcripta foi por mim dirigida ao sr. Julio Prestes em 3 de Outubro de 1929 e por este senhor enviada ao sr. Washington Luis no mesmo dia.

O sr. Julio Prestes estava de pleno accôrdo com o meu pensar.

Depois de ter ido por duas vezes ao Rio de Janeiro expôr ao sr. Washington Luis que após a sahida do sr. Silva Gordo do Banco do Brasil, estava este tendo orientação completamente errada e nella persistindo iria arrastar o Brasil a um precipicio economico, escrevi então a alludida carta para bem frizar minhas convicções que, infelizmente, se realizaram.

(Devo explicar que eu chamara de erronea a acção do Banco do Brasil porque no momento em que a Republica dos Estados Unidos da America do Norte sugava o ouro de todo o mundo, dado o jogo da Bolsa de New York (call money), no momento em que todos os paises procuravam, lançando mão de seus proprios recursos, attender ás suas necessidades internas de credito, o Banco do Brasil operava a mais inopportuna deflação até então vista. Essa politica chocava-se contra a do Instituto de Café de dar credito aos productores e defender o valôr da producção, *unico processo economico que permittiria o equilibrio da balança de contas*. Qualquer abertura de credito feita pelo Banco do Estado, qualquer numerario lançado por este em circulação, éra immediatamente sugado pela deflação que fazia o Banco do Brasil, cortando os creditos de seus freguezes!

Não se pense que naquella occasião o Banco do Estado e o Instituto não estavam apparelhados para continuar, com firmeza, a defeza do Café. A situação do Instituto éra folgada, como se póde constatar dos quadros adiante transcriptos, que demonstram que o saldo em conta corrente do Instituto no Banco do Estado éra de Rs. 205.836:870$099, que o Banco do Brasil éra obrigado a margear as compras na Bolsa do Rio e que o Instituto tinha em Santos apenas a posição de comprado em 50.000 saccas para Dezembro de 1929.)

INSTITUTO DE CAFE' DO ESTADO DE S. PAULO

Saldos existentes nos Bancos, em 8 de Outubro de 1929

HISTORICO	DEBITO	CREDITO
Em C/C Movimento:		
Banco do Commercio e Industria de S. Paulo	1:613$800	
Banco do Brasil — Rio	487:740$040	
Banco do Brasil — Rio C/Vinculada ...	266:500$000	
Banco Noroeste do Estado de S. Paulo..	3.421:944$600	
Banco do Estado de São Paulo	1.659:071$659	
Em Deposito a prazo fixo:		
Banco do Estado de São Paulo, vencimento: 21/6/30	200.000:000$000	
Saldo		205.836:870$099
	205.836:870$099	205.836:870$099

Saldo em 8 de Outubro de 1929 .... 205.836:870$099

CONTABILIDADE, em 8 de Outubro de 1929.

Contabilidade

Visto

(a.) **P. Vasques**

Contador interino.

(a.) **C. Caldeira**

2.º Escripturario.

N.º 256 — 11/10/1929

"POSIÇÃO EM SANTOS"

STOCK .... 28.775 saccas
STOCK .... 1.000 saccas (Typo 7)

Posição comprada		Posição vendida	
Novembro	1.000 saccas	Café a entregar ...	100.000 saccas
Dezembro	151.000 saccas		
	152.000		

COMPRAS .... 81.775 saccas

"POSIÇÃO NO RIO"

STOCK .... 84.750 saccas

Posição comprada

Dezembro	191.000 saccas
Janeiro	10.000 saccas
	201.000 saccas

COMPRAS .... 285.750 saccas

"POSIÇÃO EM VICTORIA"

Posição comprada

Dezembro .... 63.250 saccas

COMPRAS .... 63.250 saccas

"POSIÇÃO GERAL"

COMPRADAS .... 430.775 saccas
CONHECIMENTOS .... 27.929 saccas

N.º 57 — 8/10/1929

MOVIMENTO DE CAFE' NO EXTRANGEIRO

"CAFE' SANTOS"

STOCK EM CONSIGNAÇÃO .... 13.493 saccas

"CAFE' EM NEW YORK"

CAFE' RECEBIDO .... 10.500 saccas
POSIÇÃO VENDIDA: Dezembro .... 5.500 saccas

"CAFE' RIO"

STOCK EM CONSIGNAÇÃO	17.902 saccas

"POSIÇÃO GERAL"

STOCK EM CONSIGNAÇÃO	31.395 saccas
CAFE' RECEBIDO	10.500 saccas
POSIÇÃO VENDIDA	5.500 saccas

Para pagar esses cafés contava com o deposito no Banco do Estado, de Rs. 205.836:870$099, como se vê da demonstração acima, e para pagar as posições no Rio tinha a obrigação do Banco do Brasil, como se verifica da carta do sr. Silva Gordo que transcrevo a seguir. Além disso, dispunha de diversos creditos em ouro.

"São Paulo, 2 de Janeiro de 1931

Illmo. Snr.

Dr. Mario Rolim Telles

São Paulo

Presado Snr.

Accusando recebida a carta de 30 de Dezembro findo que V. S. me dirigiu e que transcrevo:

"Peço-lhe a fineza de responder-me se não é verdade que em Abril de 1929, quando estava V. S. na Directoria do Banco do Brasil e eu na Secretaria da Fazenda de S. Paulo: — 1) ficou entre nós assentado que o Banco do Brasil redescontaria ou adeantaria sobre caução de conhecimentos de café ao Banco do Estado de S. Paulo, até a importancia de 100.000 contos de réis, caso fosse necessario; 2) se em Julho desse mesmo anno o Presidente da Republica não determinou a V. S. que communicasse ao Governo de S. Paulo a conveniencia de se levantar os preços de café; 3) se a meu pedido V. S. não escreveu uma carta á Caixa Registradora do Rio de Janeiro pela qual o Banco do Brasil se obrigava a fazer as entradas de margens para os cafés comprados pelo Instituto até 350.000 saccas de café.

Necessito desses seus valiosos esclarecimentos para fazer a defeza da minha actuação no cargo de Presidente do Instituto de Café do Estado de São Paulo.

Antecipadamente agradecido pela sua resposta, etc. etc."

a minha resposta é a seguinte: Ao 1.º) Sim. E' exacto. Não, porém, em Abril de 1929, mas sim exactamente em 23 de Julho de 1929 em S. Paulo quando aqui estive e occupava então a Presidencia do Banco do Brasil. Ao 2.º) Não. O snr. Presidente da Republica não me determinou que communicasse ao Governo de S. Paulo a conveniencia de se levantar os preços de café. Ao 3.º) Sim. Transcrevo mesmo a carta de responsabilidade que V. S. como Presidente do Instituto de Café me dirigiu sobre o assumpto:

"São Paulo, 19 de Julho de 1929

Illmo. Snr. José da Silva Gordo
Presidente do Banco do Brasil
Rio de Janeiro

RESERVADA

Presado amigo Snr. Gordo:

Estando os snrs. Murray, Simonsen & Co. Ltd. por intermedio da Companhia Nacional de Commercio de Café, dessa cidade, cumprindo ordens do Instituto de Café, venho pela presente autorisar-lhe a declarar á Cia. Registradora e Caixa de Liquidação do Rio de Janeiro, que esse Banco assume a responsabilidade pela entrada de depositos e margens que se tornarem necessarios até quatrocentas mil saccas.

Agradecido, subscrevo-me, etc., etc.

(assignado) *MARIO ROLIM TELLES*
Presidente do Instituto."

Esclarecendo as respostas dadas ao primeiro e segundo pontos, cabe-me accrescentar o seguinte: Ao 1.º) que o Banco do Brasil dispondo de optimos recursos, nada mais estava fazendo, sem alarde, de que cumprir a sua missão — o redesconto, que estava sendo concedido a outros bancos grandes e pequenos; que até a minha sahida do Banco do Brasil em 11

de Setembro de 1929, V. S. não se utilisou da faculdade concedida, demonstrando assim uma exacta comprehensão do que seja o redesconto, medida de emergencia; que nenhuma carta trocamos a respeito na occasião por desnecessaria, visto que o redesconto no banco official da nação, sendo, como deve ser, uma operação normal, não necessita de outras formalidades. Assim sempre procedi com relação a outros grandes bancos nacionaes, cujos directores dispensaram qualquer troca de cartas. Ao 2.º) — que em Junho do mesmo anno de 1929, na segunda quinzena, estando eu na Presidencia do Banco do Brasil, em substituição do então Presidente dr. Leão Teixeira, e vindo a S. Paulo manifestei a V. S. a apprehensão que estava me causando a baixa mais ou menos brusca do café, notadamente no mercado do Rio, facto este que a meu vêr, estava acarretando escassez de coberturas no mercado de cambio. V. S. informou-me então, sob reserva, que o mercado de café, em consequencia de ordens recebidas do snr. Presidente da Republica estava sem "contrôle", dahi provindo a sua baixa para satisfazer aquellas ordens. De regresso ao Rio, entendi-me com o snr. Presidente da Republica a quem fiz vêr que qualquer mudança brusca na politica do café provocaria o retrahimento, que já se estava dando, da parte dos nossos consumidores e, com a consequente escassez de coberturas, o provavel fracasso da politica de S. Excia. — a estabilisação cambial. Concordava eu plenamente com S. Excia. em que os preços demasiadamente altos não convinham a um grande productor de uma mercadoria, pela concurrencia externa que estimulava, mas discordava de S. Excia. em que se mudasse bruscamente a politica do café por contra-producente ao escopo do programma principal do governo federal — a estabilisação cambial. As minhas ponderações de que a baixa de preços só lenta, gradativamente *e por etapas* se justificaria para não se sacrificar a confiança interna e externa e igualmente o seu plano financeiro, parece-me que tiveram certa influencia no espirito do snr. Presidente da Republica. Assim, lógo após a conferencia que tivemos no Guanabara, ou alguns dias depois, o snr. Presi-

dente da Republica deveria ter telephonado directamente ao Snr. Presidente de S. Paulo, alterando as suas instrucções anteriores, porquanto restabeleceu-se, como sabe V. S., o "contrôle" do mercado de café, com real proveito para o mercado cambial. Tive mesmo o prazer de demonstrar isso ao snr. Presidente da Republica, pois a reacção no mercado de café se seguiu á do mercado de cambio, permittindo ao Banco do Brasil, a obtenção de grande numero de cambiaes, cujo valor num só dia da segunda quinzena de Julho attingiu a cerca de dois milhões de dollars.

Autorizando V. S. a fazer da presente o uso que lhe convier, subscrevo-me com muito apreço,

de V. S.

Amo. Obrdo.

(assignado) *J. S. GORDO"*

O Banco do Estado de S. Paulo podia continuar o financiamento dos conhecimentos; o systema desse financiamento éra rotativo e o Banco recebia, nesses mezes, entre prestações hypothecarias e resgates de conhecimentos de Café a chegar a Santos, para mais de 100.000:000$000. Os pedidos de creditos sobre conhecimentos, de 29 de Setembro, dia em que suspendi esses adiantamentos, até 11 de Outubro, data em que deixei a Secretaria da Fazenda, foram apenas de ...... 25.000:000$000. A suspensão de financiamento foi feita momentaneamente, emquanto se resolvia a questão da recusa do redesconto do Banco do Brasil para com o Banco do Estado, e o ponto de vista naquelle momento contrario ao meu, em que o Governo Federal collocava a questão de fazer a baixa do preço do Café pensando vender mais e obter assim, com facilidade, as cambiaes que precisava. Note-se que em Janeiro de 1929 eu achei conveniente reduzir para 25$000 por 10 kilos o preço do Café em Santos e por isso o Instituto, *desde Janeiro a Junho de 1929, vendia Café em Santos para evitar alta.*

Em Julho, quando a crise dos mercados financeiros mundiaes esboçava-se, achei que éra conveniente deter os preços do Café para reduzil-os de accôrdo com as conveniencias, em momento mais opportuno.

Antes que isso eu tivésse resolvido, a falta de cambiaes sentida pelo Banco do Brasil, fez que o Presidente da Republica insistisse para que se mantivésse o preço do Café, confórme me communicou o sr. Presidente do Estado, e como consta da Mensagem do Governo Federal de 1929, fls. 45. Assim, o preço foi sustentado em 34$500, quando com a sahida do sr. Silva Gordo e a previsão de que a falta de numerario acarretaria a crise do credito e consequente crise economica, caso não houvesse o redesconto, fui levado a saber do Banco do Brasil se poderia fazer o redesconto para o Banco do Estado, quando necessario, e confórme havia sido combinado por mim com o sr. Silva Gordo. Essa minha duvida em relação ao Governo Federal foi motivada pelas indecisões que elle já havia manifestado em Dezembro de 1928 relativamente á defeza do Café.

O Governo Federal novamente com outra orientação financeira, recusou o redesconto combinado e ainda entendeu que a baixa immediata do preço do Café é que resolveria a situação!

Isto o Presidente do Banco do Brasil, sr. Guilherme da Silveira, affirmou-me e continuou a affirmar, e pódem ainda dizer sobre o assumpto os srs. dr. Roberto Simonsen, Antonio Palmieri, Manhães Barreto e todos que com elle falaram quando veio a São Paulo em visita de medico financeiro, depois de minha retirada da Secretaria da Fazenda de S. Paulo.

Pretendia o sr. Guilherme da Silveira que baixando o preço vender-se-ia mais Café, que o que se perdia em valôr ganhar-se-ia pelo volume de vendas. (Theoria de Cassel em relação aos artigos em que ha abstenção de compras devido ao preço.) Enganou-se. Vendeu-se menos quantidade de Café em 1930 do que em 1929, apezar dos esforços do sr. Guilherme da Silveira em tapar o diminuto de exportação com

as operações que então ordenou a casas exportadoras, para encobrir ao publico o seu fracasso!

Mas voltemos á exposição dos factos. Em fins de Julho de 1929 pedia eu a attenção do sr. Presidente do Estado para a crise financeira que ameaçava o mundo e que fatalmente repercutiria até nós, dada a carencia de ouro que éra todo absorvido pelo mercado americano onde encontrava juros fabulosos, mercê da especulação de titulos na Bolsa de New York que attingia então ao auge.

Prevendo que essa situação anormal iria trazer falta de numerario ao nosso Estado, eu havia combinado com o então Presidente do Banco do Brasil, sr. Silva Gordo, que, dada aquella situação de New York que impedia a consecução de creditos no extrangeiro, e dada a deflação que o Banco do Brasil mantinha para facilitar a defeza do cambio, me fôsse garantido o redesconto, sob garantia da carteira do Banco do Estado, de valôres até 100.000 contos de réis. E isso ficou combinado. Em Setembro de 1929, não estando já o sr. Silva Gordo na presidencia do Banco do Brasil, e prevendo que avisinhava-se o momento agudo da crise de New York, procurei o sr. Presidente da Republica e depois de expôr a este o que pensava necessario fazer respondeu-me S. Excia.: "O Café não me interessa mais. A Inglaterra não abandonou a defeza da borracha? Para o cambio eu tenho o saldo da Caixa de Estabilização que dá para as necessarias remessas até o fim do meu Governo e para manter a taxa da estabilização!" — Respondi-lhe que sem a defeza do preço do Café elle não sustentaria a taxa cambial.

Marcou-me S. Excia. uma nova conferencia para a tarde, aconselhando-me a conversar antes com o sr. Guilherme da Silveira sobre o redesconto. Procurei o sr. Guilherme da Silveira a quem expuz o que havia combinado com o sr. Silva Gordo. Disse-lhe eu que conforme a correspondencia trocada (transcripta á pag. 29), o Banco do Estado tinha o compromisso de redesconto no Banco do Brasil; que nada havia redescontado no Banco do Brasil, da promessa do sr. Silva Gordo, e éra apenas devedor ao mesmo Banco do

Brasil de 40.000 contos de réis por conveniencia deste Banco por lhe ter o primeiro facilitado, junto a Lazard Brothers & Co. Ltd., um credito de £ 5.000.000, quando abriu mão de um adeantamento em ouro sobre a serie "D" cedeu-lhe o Banco do Brasil os 40.000 contos dos 200.000 que o Banco do Estado se empenhou para conseguir com Lazard Brothers & Co. Ltd. — Veja-se a seguinte carta:

"São Paulo, 30 de Março de 1929

Exmo. Sr. Dr. Mario Rolim Telles
DD. Secretario da Fazenda do Estado de S. Paulo
CAPITAL
Exmo. Sr.

Temos o prazer de juntar á presente uma copia da carta que, nesta data, escrevemos ao sr. José da Silva Gordo, DD. Director da Carteira de Cambio do Banco do Brasil e que se refere á conferencia que o nosso socio, sr. Wallace Simonsen, teve com o mesmo senhor na presença de V. Excia.

Verá V. Excia. que se acham bem encaminhadas as negociações para o credito de que fômos incumbidos de arranjar em Londres para aquelle Banco e pelo qual V. Excia. se mostrou interessado.

Temos toda a esperança de poder communicar a V. Excia. dentro de breves dias, que as negociações chegaram a feliz termo.

Podemos assegurar a V. Excia. que muito nos temos esforçado para isso, procurando assim corresponder á confiança que V. Excia. declarou depositar na nossa acção.

Com os nossos agradecimentos e protestos de distincta consideração, subscrevemo-nos,

de Va. Excia.

Amos. Attos. Obros.

a) *MURRAY, SIMONSEN & CO. LTD.*"

Assim pretendia eu do sr. Guilherme da Silveira que o Banco do Brasil mantivésse o compromisso, confórme diz a carta retro, do seu anterior Presidente, sr. Silva Gordo, de redescontar para o Banco do Estado 100.000 contos de réis, e acreditava que, provavelmente, nem desse credito o Banco

do Estado se utilisaria. Desejava esse credito mais para effeito moral, e se o Banco do Brasil, que fazia a deflação e tinha uma caixa de 800.000 contos de réis, o recusasse, teria o Banco do Estado de fechar por sua vez o credito por elle aberto a outros bancos de São Paulo, para só attender á defeza do Café, e essa suspensão de creditos seria inconvenientissima naquelle momento. Como fazer a deflação si no momento a isso se oppunham:

1) a retracção do credito mundial provocada pelo jogo da Bolsa de New York;

2) a época dos pagamentos geraes nas fazendas?

A essas ponderações observou o sr. Guilherme da Silveira que não podia attender ao pedido de ser mantido o credito de 100.000:000$000 do Banco do Estado; poderia quando muito redescontar 20.000:000$000 por mez. Que o Café éra a desgraça do país! Que a baixa do preço do Café seria util para o país, pois venderia mais Café e assim obteria maior numero de cambiaes!)

Não devo fazer outros commentarios. Em face desses acontecimentos foi que desenvolveu-se *a crise economica de 1929.*

O sr. Presidente do Estado, que foi em seguida duas vezes ao Rio tratar do assumpto, nada conseguiu e communicou-me que o sr. Washington Luis continuava a não estar de accôrdo com o meu pensar manifestado na carta retro referida: achava-me derrotista nas minhas previsões. Motivou isso o meu pedido de demissão: eu não devia atirar a União contra São Paulo. A pedido do sr. Julio Prestes não declarei que estava em desaccôrdo com o módo de pensar do sr. Washington Luis, e recebi do primeiro a seguinte resposta ao meu pedido de demissão:

GABINETE DO PRESIDENTE
DO
ESTADO DE S. PAULO

11645

11 de outubro de 1929

Prezado Amigo Dr. Mario Rolim Telles,

Cordiaes saudações.

Accuso o recebimento da attenciosa carta em que o prezado amigo me apresenta o seu pedido de demissão de Secretario da Fazenda, cargo que vinha exercendo com elevada proficiencia.

Attendendo á sua solicitação, dado o motivo em que ella se funda, e que diz respeito á sua saúde, bastante abalada pela somma de esforços que tem dispendido em prol dos grandes interesses ligados á sua pasta, lamento sinceramente que o actual governo de São Paulo se veja privado de sua brilhante collaboração, sempre orientada no alto sentido de bem servir á causa publica.

Agradeço-lhe cordialmente o dedicado auxilio que dispensou á minha administração e faço votos pelo prompto restabelecimento de sua preciosa saúde para que possa, com os meritos que lhe são peculiares, prestar ainda os seus valiosos serviços ao Partido Republicano Paulista e a São Paulo.

Com a estima de sempre, seu

amº. affº.

a) *JULIO PRESTES*

Que eu estava certo prova:

a) que até agóra não appareceu outro melhor methodo de defeza;

b) que baixando-se o preço quasi 50 %, em 1930 vendeu-se menos do que em 1929 — augmentando-se sómente os stocks no extrangeiro;

c) que até o dia em que deixei o Instituto de Café mantive a base da defeza de 33$500 e póderia manter por muitos annos o preço na base necessaria á defeza, dados os recursos de que dispunha o Instituto;

d) que o Instituto não teve prejuizos durante a minha gestão (vide quadro a seguir);

e) que culpa não me cabe se resolveram mudar o plano de defeza e baixar os preços pensando isso consultar os interesses da lavoura e do país;

f) que liquidada a posição do Instituto no dia em que sahi teria o Instituto o lucro de Rs. 511:065$925 (vide quadro a seguir);

g) que o Instituto tinha depositado no Banco do Estado a importancia de Rs. 205.836:870$099 (vide pagina 27), portanto, estava habilitado a fazer a defeza do preço;

h) que os americanos queriam comprar o café a 33$500 como prova a venda de futuros e de grande quantidade de conhecimentos feita nessa occasião a duas grandes casas americanas;

i) que em Agosto de 1930, applicado novamente o meu methodo de defeza no termo, feita por conta do Banco do Brasil, os mercados de café e cambio firmaram e o café attingiu a 24$000 por 10 kilos;

j) que no dia em que deixei o Instituto este tinha em Santos apenas a posição de 50.000 saccas compradas além das 285.750 no Rio e 63.250 em Victoria, estas ultimas sómente para trazer o equilibrio da exportação de Santos, medida aliás justificavel, pois ficou provado ser só S. Paulo quem carregava os stocks;

k) que além disso o Banco do Brasil estava obrigado a entrar com as margens que fôssem necessarias no Rio;

l) que o Instituto, segundo o balanço encerrado em 31 de Dezembro de 1929, trez mezes depois de minha retirada da sua presidencia, apresentava o activo de 330.409:845$756, e em 31 de Dezembro de 1930 o balanço publicado pela Republica Nova apresentava o activo de 349.498:427$887. Lógo, a minha gestão não havia positivamente perturbado o patrimonio do Instituto.

NOVA DEFEZA NA BOLSA

Só em Agosto de 1930, comprehendeu o Governo Federal, quando viu o cambio pender para a casa dos 4 e a falta de sahida de Café, o erro em que havia elaborado quando não attendeu á minha carta de 11 de Outubro de 1929, e, *pelo Banco do Brasil, convidava a mesma firma que operou nas anteriores defezas por mim dirigidas, a novamente defender o Café nas bolsas.* E assim foi feito.

Nessa occasião havia eu escripto ao Sr. Julio Prestes o seguinte:

> "Conversando, eu não posso expôr meu pensamento com o methodo preciso, porque as interrupções desviam as idéas e assim resolvi ir escrevendo o que vou pensando, e você me dirá depois o que acha do que escrevo. Devo antes de tudo affirmar a você que estou certo de que tudo quanto fiz como Secretario da Fazenda e Presidente do Instituto de Café, acho perfeitamente exacto, principalmente agóra passado quasi um anno que de lá sahi e que os factos vêm attestando a verdade do que em finanças eu dizia, fazia e previa.
>
> Hoje não vou recordar factos da defeza do café, nem estudal-a antes e presentemente, pois é cousa facilima manejal-o ao preço que se quizer. Isso farei outro dia.
>
> Hoje vou analysar a situação economica e quaes os meios que vejo poder corrigil-a.
>
> Acho que a situação ainda encontra solução satisfactoria e rapida. Vejamos:
>
> Como regularisar nossa vida economica no momento? Curando os males economicos que nos affligem mais de perto.
>
> Qual o mal economico que no momento mais affecta a nossa situação financeira? A falta de credito; pois das coisas moveis e immoveis não se sabe o valôr e sobre ellas nada se obtem, porque o pouco capital existente esconde-se desde que não sabe o valôr dos objectos que o procuram até onde pode cahir e, portanto, não se arrisca o capital quando não conhece o valôr que o procura como garantia.
>
> Lógo, para concertar ou antes deter a quéda dos valôres economicos, primeiro que tudo se torna mistér restaurar o credito.
>
> Como restaurar o credito? Dando aos bancos meios de encontrarem o numerario necessario dos pedidos de creditos.

Fazendo vêr claramente a quem tem capital que pode applical-o, porque não haverá mais falta delle, porque para os negocios legitimos e para os valôres reaes elle existe e acóde ás necessidades.

Isto tudo só se consegue com o estabelecimento do **desconto** e este só póde existir com certeza do **redesconto** em caso de necessidade.

Assim é essencial como ponto de partida para a cura das finanças do Brasil o estabelecimento claro e amplo do **redesconto bancario,** a juros rasoaveis.

Com que capital se vae contar para estabelecer o redesconto bancario amplamente? (Isto se propunha para a situação economica de 1930.) Conseguindo com emprestimo externo o capital ouro do valôr de 25 milhões esterlinos, sobre o qual o Banco Central de Emissão e Redesconto poderá emittir até dez vezes o valôr de seu capital.

Os descontos deverão ser a prazo maximo de 120 dias.

Os juros de 6 % a 12 % sendo progressivos quando as emissões forem ultrapassando o capital nominal do Banco.

Poderão ser redescontados todos os titulos commerciaes com duas firmas abonadas e a de um Banco, ou a de um agricultor com um commerciante de café e um Banco.

Creado o Banco nesse molde, quer dizer, dentro do programma da estabilização, dever-se-ha fazer subir progressiva e lentamente o preço do café, obedecendo-se para isso aos principios da anterior defeza que são inexpugnaveis.

Subindo os preços as sahidas augmentarão rapidamente e garantirão a volta do credito e dos valôres, até que então o tempo permittirá que se desenvolvam outras fontes de producção que venham ajudar o equilibrio de nossa balança de contas.

E' claro e evidente que com o café a menos de 25$000 por 10 kilos não podemos ter ouro sufficiente ás nossas necessidades e se não podemos emittir e não podemos egualmente viver a fazer enormes emprestimos, onde vamos achar o ouro necessario ao equilibrio de nossa balança de contas? E além disso se pela estabilização só contamos com augmento de circulação quando entra ouro para a Caixa de Estabilização e sobre este emittem-se as notas ouro, quando este ouro sahe ou quando a exportação desvaloriza, ficamos reduzidos a circulação do papel moéda existente. O encaixe bancario absorve metade deste. O país é enorme, a circulação é lenta, o pequeno proprietario guarda as economias no fundo do bahú. Acabe-se portanto o meio circulante, como vamos viver? Com

que capital vamos produzir? Como plantar sem capital? Como commerciar sem capital? Como fabricar sem capital?

Lógo a falta de numerario traz o empobrecimento, traz a falta de credito, traz a diminuição de todas as fontes de producção.

Diziamos que com o café a menos de 25$000 não póde haver estabilização da moéda nem certeza da riqueza do Brasil porque se o café representa 80 % da nossa exportação o seu valôr é a medida de nossa fortuna publica e particular, e, portanto, o thermometro de nosso credito.

Sobre o valôr do café augmentam ou diminuem os outros valôres e, portanto, até a arrecadação fiscal.

Agóra admittamos que não se consiga o emprestimo externo, para o capital ouro necessario ao Banco Emissor e de Redescontos.

Sem credito nosso empobrecimento teria de ir até ao ponto em que o **meio circulante actual,** 2 milhões e meio de contos, **fôsse sufficiente** ao valôr de nossa vida agricola e commercial!!

Não, caso não encontrassemos o emprestimo externo teriamos então de, tentando sempre para a estabelização do valôr da moéda, elevar o preço do café e com os 10 milhões ouro que tem o Banco do Brasil lastrar a emissão necessaria a nossa vida economica até que as condições economicas permittissem a creação do Banco Emissor e de Redesconto.

Mas sempre e tudo depende do preço do café.

Convem insistir que não havendo credito vão os valôres cada vez mais cahindo e cahindo tambem o mil réis, porque é interessante que assim como o cambio cahe com a inflação sem base elle tambem cahe com a ameaça de quéda do valôr do principal artigo de exportação, como o café, porque se o cambio depende em grande parte do equilibrio da balança de contas é claro que a ameaça de menor entrada de ouro, pela baixa do preço dos productos de exportação, vae ferir a estabilização cambial ameaçando-a mais que a emissão, porque a emissão ameaça o cambio na proporção do papel sem lastro que se joga na circulação e que vae caçar o ouro, isto é, se emittirmos cem mil contos sem lastro, estes cem mil contos vão ameaçar o extrangeiro de podermos comprar-lhes o ouro por cem mil contos menos do que podiamos fazer com o capital que tinhamos em circulação, lógo em defeza elle eleva o preço do ouro. Da mesma maneira quando baixamos o preço de nossa mercadoria de exportação, nosso cambio corre

risco porque nossa capacidade acquisitiva de ouro tornou-se menor, pois é com a mercadoria que obtemos legitimamente o ouro. Se uma sacca de café valia 200$000 ella comprava £ 5 ao cambio da estabilização. Se hoje ella vale 80$000, ella compra £ 2 ao cambio da estabilização ou pouco mais de de £ 1/2 ao cambio actual.

Em resumo:

Para regularisar nossa situação economica, precisamos primeiro que tudo restabelecer o credito.

Para restabelecer o credito é preciso levantar o preço do café mas sem receio de concorrencia, pois o consumo do mundo é de 24 milhões; eleve-se o preço e os outros productores venderão os 8 milhões que produzem e nós 16 milhões por anno, ao preço que quizermos."

Entendo que o emprestimo de £ 20.000.000 não devia obrigar a venda de duas safras em dois annos; isso é tomar uma obrigação que poderá vir a fazer a baixa dos mercados ou então simplesmente obrigar o Governo, para evitar essa baixa, a comprar o excesso do que os mercados consumidores não pudéssem absorver, donde sempre seria preferivel a simples limitação, vendendo-se o que os mercados quizéssem comprar. Sou tambem contrario ás compras de café no disponivel para evitar o entrave ao desenvolvimento dos mercados. As vendas a termo criam sempre os descobertos e trazem interesse ao commercio, donde desenvolverem-se as operações. O Instituto comprando no disponivel vae absorvendo todas as qualidades finas e prejudicando ao commercio exportador.

ACTUAL DEFEZA DO PREÇO DO CAFÉ

Continuo a pensar que é preciso presentemente fazer a defeza do preço do Café.

Se não se fizer a immediata *organização do credito agricola,* não será possivel ao país retomar o seu rhythmo normal nos seus negocios economicos.

O fazendeiro não poderá encontrar meios para custear suas propriedades desde que tendo sobra de Café não encontra credito de especie alguma sobre o mesmo, e ainda o Café que vende o faz por preço baixo.

O que é preciso fazer antes de tudo, dada a superproducção do Café, para regularisar a situação economica do país, é dar credito ao lavrador, reconhecendo assim que a mercadoria ainda tem um valôr qualquer.

E' necessaria a organização do credito hypothecario.

Em 1927, ao entrar para o Governo de S. Paulo, já que o Governo Federal, a quem cabia cuidar do assumpto, ainda o não havia feito, procurei organizar o credito hypothecario para as propriedades cafeeiras e extendel-o depois a todas as outras propriedades.

Estavamos no regime da estabilização e só mesmo com o systema de letras hypothecarias, para serem lançadas no extrangeiro, nos poderia ser permittido organizar o credito hypothecario, mas, desde que perdemos a taxa de estabilização, o primeiro passo a dar para a organização economica do país seria a organização de um Banco Nacional de Emissão e Redesconto e ao par disso a organização de um Banco Nacional de Credito Movel e Hypothecario da Lavoura, com as necessarias seguranças estatutarias de modo a evitar que os valôres dados sobre as propriedades fôssem transformar esses creditos em um meio de venda, ao Banco, de propriedades desvalorizadas.

Reorganizado o credito movel e hypothecario da lavoura e criado o Banco de Emissão e Redesconto, defendido o Café no termo pelo systema na minha administração adoptado, teremos immediata e firme a resurreição economica do país.

Quando fizémos o credito sobre conhecimentos por meio de emprestimos no extrangeiro, este sem typo e a juros baixos, foi porque estavamos no regime de estabilização e não havendo no país Banco Emissor, sendo escasso o meio circulante e só São Paulo exportando, em média, 10 milhões de saccas, é claro que só com capitaes extrangeiros poderiamos fazer face ao financiamento desses cafés, pois seria necessario movimentar-se o valôr de 600.000 contos de réis por anno, ou seja, a quarta parte do meio circulante do país. (Note-se que a Imprensa toda apoiou essa organização, confórme os artigos transcriptos no final.)

Mas, uma vez organizado o credito hypothecario e o Banco de Emissão e Redesconto, é necessario que volte o Governo a fazer a defeza do Café a um preço que permitta deixar este, ao país, o ouro necessario para o equilibrio da balança de contas. O unico meio para isso é a regularização das entradas nos portos de exportação, de maneira que o Café offerecido á venda não seja superior á quantidade que o consumo necessita adquirir.

Seria pueril insistir que tenaz e intelligente propaganda deve haver constantemente, procurando fazer crescer o consumo. Ella foi feita por nós, como mostram as apreciações reproduzidas no final.

Mas, como dissémos, observando a limitação pelo preço justo e permittindo para stock negociavel dos portos de exportação sómente a existencia de Café exigida pelo consumo, ou seja, um total de 2 milhões de saccas, e estando o Governo habilitado a adquirir esse volume de Café, quando a especulação quizésse forçar os preços para uma baixa, digamos a 200$000 a sacca, para o que precisaria o Governo de 300.000 contos de réis para adquirir os stocks de todos os portos de exportação, seguro seria ao Governo manter o preço que julgasse necessario aos interesses do país. Que isso é indispensavel que se faça, basta que se attenda a que presentemente o Brasil precisa de cerca de £ 70.000.000 annuaes para ter a sua balança de contas equilibrada, attendendo-se a que precisa de £ 40.000.000 para serviço das dividas publicas federaes, estadoaes, municipaes, remessas de juros e dividendo de emprezas, bancos, etc. e, dada nossa actual pobreza, £ 30.000.000 deverá ser a média annual necessaria para nossas importações ou 46 % de 80.000.000, a quanto tem essas se elevado nos ultimos annos.

Como poderá, pois, o Brasil pagar essas £ 70.000.000 se não contar com um preço razoavel para o valôr de sua exportação? Fazendo emprestimos?

A exportação de todas as outras mercadorias do Brasil, exclusive o Café, tem sido approximadamente de £ .... 20.000.000; lógo, é preciso que o Café concorra, no minimo,

com £ 50.000.000 que faltam para completar os £ 70.000.000 necessarios ao equilibrio da nossa balança de contas.

O Brasil exportando 15 milhões de saccas a 200$000, teriamos 3 milhões de contos de réis ou £ 50.000.000 a 60$000 a libra.

Aos actuaes preços do Café o nosso "deficit" deverá ser de £ 35.000.000 annuaes que terá de ser coberto por meio de emprestimos e accrescimo de impostos, o que é intoleravel num país em que seu principal producto de exportação está em baixa, além de que os emprestimos nunca resolvem o equilibrio da balança de contas, pois accrescem para os annos seguintes a necessidade de ouro para amortisações e juros, só servindo como meio de protellação.

Se fôr adoptado um "funding" como remedio momentaneo, nem isso resolverá efficazmente o equilibrio da balança de contas e uma vez elle cessado voltará a apparecer o seu desequilibrio.

Onde então a solução mais acertada para a crise? Por emquanto o unico remedio com que contamos é defender o preço do Café até que tenhamos produzido outras mercadorias de exportação que venham auxiliar o Café a trazer ouro para o país.

Quando não havia defeza do Café, este chegou a preços tão vis que foi necessario pensar o Brasil em fazer a defeza do preço.

Em 1906 ainda não havia defeza do preço; os preços anteriores a 1906 éram preços baixos e, entretanto, em 1906 tivémos uma safra tão grande que foi necessario organizar-se o Convenio de Taubaté para promover a defeza. Ora, se fôsse o preço do Café a razão de não se cuidar em outras culturas, como explicar-se com os antigos preços o augmento de plantações e a superproducção de Café no Brasil em 1906? Como explicar a safra dos outros paises de 8 milhões em Setembro de 1920, como resultado de preços altos do Brasil se o preço éra então em média de 8 centavos para os annos anteriores? Teria esse preço servido de incentivo ao augmento das plantações nos outros paises?

Acredito que o unico meio de trazer o equilibrio á balança de contas é a elevação do preço do Café, até que tenhamos outros productos de exportação para substituil-o. Precisamos elevar o preço do Café e, restauradas as finanças, ir calmamente procurando outra solução que esteja de accôrdo com os principios classicos.

O mundo já consome 24.000.000 de saccas de café annualmente e esse consumo augmenta lentamente, sendo de suppôr que este anno vá se elevar a mais de 25 milhões de saccas. Para esse consumo concorre o Brasil com cerca de 15 milhões de saccas, ficando o restante para ser fornecido pelos outros productores do mundo. Novas plantações só poderão apparecer nos outros paises, produzindo, dentro de 6 annos. Seria preciso que aproveitassemos ainda esses 6 annos para vender os cafés a bons preços, fazendo capital para resolver nossa situação e podermos tentar outras explorações agricolas no país. O mundo não poderia deixar de vir comprar os 15 milhões de saccas de café do Brasil, pois os outros paises não teriam Café para fornecer a mais dos 8 milhões que actualmente produzem. Não acreditamos mesmo que as plantações nos outros paises caminhassem para grande desenvolvimento se o Brasil continuasse a defender os preços e manter stocks, pois que em 1913-14 e em 1914-15 os outros paises do mundo vendiam, respectivamente, 5.284.000 e 5.053.000 saccas de Café, emquanto o Brasil vendia 14.459.000 e 14.374.000 saccas. Em 1919-20 os outros paises produziam 7.681.000 saccas, em 1925, 7.047.000 saccas, em 1926-27, 7.068.000 saccas e, finalmente, em 1927-28, quando o Brasil produzia 28.334.000 saccas produziram elles 8.003.000 saccas.

Vê-se que o augmento de 1913 a 1928, em quasi dois decennios, foi de menos de 3 milhões de saccas para os outros paises; lógo, esse augmento não nos autorisava a suppôr que as suas novas plantações fôssem tão grandes como apregoavam, e o que se verifica é que se a superproducção existe foi ella criada mais pelo Brasil que produziu, em 1927-28,

28.334.000 saccas e em 1929-30, 30.000.000 de saccas de Café.

O unico meio para restabelecer o equilibrio entre a producção e o consumo seria obrigar o fazendeiro a reter em suas mãos o que produzisse a mais do que o consumo exige, vendendo o que fôsse possivel por preços razoaveis. Que só assim se conseguiria o equilibrio, basta attender a que o fazendeiro percebendo que não podia vender toda a sua producção, iria abandonando os talhões peores, iria procurando baixar o custo da producção e, finalmente, iria substituindo as plantações de Café por outras, como já se começou a fazer na zona velha, plantando laranjas e outras fructas, criando o bicho da seda e transformando os cafezaes velhos em invernadas; e isso tudo seria feito sem um collapso na economia do país, porque as safras que ainda o fazendeiro fôsse podendo colher e armazenar seriam valôres com que elle contaria para quando se approximasse a época de sua liberação para com elles ir fazendo substituição do Café por outras culturas.

Os meios unicos com que se procurou resolver a superproducção foram:

1) Prohibição de Novas Plantações no País.

Essa medida não resolve a superproducção senão para o Brasil, porque os outros paises vão aproveitar-se dessa prohibição para plantar Café, certos de que a producção do Brasil terá de decrescer. Além do mais trouxe a excepção para o Paraná até 50 milhões o que fere a justiça.

2) Taxar o Café com um Imposto que é Applicado na Compra de Cafés que Deverão ser Queimados.

Igualmente nos parece que essa medida, embora applicada drasticamente para fazer effeito em um anno, não resolve a superproducção, porque os outros paises, sabendo que nós destruimos os nossos stocks, vão plantar

Café na certeza de que as sobras por nós produzidas estão sendo destruidas.

Agóra, produzir bom, defender o preço e fazer a propaganda para vender mais, é cousa que nunca ignoramos e que sempre nos esforçamos por fazer, zelando pelo bem do país.

OS FALADOS PREJUIZOS DO INSTITUTO

No Instituto de Café do Estado de São Paulo, consegui manter preços estaveis para o Café durante dois annos e meio, e fez o Instituto a defeza sem perder um unico real do seu patrimonio e *SEM CRIAR UM UNICO IMPOSTO OU TAXA SOBRE O CAFÉ.*

Assim, segundo os documentos que vão a seguir transcriptos, teve o Instituto um lucro liquido de Rs. 511:065$925 até o dia 7 de Outubro de 1929, data em que o plano de defeza, por pressão do Governo da Republica, foi alterado, por julgar este que éra mais util ao país para obter mais ouro e á lavoura para evitar a superproducção, baixar os preços e assim vender mais. Enganou-se com essa supposição o Governo da Republica, pois o Brasil perdeu grandes sommas ouro na differença de preço do Café que vendeu e a lavoura vendeu menor quantidade, apurando quantias muito menores do que as de 1927, 1928 e 1929 até Setembro.

Já em 1898 assim pensou Murtinho, deixar o café á sua sorte, mas os preços baixos que vigoravam não impediram a superproducção de 1906 e grandes foram os prejuizos para a lavoura, calculados, segundo Augusto Ramos, em 550.000 contos de réis só para os annos de 1901 a 1906.

Mas vamos dar de barato que o Instituto tivésse perdido dinheiro com a defeza do Café durante o tempo que éra seguida a politica de defeza dos preços. São Paulo, até ahi, recebia em média 2 milhões de contos de réis pelo Café que vendia. Éra a lavoura que recebia 2 milhões de contos de réis pelo seu Café. Recebe ella agóra cerca de 600.000 contos de

reis, ou sejam, 1.400.000 contos de réis a menos. Sendo a lavoura contribuinte para as rendas do Instituto com 30.000 contos annuaes, se este para dar-lhe os 2 milhões de contos de réis annuaes perdesse esses 30.000 contos ou mais por anno, ainda haveria compensação para a lavoura do país. Mas o novo plano de queimar Café para evitar superproducção, plano louvavel pelo objectivo que tem em vista de defender os interesses da lavoura do Estado, exige com o imposto de 10 shillings por sacca, 100 milhões de shillings por anno, que ao cambio actual, representam cerca de 400.000 contos de réis que são queimados para a defeza do preço do Café.

Quando o Instituto perde 30.000 contos por anno defendendo o preço, deve ser atacado, e quando o Conselho do Café queima 500.000 contos, portanto perde, defendendo o Café, deve ser elogiado!

Não pretendemos criticar planos, mas acreditamos que o plano por nós seguido éra invencivel e que ainda quando applicado presentemente o será, porque, se o mundo annualmente consome 24 ou 25 milhões de saccas de Café e se os outros paises produzem só 8 milhões, é claro que os 15 milhões faltantes deverão ser vendidos pelo Brasil e que com o systema de fixação de um preço minimo, o que importa na limitação de entradas e compra nas bolsas quando houver pressão para baixa do preço, com o capital de 400.000 contos este póde ser defendido, e ou o mundo deixará de beber Café ou o Brasil venderá os seus 15 milhões annuaes pelo preço que fixar, dentro do razoavel.

O preço que foi obtido pelo Café durante 10 annos, ou sejam, cerca de £ 4.0.0 por sacca, não éra exaggerado. Veja-se o que dizia a lavoura pelas Sociedades Agricolas, no final.

Durante dois annos e meio trouxemos, por anno, para o país, £ 70.000.000, obtendo por sacca de Café uma média de £ 4.0.0, o que prova que não éra exaggerado esse preço. Como nós pensava o então Presidente da Republica, como diz na sua Mensagem de 1929 a fls. 45. No entretanto, nós

não mudamos de pensar e pretendiamos manter o preço a £ 4.0.0 até que a occasião fôsse mais propicia para alteral-o. O Governo da Republica, que na sua Mensagem de 1929 achava o preço razoavel, foi que resolveu forçar S. Paulo a mudal-o n'um momento inopportuno, do qual divergi por completo a ponto de deixar o Governo de nosso Estado.

Coherentes com o nosso módo de pensar, continuamos a acreditar que, embóra contra os principios economicos que não se violam impunemente no dizer dos theoricos archaicos, a unica salvação economica do país será encontrada na defeza dos preços do Café, organizado o credito hypothecario e o credito movel sobre conhecimentos e "warrants", organizando-se o Banco Central Emissor e de Redescontos e o de creditos hypothecarios a que atraz nos referimos.

Recapitulando a resposta ás criticas que fizeram quando deixei a direcção do Instituto:

1.°) O Instituto Elevou Exaggeradamente as Cotações do Café.

Não é verdade. A acção do Instituto no anno de 1927, no segundo semestre, e no anno de 1928, produziu os melhores resultados possiveis. Vendeu-se no segundo semestre de 1927 a maior quantidade de Café conhecida até então e por optimos preços.

A acção do Instituto durante os annos de 1927-28, mereceu do actual Ministro da Fazenda e do actual Secretario da Fazenda do Estado de S. Paulo, os maiores elogios nos relatorios que assignaram como directores, respectivamente, do Banco Commercial do Estado de S. Paulo e do Banco do Commercio e Industria de S. Paulo, cujos trechos vão transcriptos no final deste, juntos aos annexos. Os stocks em Junho de 1929 eram menores que em Junho de 1928; em 30-6-28 os stocks nos reguladores eram de 11.672.000 saccas, e a politica de defeza do Instituto foi por todos apoiada, e em 30-6-29 os stocks eram de 8.354.000 saccas, e o Instituto re-

solveu descer os preços, foi prudente, e deveria mantel-os se fôsse guiar-se pelos applausos de todos.

Igualmente, inteiro apoio déram á acção do Instituto a Imprensa, as sociedades agricolas, a lavoura e até o commercio extrangeiro. Para isso ajuizar basta relêr as noticias constantes dos annexos.

Não me devem accusar agora de, inopportunamente, querer preços altos, porquanto a minha acção de Janeiro a Julho de 1929 foi, diariamente, de evitar alta no mercado de Santos, vendendo Café. Isso é facil de verificar pela escripta do proprio Instituto. Nem um unico dia o Instituto, nesse periodo, comprou Café ou procurou levantar os preços. Quem mantinha e elevava os preços nesse periodo éra o proprio commercio de Santos e a propria lavoura que comprava futuros.

Foi sómente em principios de Julho, quando previa que o "crack" em New York viria affectar o Brasil, que firmei os mercados de Café aos preços em que estavam no momento, para evitar o descalabro que seria deixar baixar as cotações em tal momento. Isso não pensou o Banco do Brasil como disse o seu presidente no relatorio de 1930, referente ao anno de 1929.

Dizia o sr. Guilherme da Silveira:

> "Esses numeros demonstram de módo exuberante que a baixa de preços favoreceu a exportação do nosso Café, e tal acontecimento representa um factor muito auspicioso para o futuro da situação economica do país."

Não é exacto que a baixa de preços tenha produzido o augmento da exportação. A de 1930 foi menor que a de 1929 e não se verificou a situação auspiciosa que estava antevendo o presidente do Banco do Brasil.

Dizia mais o sr. Guilherme da Silveira:

> "...a crise latente de preços do Café não poude mais ser retardada e em Outubro estalou violentamente..."

Deveria antes o sr. Guilherme da Silveira dizer: não havia crise de Café; havia crise economica. A crise do Café

foi provocada pela recusa que fez o Banco do Brasil de, com o redesconto, attender ao Banco do Estado de São Paulo no momento agudo da crise economica. Se tivésse attendido, a crise mundial vagamente se reflectiria no Brasil.

E é claro.

Poderia haver crise latente dos preços do Café se em Setembro de 1929, quando se avisinhava o "crack" de New York, exportava-se delle maior quantidade do que em igual periodo no anno de 1928?

Poderia estar em crise de preços o producto que diariamente precisava ser vendido nos mezes futuros, na Bolsa, afim de evitar a alta excessiva de seus preços?

Poderia estar em crise o preço do Café, se ainda em 11 de Outubro de 1929 quando deixei o Instituto, este estava vendido em New York?

Poderia estar em crise um producto quando, defendendo esses preços durante 2 1/2 annos consegui que apresentassem as suas operações, ainda em 7 de Outubro de 1929, como resultado um lucro de 511 contos de réis?

Poderia estar em crise um producto do qual o Instituto organizado para a sua defeza, conseguia fazel-a durante o periodo que analysamos, mantendo intacto o seu patrimonio e, ainda agóra, na Republica Nova, o balanço de 31 de Dezembro de 1930 vem mostrar que aquelle patrimonio ainda existe e se conserva intacto?

Poderia estar em crise um producto quando os dois maiores negociantes dos mercados consumidores mandavam, até dias antes de minha sahida do Instituto, comprar futuros e conhecimentos de cafés despachados?

Poderia estar em crise o Instituto que apresentava em 31 de Dezembro de 1929 e em 31 de Dezembro de 1930, já na Republica Nova, os balanços seguintes? (Vide transcripção adiante.)

Não provam esses dados que o que houve foi desejo de mudança na politica da defeza do Café?

Estão evidentes os factos e portanto não posso ser o responsavel de ter, com a elevação das cotações, provocado a

crise do Café, pois além de tudo, se o caso éra de abstenção de compras pelos mercados consumidores devido ao preço, impunha-se a conclusão que desde a minha sahida se declarasse o stock de Café em liquidação, e no entender dos criticos, estaria resolvida a situação. Acabava-se a retenção e sahia todo Café de um jacto.

Agóra, com o Café a 7 centavos, não augmentaram as vendas. Vende-se o mesmo que se vendia quando estava elle a 21 centavos.

Ainda será por causa da retenção? Será por falta dos cafés finos? Será por causa da falta de cafés verdes? Não. E' porque não ha defeza dos preços.

2.º) Os Preços Altos Provocaram a Superproducção

Entrei para a presidencia do Instituto em Julho de 1927, encontrando uma safra a colher-se, de 1927-28, de 28.334.000 saccas só para o Brasil. Lógo após a de 1929-30 foi de ..... 30.000.000 de saccas.

Se o Café leva 4 annos, no minimo, para produzir depois de plantado, como poderiam os prçços altos por mim defendidos de Julho de 1927 a Outubro de 1929 serem os que incentivaram as plantações, serem os que criaram a superproducção, se as safras foram colhidas em Junho de 1928 e Junho de 1930 e, portanto, 1 e 3 annos depois de minha entrada para o Instituto?

Pretenderão affirmar que èsses cafezaes produziram apenas com 1 e 2 annos de edade?

Mas dando de barato que sejam os preços altos que produziram a superproducção, como se comprehender a superproducção em 1906 quando se criou o Convenio de Taubaté, se ella apparece justamente quando não havia defeza de mercados de Café, após o plano do Ministro Murtinho de abandonar o Café á sua sorte, e quando este vinha sendo vendido a preços infimos, segundo se póde verificar até pela ultima estatistica da casa Lima Nogueira & Cia.

Irá o absurdo ao ponto de tambem me pretenderem o responsavel por aquella safra?

O que no Estado de São Paulo provocou a superproducção foi a entrada das estradas de ferro Paulista, Noroeste, Sorocabana, Araraquarense e S. Paulo Goyaz pelos sertões, extendendo suas linhas por zonas ferteis e proprias á cultura do Café. Iniciou-se ahi a venda de terras a preços baixos; vendia-se terras a prestações, sem pagamento de entrada, e para ellas affluiam os colonos de zonas velhas. Muitos cafezaes foram então formados pelo systema de plantações por 6 annos, em que o proprietario das terras apenas entrega estas ao colono para receber, no fim de 6 annos, os cafezaes formados, sem mais dispendio. O lucro dos colonos consiste nos cereaes que vão colhendo e nas duas safras dos 5.º e 6.º annos. Essas novas zonas que se abriram, foi o que mais concorreu para a superproducção e o preço alto dos salarios em todo o Estado. Além disso, queriam todos acceitar para o Café as leis economicas de Hoover e Ford de que "o que se deve é produzir o maximo pelo minimo e ganhar pelo volume da venda". Esta lei será perfeita quando applicada ás industrias. O pé de Café não é machina que póde trabalhar mais ou menos horas por dia. Está exposto ao tempo, ao sabor das geadas, das seccas e dos ventos frios, circumstancias estas em que a sciencia humana em determinados annos pouco poderá fazer para augmentar as producções, acontecendo que outras vezes produz de mais nos periodos em que o tempo favorece as culturas. Pretender regular a offerta e a procura abandonando o Café á sua sorte é crear um circulo vicioso para a economia do país.

Abandonar o Café á sua sorte, deixar cahir a producção para haver equilibrio entre a offerta e a procura, é caminhar para os preços altos. Os preços altos constituem o estimulo a novas plantações quando não ha retenção. Lógo, novamente teriamos a superproducção e assim nunca poderia o productor, fugindo a esse circulo vicioso, ter lucro, porque nos annos de sobra ficaria o Café abandonado á sua sorte para evitar a superproducção e no anno de falta de Café seria preci-

so tambem fazer baixar os preços para com a alta não haver estimulo a novas plantações!!

Finalmente, houve alguem que pretendeu que o Banco do Estado de S. Paulo, dos creditos destinados á defeza do Café, havia feito emprestimos a proprietarios e industriaes.

Não póde haver maior disparate do que essa affirmação.

Os emprestimos urbanos feitos pelo Banco estavam dentro de seus Estatutos. Éra dinheiro que vinha do extrangeiro para esse determinado fim.

Quanto aos emprestimos feitos a industriaes, deu-se o contrario do que affirmaram. Em officio de 1929 do Secretario da Fazenda dirigido ao Banco do Estado, foi por elle determinado que o Banco sómente deveria operar sobre negocios agricolas e, quando com o commercio, exclusivamente em negocios de Café. (Vide copia do officio no Thesouro do Estado.)

Expuz acima em ligeira synthese o que penso do problema do Café e qual foi minha actuação como Secretario da Fazenda do Estado de São Paulo e Presidente do Instituto de Café. O tempo já vem provando, infelizmente para o Brasil, que eram acertadas as previsões que fiz no momento em que abandonei a pasta da Fazenda do Estado de São Paulo. E provará tambem que a politica que eu seguia éra a certa. Em annexos publíco cópias de correspondencia demonstrando iniciativas que pude tomar para a intensificação do consumo e propaganda do producto e reproducções de noticiarios da imprensa da época com apreciações de actos meus como presidente do Instituto de Café.

ANNEXO I

Taxas aduaneiras sobre café

21 de Dezembro de 1927

P. 2093

Senhor Ministro,

Achando-se este Instituto empenhado em desenvolver o consumo do Café nos diversos paises da Europa, — tenho a honra de solicitar de Vossa Excellencia os bons officios desse Ministerio no sentido de serem diminuidas as tarifas alfandegarias sobre o producto na Yugo Slavia.

Prevaleço-me da opportunidade para reiterar a Vossa Excellencia os protestos de minha elevada consideração.

(a) *Mario Rolim Telles*
Presidente

A' Sua Excellencia o Senhor Doutor Octavio Mangabeira
M. D. Ministro das Relações Exteriores
RIO DE JANEIRO

17 de Maio de 1928

P. 2726

Senhor Ministro

Tenho a honra de trazer ao conhecimento de Vossa Excellencia o seguinte, que me foi communicado pelo encarregado do escriptorio do Instituto, em Paris, relativamente ás tarifas cobradas sobre o Café, na Hespanha:

"Os cafés embarcados em navios que fazem a chamada "volta redonda", isto é, que têm o ponto terminal da viagem na Hespanha, pagam 50 pesetas menos, por tonelada, do que

os transportados por navios que vão a outros portos. Essa differença, de 50 pesetas, por tonelada, é apreciavel para o negociante.

Como a maioria dos navios que transportam Café da America Central termina a viagem, em porto hespanhol, os cafés dessa procedencia têm sobre os nossos a vantagem da tarifa minima, pois, com excepção da Atlantique, que só toca no Rio, os outros vapores que trazem Café do Brasil para a Hespanha continuam a viagem até outros paises."

Tal differença de tarifas, sem razão de existir, colloca o nosso Café em inferioridade de condição, pelo que, julguei de utilidade informar a Vossa Excellencia do que se passa, por ser esse Ministerio o orgão competente para a remoção dessa difficuldade á expansão do nosso commercio.

Valho-me do ensejo para reiterar a Vossa Excellencia os protestos de minha elevada consideração.

(a) *Mario Rolim Telles*
Presidente

A' Sua Excellencia o Senhor Doutor Octavio Mangabeira
Ministro das Relações Exteriores

24 de Junho de 1928

P. 5244

Exmo. Sr. Dr. Helio Lobo
Ministerio do Exterior
RIO DE JANEIRO

Accusando o recebimento do officio EC/809, de 10 do corrente, cabe-me agradecer a V. Excia. a gentileza da remessa de uma copia da nota que o Governo Espanhol dirigiu á nossa Legação em Madrid, relativa ás taxas aduaneiras que favorecem as mercadorias para a Espanha, em navios que fazem a chamada "volta redonda".

Valho-me do ensejo para reiterar a V. Excia. os protestos de minha distincta consideração.

(a) *Mario Rolim Telles*
Presidente

7 de Julho de 1928

P. 2984

Exmo. Sr. Dr. Helio Lobo
Ministerio do Exterior
RIO DE JANEIRO

Accusando o recebimento do officio EC/17, de 30 de junho ultimo, cabe-me agradecer a V. Excia. a gentileza da remessa ao Instituto, de copia da informação do nosso Ministro em Copenhague, sobre majoração de impostos na Dinamarca em artigos chamados impropriamente de luxo.

Está este Instituto certo de que envidará esse Ministerio o melhor de seus esforços no sentido de evitar que tenha o nosso principal producto de exportação majorados os seus impostos naquelle país.

Attenciosas saudações.

(a) *Mario Rolim Telles*
Presidente

28 de Julho de 1928

P. 3151

Exmo. Snr. Dr. Helio Lobo
Ministerio das Relações Exteriores
RIO DE JANEIRO

Tenho o prazer de accusar o recebimento do officio EC/20, de 12 do corrente, agradecendo a V. Excia. a gentileza da remessa de copias de um Despacho desse Ministerio á Embaixada de Washington e de uma informação prestada pelo Departamento a cargo de Vossa Excellencia sobre o café no Japão.

De accôrdo com o pedido de V. Excia. vou providenciar no sentido de serem remettidas a esse Departamento copias das communicações que este Instituto venha a fazer directamente aos funccionarios desse Ministerio no estrangeiro.

Em annexo, remetto a V. Excia. um succinto relatorio contendo dados relativos aos trabalhos deste Instituto com

a propaganda do Café brasileiro. Delle constam resumos dos contractos lavrados, nomes das pessoas auxiliadas pelo Instituto, a fórma pela qual é fiscalizado o cumprimento dos contractos, os nomes dos funccionarios encarregados dessa fiscalização e respectivas zonas de actividade.

Está certo este Instituto de que muito aproveitará a essa propaganda a cooperação dos nossos representantes diplomaticos, no sentido de obter dos governos onde nos representam que novos impostos não venham gravar o nosso Café, bem como deslocal-o para as tarifas minimas naquelles paises onde esteja collocado na categoria de productos onerados com tarifas maximas. O patriotismo dos funccionarios desse Ministerio saberá sempre encontrar a formula justa para a solução de taes assumptos.

Receberia tambem este Instituto, com satisfacção, informações sobre a propaganda que vem fazendo, como é acolhida pelas populações, pelo commercio de Café, quaes os ataques dirigidos contra o nosso producto ou contra o Café em geral, pelos interessados no commercio de succedaneos; informações sobre a propaganda de café de outras procedencias.

Conforme poderá V. Excia. ver das listas dos contractos e dos funccionarios encarregados de fiscalizal-os, ha, em cada zona, mais de um contracto a ser fiscalizado por um só funccionario, tornando-se, portanto, difficil uma fiscalização efficiente. Ficaria grato a V. Excia. em saber a sua opinião sobre a possibilidade de ser obtida a cooperação dos nossos representantes diplomaticos e a fórma pela qual poderia ella effectivar-se. Se possivel, não lhes ficaria a fiscalização dos contractos, apenas cooperariam com os funccionarios do Instituto.

Como é do conhecimento de V. Excia. a quasi totalidade do nosso Café, principalmente as bôas qualidades, não é vendida como sendo de procedencia brasileira. Prestariam os nossos representantes um immenso serviço aos nossos trabalhos de propaganda se conseguissem achar, em cada país, a solução para essa questão, o consumidor encontrando, en-

ão, no mercado, á venda o bom producto que lhe recommenda a propaganda.

Tem esse Ministerio remettido a este Instituto dados estatisticos muito uteis. A continuação dessa remessa será muito apreciada. São de grande utilidade para o Instituto as estatisticas relativas ás safras dos outros paises productores de Café, obtidas, se possivel, dos respectivos governos. Das estatisticas dos paises consumidores, eria bom que constassem as porcentagens respectivas de cada país productor no fornecimento total, o que permittirá avaliar da efficiencia da nossa propaganda.

Custo de producção nos outros paises, augmento das respectivas culturas, braços para a lavoura, salarios, impostos sobre o Café, importações directas e indirectas, succedaneos, são outros tantos assumptos de real interesse.

Valho-me do ensejo para reiterar-lhe os protestos de minha distincta consideração.

(a) *Mario Rolim Telles*
Presidente

13 de Outubro de 1928

P. 3719

Exmo. Sr. Dr. Helio Lobo
Ministerio do Exterior
RIO DE JANEIRO

Da firma Sutherland Trading Co. Inc., de New York, recebeu o Instituto por intermedio dos srs. Nossack & Cia., de Santos, a informação abaixo:

> "Deve interessar-vos que Café de origem britannica entra no Canadá livre de direitos, emquanto o Governo do Canadá cobra a taxa de 3 cents., por libra, sobre o Café do Brasil e de outras procedencias."

Constituindo esse onus um obice ao augmento do consumo do nosso Café naquelle país, tenho a honra de solicitar os bons officios desse Ministerio a respeito.

Valho-me do ensejo para reiterar a V. Excia. os protestos de minha distincta consideração.

(a) *Mario Rolim Telles*
Presidente

31 de Outubro de 1928

P. 3840

Exmo. Sr. Dr. Helio Lobo
Ministerio das Relações Exteriores
RIO DE JANEIRO

Accusando o recebimento do officio EC/60, de 25 do corrente, agradeço a V. Excia. a gentileza da communicação de que se dirigiu á nossa Embaixada em Londres, sobre a questão das taxas a que estão sujeitos, no Canadá, os cafés brasileiros.

Reitero a V. Excia. os meus protestos de distincta consideração.

(a) *Mario Rolim Telles*
Presidente

ANNEXO II

Officios e transcripções de noticiarios da imprensa

Dr. Mario Rolim Telles, Secretario da Fazenda e presidente do Instituto de Café.

DA SOCIEDADE PAULISTA DE AGRICULTURA

"A Sociedade paulista de Agricultura, em sua ultima sessão semanal, realizada á 2 do corrente, por proposta do Snr. Presidente em exercicio, Snr. Dr. Luiz Leite Junior, unanimemente approvada, deliberou congratular-se com V. Excia. pela celebração do convenio com outros Estados, para a defeza do café. Augurando que dos esforços conjugados resultem a defeza dos interesses da grande classe agricola, e que do melhor entendimento surjam a confiança e a firmeza do mercado de café, esta Sociedade tem, mais uma vez, ensejo para hypothecar a V. Excia. todo o seu respeito e admiração. Prevalecemo-nos do ensejo para reiterar a V. Excia. os protestos de nossa elevada consideração e distincto apreço. Sociedade Paulista de Agricultura. (a.) J. Paula Leite de Barros, secretario geral."

"A Sociedade Paulista de Agricultura, reunida em sessão semanal, no dia 2 do corrente, approvou, por unanimidade de votos, uma proposta lançada pelo Snr. presidente da sessão, Snr. Dr. Luiz Leite Junior, no sentido de se officiar a V. Excia. apresentando-lhe, em nome da lavoura paulista, congratulações pela abertura do credito destinado a auxiliar a nossa lavoura de café, cuja excepcional producção exigia um reforço de credito para financiamento de sua producção. Não é sem opportunidade observar que a actual safra póde ser comparada com a de 1906-1907, que exigiu para a sua defeza o credito de Lbs. 15.000.000, embora o preço ouro do café fosse ainda inferior ao actual. **Julgando tão optima quão opportuna** esta operação que o governo de V. Excia. vem de realizar, sem precedentes na historia financeira de nosso Estado é que a Sociedade Paulista de Agricultura resolveu apresentar a V. Excia. os seus applausos, certa de que a acção benefica desta operação repercutirá immediatamente nos centros productores de nosso grande Estado. Dando cumprimento a esta grata incumbencia, temos a honra de apresentar a V. Excia. os protestos de nossa alta estima e distincta consideração. — Sociedade Paulista de Agricultura. (a) J. Paula Leite de Barros, secretario geral."

DA COMMISSÃO CENTRAL ORGANIZADORA DO 2.° CENTENARIO DA INTRODUCÇÃO DO CAFÉEIRO NO BRASIL

"A Commissão Central do 2.° Centenario do Caféeiro no Brasil vem, por meu intermedio, agradecer muito penhoradamente a V. Excia. as boas providencias tomadas pelo Instituto de Café, sob a elevada gestão de V. Excia. e expressar-lhe o seu mais sincero reconhecimento pelos auxilios em dinheiro que se dignou votar para as commemorações do bi-centenario do café em nosso paiz — producto que tem sido a pedra angular do nosso engrandecimento e progresso. Esta commissão tem o prazer de reaffirmar a V. Excia. os seus protestos de admiração, congratulando-se ao mesmo tempo, com o Instituto de Café por ter á sua frente, para felicidade da Lavoura, do Commercio e das Industrias de São Paulo e do Brasil, um estadista com o descortino de vista e a elevação moral e intellectual de V. Excia. Acceite V. Excia. o testemunho de minha alta estima e distincta consideração. Saude e Fraternidade. (a) Rogerio de Camargo, pela Commissão Central Organizadora."

S. PAULO, 31/12/1927

EXMO. SR. DR. MARIO ROLIM TELLES
Presidente Instituto Café
CAPITAL

A Sociedade Rural Brasileira tem a honra de cumprimentar Vossencia pela entrada do Novo Anno e pela terminação do seu primeiro anno de presidencia do Instituto caracterisado reatamento das boas relações do referido Instituto com as classes interessadas e pelo augmento de sua acção na defesa economica e commercial do nosso principal producto (ponto) A Sociedade Rural agradece o desvelo e a solicitude de Vossencia na direcção do Instituto. Attenciosas saudações.

Luiz Figueira Mello
(Presidente)

SANTOS, 12/8/1927

EXMO. SNR. DR. MARIO ROLIM TELLES
M. D. Secretario da Fazenda e Presidente do Instituto de Café

No momento em que se ventila a restituição official de prerogativas retiradas ao orgam do commercio desta praça permitta-

nos V. Exa. manifestar-lhe o testemunho nosso mais vivo reconhecimento pela sympathia com que sempre encarou essa restituição e pelo apoio decisivo com que a vem ultimamente promovendo. Attenciosas saudações — Associação Commercial de Santos — Alberto Cintra, Presidente; Frederico Junqueira, Vice-Presidente; Adalberto Leme Ferreira, 1.º Secretario; Carlos Teixeira Junior, 2.º Secretario; Luiz Candido Pontual de Oliveira, Thesoureiro.

SANTOS, 31/12/1927

EXMO. SNR. DR. MARIO ROLIM TELLES
M. D. Secretario da Fazenda e Presidente do Instituto de Café

Ao encerrar-se o presente anno assignalado por magnificas realizações de caracter administrativo conseguidos por Vossa Excia. no tocante a defesa do Café temos grande prazer de em nome directoria desta Associação e particularmente ao nosso apresentar-lhe effusivas saudações com votos que formulamos pela sua felicidade pessoal em 1928.

Associação Commercial de Santos — Alberto Cintra, Presidente; Adalberto Leme Ferreira, 1.º Secretario.

SANTOS, 19/12/1928

EXMO. SR. DR. MARIO ROLIM TELLES
M. D. Secretario da Fazenda e Presidente Inst. Café

Agradecendo attencioso telegramma de felicitações por motivo reeleição para o biennio 1928-1930 esta directoria terá grande prazer em cooperar com V. Excia. como até aqui na patriotica defeza que vem fazendo a contento geral dos interesses da lavoura e commercio de Café. — Associação Commercial de Santos — Alberto Cintra, Presidente; Luiz Candido P. Oliveira, 1.º Secretario.

SANTOS, 2/1/1929

EXMO. SR. MARIO ROLIM TELLES
M. D. Presidente Instituto de Café

Em nome Directoria Associação Commercial de Santos reunida pela primeira vez em 1929 formulamos sinceros votos felicidade pessoal V. Exa. reaffirmando a nossa confiança na orientação patriotica e segura que vem imprimindo na Defesa do Café. Attenciosas saudações. — Alberto Cintra, Presidente; Luiz Candido Pontual de Oliveira, 1.º Secretario.

S. PAULO, 15/11/1929

DR. MARIO ROLIM TELLES
Secretario Fazenda
Av. Hygienopolis, 62
S. PAULO

A V. Exa. que com tanta elevação e clarividencia vem dirigindo posto Fazenda com apoio applausos sinceros todos quantos trabalham e produzem Bolsa Fundos Publicos São Paulo vem agradecer penhorada prova apreço V. Exa. dando-lhe séde digna valor grande instituição brasileira que tanta importancia tem na economia Nacional por medir pesar e fixar diariamente credito União estado Muncipios bancos emprezas ferroviarias e das maiores companhias Brasil de reputação mundial. Attenciosas sauds.

Abelardo Vergueiro Cesar
Presidente Bolsa

SOCIEDADE RURAL BRASILEIRA

São Paulo, 2 de Setembro de 1927

Exmo. Snr. Dr. Mario Rolim Telles
M. D. Presidente do Instituto de Café
S. PAULO

Temos a honra de communicar a V. Excia. que, conforme deliberação tomada, esta Sociedade resolveu apresentar a V. Excia. felicitações muito cordeaes pela proveitosa acção que V. Excia. tem desenvolvido em pról da defesa do café.

Os diversos actos de V. Excia. no tocante ao restabelecimento da harmonia entre a praça de Santos e o Instituto de Café e á realisação do emprestimo de 5 milhões de libras, destinado ao financiamento da safra de café, bem como o brilhante exito do convenio entre os Estados cafeeiros, inspiram á grande classe dos lavradores paulistas, a maior confiança na orientação do Governo de São Paulo e do Instituto de Café para a salvaguarda dos grandes e legitimos interesses ligados á nossa maior cultura.

Magnifico attestado como é esta, do trabalho de muitas e muitas gerações, que pelo seu esforço conseguiram obter uma das melhores organisações do mundo em materia de trabalho agricola, é sobremodo grato a nós lavradores registrar estas provas de dedicada attenção por parte dos poderes publicos.

Aproveitamos a opportunidade para apresentar a V. Excia. os protestos de nossa elevada estima e consideração.

SOCIEDADE RURAL BRASILEIRA
Luiz Figueira de Mello
Presidente

JUNTA COMMERCIAL DO ESTADO DE SÃO PAULO

São Paulo, 3 de Setembro de 1927

N.º 3075

Exmo. Snr. Dr. Mario Rolim Telles
DD. Secretario da Fazenda e Presidente do Instituto de Café de S. Paulo

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Excia. que a Junta Commercial, em sessão de hontem, por proposta minha, deliberou unanimemente fazer constar da acta de suas sessões um voto de congratulação, louvor e applauso ao Governo do Estado, na pessoa de V. Excia., na do Exmo. Snr. Dr. Presidente do Estado e na do Snr. Dr. Secretario da Agricultura, não só pelas acertadas deliberações tomadas na reunião dos representantes dos Estados Cafeeiros, ante-hontem realizada no Instituto do Casé, assentando com perfeita solidariedade as bases para a defesa do café — com a limitação das entradas de nosso principal producto nos portos, estabelecendo a taxa de contribuição de 200 réis por sacca, destinada a incrementar a propaganda, onde fôr conveniente, como tambem pelo feliz exito obtido com a abertura do credito de cinco milhões de esterlinos, para auxiliar a lavoura, cujo contracto foi firmado pelo Governo em condições excepcionaes e vantajosas.

O Convenio rectificado pelos Estados interessados, conjugados em perfeita harmonia de vistas, firma definitivamente a defesa do café, até aqui a cargo apenas da lavoura paulista, fixando as quotas das entradas pela dos embarques e fazendo, assim, desapparecer a especulação sobre os stocks; o credito obtido pelo Governo para auxiliar os lavradores livra-os de, premidos por aperturas financeiras, entregar no interior as suas safras aos exportadores — produzindo beneficos resultados — desafoga a praça e incrementa o commercio e a industria, assignalando uma nova éra de prosperidade para o paiz.

A Junta Commercial, como representante do commercio, da industria e da agricultura, deante de medidas tão acertadas, não podia silenciar e, por isso, vem apresentar a V. Excia. os seus votos de louvor e applausos.

Saúde e fraternidade

Valencio Carneiro de Castro
Presidente

LIGA AGRICOLA BRASILEIRA

S. Paulo, 11 de Janeiro de 1928

Exmo. Snr. Doutor Mario Rolim Telles
D. D. Presidente do Instituto de Café

CAPITAL

A Liga Agricola Brasileira, em sua reunião de hontem, deliberou unanimemente felicitar Vossa Excellencia pela acertada escolha que acaba de fazer dos snrs. Octaviano Alves de Lima Junior e dr. Antonio de Queirós Telles para o encargo de estudarem o problema da propaganda do café nos Estados Unidos da America do Norte.

Traduzindo os applausos da classe agricola por esse acto de Vossa Excellencia, deliberou ainda a nossa associação offerecer um almoço a esses distinctos consocios.

Convidando Vossa Excellencia para honrar esse agape com a sua presença, a Liga Agricola Brasileira antecipa os seus agradecimentos e serve-se da opportunidade para apresentar a Vossa Excellencia os seus protestos de elevada consideração e distincto apreço.

Pela Administração Central da
LIGA AGRICOLA BRASILEIRA

Carlos Leoncio de Magalhães
Presidente

Por motivo do Quarto Convenio dos Estados Brasileiros Productores de Café, trocaram a Liga Agricola Brasileira e o Instituto de Café do Estado de S. Paulo a seguinte correspondencia:

"São Paulo, 26/9/29. Exmo. Snr. Dr. Mario Rolim Telles, D. D. Presidente do Instituto de Café.

Capital.

Por proposta dos presados consocios, Dr. Afrodisio de Sampaio Coelho e Horacio Cunha, na sessão ordinaria de 24 ultimo, vimos trazer ao conhecimento de v. exc. os applausos da Liga Agricola Brasileira, pela maneira altamente digna com que foram dirigidos os trabalhos do ultimo Convenio dos Estados Productores de Café.

Apoiamos, como necessaria e equitativa, a proporcionalidade nas entradas de café destinado aos portos de exportação, tornando-as eguaes para todos os Estados caféeiros.

Congratulando-nos, pois, com v. exc., e com os productores paulistas, digne-se v. exc. acceitar as nossas attenciosas saudações.

Pela Administração da Liga Agricola Brasileira

a) Fabio de Camargo Aranha, presidente."

"São Paulo, 30 de setembro de 1929. Illmos. Srs. Directores da Liga Agricola Brasileira.

Capital.

Accusando o recebimento do officio dessa Liga datado de 26 do corrente, tenho o prazer de vir agradecer a vv. excs. a gentileza dos applausos, pela maneira com que foram dirigidos os trabalhos do ultimo Convenio.

Outrosim, cabe-me communicar a vv. excs. que foi designado o sr. Dr. Pedro de Siqueira Campos, agente deste Instituto, no Rio de Janeiro, para ser o representante deste Estado na Commissão encarregada do estudo da distribuição equitativa das quotas, que deverão caber a cada Estado, nas entradas de café, nos mercados de exportação do paiz.

Os trabalhos da referida Commissão terão inicio a 10 do mez vindouro, na Capital Federal.

Valho-me do ensejo para reiterar a vv. ss. os protestos de minha distincta consideração e apreço.

a) Mario Rolim Telles, presidente do Instituto de Café do Estado de S. Paulo."

D'"O Estado de S. Paulo"
de 28/4/1929

INSTITUTO DE CAFÉ

Sob a habil e patriotica direcção do dr. Rolim Telles, digno secretario da Fazenda do governo do dr. Julio Prestes, esta grande instituição amparada por todos os Estados cafeeiros do Brasil, vae prestando á lavoura, inolvidaveis serviços. Tem-se dito que o café é vendido caro, todavia, comparando-se a variação do indice do custo médio de vida, de outros productos, com o do café, organisado pelo governo americano, vê-se que emquanto a perna de porco subiu de 108 %, a batata de 88 %, os ovos de 74 %, o pão de 64 %, o café subiu apenas de 62 %.

Entretanto, sabe-se que o "custo de producção do café" se elevou extraordinariamente como o provou o nosso distincto e operoso consul dr. João Muniz, no seu folheto apresentado ao presidente Hoover pelo Ministerio do Exterior.

Por esse estudo se vê que o custo de producção (em certas zonas velhas) é superior ao custo do mercado. Ora, em Economia Politica se diz que o preço de um genero no mercado não deve cahir abaixo do custo de producção mais elevado porque a producção tenderia a decrescer e o preço devera subir, desde que o consumo continue a sua marcha normal, como é o caso do café.

Para accentuar os bons serviços que o Instituto vae prestando aos productores e ao paiz, transcrevemos aqui os trechos

do que disseram delle em seus ultimos relatorios, os dois bancos nacionaes do Estado, cuja direcção pelo seu elevado criterio e pela respeitabilidade de seus directores, merece a maior consideração de todos os patriotas:

BANCO DO COMMERCIO E INDUSTRIA

"A' direcção firme e habil do Instituto que não deixou de attender a nenhuma das necessidades da lavoura e do commercio, devemos o termos podido conservar o dominio da situação, num momento em que mais difficil era obter essa preponderancia."

BANCO COMMERCIAL

"Em qualquer hypothese, impressões pessimistas não resistem a successos repetidos como os do Instituto, ou a demonstrações da maravilhosa vitalidade, como as tem dado á lavoura de S. Paulo.

...apresentando um encargo de cerca de 500 mil contos de réis para um valor de mais de 2 milhões de contos de réis de mercadoria prompta para exportação."

D'"O Estado de S. Paulo"
de 2/4/1929

COMMENTARIOS SOBRE O RELATORIO DO BANCO DO COMMERCIO E INDUSTRIA

....

"Com relação ao café, que é a viga mestra da nossa estructura economica, não dissimulam a bôa impressão que têm. Accentuam o incremento que tomaram as operações do Banco do Estado e observam:

> "Entretanto, apesar de todas essas providencias, teve o Instituto de enfrentar não poucas difficuldades na defeza do café nos ultimos seis mezes. Todas as manobras da especulação foram, porém dominadas, e a situação póde considerar-se normalizada. A' direcção firme e habil do Instituto, que não deixou de attender a nenhuma das necessidades da lavoura e do commercio, devemos o termos podido conservar o dominio da situação, num momento em que mais difficil era obter essa preponderancia."

....

D'"O Jornal", do Rio de Janeiro
de 18/1/1929

A LAVOURA E O INSTITUTO DO CAFÉ — O optimismo do sr. Joaquim Sampaio Vidal — (Da Succursal d'"O Jornal" em São Paulo)

S. PAULO, 15 — O sr. Joaquim de Abreu Sampaio Vidal, director da Sociedade Rural Brasileira, é tambem director do Partido Democratico. Seguem-se suas respostas ao nosso inquerito:

LIMITAÇÃO

— Satisfaz á lavoura cafeeira o systema de limitação de descidas de café para Santos, ora em rigor?

— No curso de sua applicação não se tem notado falhas sensiveis capazes de correcção?

— Pode ennumeral-as e expor a sua opinião a respeito dellas?

— O systema de limitação, objecto das perguntas acima, não estará mais em vigor na proxima safra.

O systema de embarque por quota e chegada do café no porto de Santos, pela ordem chronologica, foi substituido por um novo, denominado "embarques por serie".

A idéa, nascida na Liga Agricola Brasileira, foi enthusiasticamente abraçada por todos os interessados.

O sr. secretario da Fazenda convocou uma reunião aos representantes das associações agricolas, commercial e das estradas de ferro e uma commissão, então nomeada, redigiu a reforma necessaria ao Regulamento das Entradas de Café nos Portos e Mercados Intermediarios do Estado de S. Paulo.

O antigo systema, de quotas nos embarques e ordem chronologica nas chegadas aos portos de destino, dava motivo a abusos e outros inconvenientes inherentes ao proprio systema; sobresaindo, entre elles, a precipitação na colheita e no preparo do café, dando em resultado que o producto preparado ás pressas se resentisse de defeitos na sécca e no beneficiamento.

As novas disposições no referido regulamento esclarecem e demonstram o novo systema adoptado.

— Não lhe parece mais razoavel que os armazens reguladores fossem em Santos em logar dos pontos em que se acham?

— Isto não nos poria o producto mais á mão dos compradores, facilitando assim o trabalho de setisfazer as exigencias do mercado, que ora requer cafés finos, óra qualidades inferiores?

— A localização dos armazens reguladores obedece a um criterio logico e pratico. Foram localizados nos pontos de baldeação obrigatorio, de bitola estreita para a bitola larga.

Assim, em Araraquara, são armazenados os cafés provenientes da E. R. Araquara; em Rincão os que vêm da bitola estreita da Paulista; em S. Carlos, os que vêm da Douradense; em Itypina, os da zona Noroeste e ramal de Jahu'; em Campinas, os da Mogyana, etc.

Houve um intuito de economia. Baldeação exige sempre uma descarga e uma carga, e, sendo feita directamente nos armazens reguladores, a retenção não sobrecarregará o producto.

O embarque por série, habilitará o lavrador a attender as exigencias do mercado, fazendo chegar o que o mercado está exigindo.

FINANCIAMENTO

— E' completo o trabalho de financiamento das safras de café (parte retida nos reguladores) a cargo do Instituto?

— O financiamento do café, tem sido feito por intermedio do Banco do Estado de São Paulo. Pode ser que não seja perfeito, mas é o melhor que se fez até hoje.

— Não lhe parece que, em face da demora da chegada dos cafés a Santos, o penhor agricola deverá ser substituido por outra formula qualquer de emprestimo para custeio das fazendas?

— De facto, o penhor agricola de safra pendente, com a actual demora na chegada dos cafés parece-me que necessita de modificação, quanto á forma ou prazo. Presentemente, faz-se o penhor agricola, e uma vez o café embarcado e vencido o prazo, substitue-se por penhor mercantil.

— Tambem não acha excessiva a taxa cobrada pelo Banco do Estado sobre negocios com a lavoura cafeeira?

— As taxas cobradas pelo Banco do Estado, são as melhores que existem no mercado bancario paulista, o que não impede se desejar melhores.

O Banco do Estado deu um lucro liquido de 24 mil contos no anno de 1928. Ora o instituto de Café e o Governo do Estado tem 9|10 das acções significando, portanto, que ha margem para serem diminuidas as taxas.

Somos de opinião que não deve haver intuito de lucro, a não ser para cobertura das despezas e prejuizos eventuaes.

O lucro auferido é uma carga pesando sobre os productores e que, parece-me, deve ser retirada pela diminuição das taxas.

— Que applicação está dando o Instituto a taxa ouro (1$000 por sacco) cobrada da lavoura?

— A taxa de mil réis ouro tem sido para attender ao compromisso de juros e amortizações do emprestimo de dez milhões de esterlinos, aliás contraido sob a garantia da taxa ouro.

— Ha alguma cousa que revela ser disposição do governo restituil-a á lavoura, como reza a lei que a creou?

— A restituição da taxa ouro penso que só poderemos cogitar da devolução depois de resgatado o emprestimo de £ dez milhões (praso, 10 annos). Todavia, a lei que creou o imposto dispõe sobre a restituição.

PROPAGANDA

— Que pensa o sr. do processo de propaganda do café que o Instituto adoptou?

— Propaganda de café nos Estados Unidos não lhe parece demasia quando ali ha organizações formidaveis empenhadas em tal serviço?

— E na Europa, principalmente nos paizes que antes da guerra viam crescer diariamente o consumo do café, o trabalho está sendo feito sob o criterio commercial melhor?

— Quer me parecer que a propaganda está ainda em phase incipiente, não se podendo emittir com segurança uma opinião, si está certa ou errada.

A SITUAÇÃO DA LAVOURA

— Em summa é de tranquilidade a situação de lavoura de café?

— Tem o sr. confiança do que está feito e em vigencia?

— Não se arreceia de represalias de nossos grandes compradores?

— Tem o Governo paulista mão forte para conduzir com sabedoria esses complexos negocios de café?

— Tenho confiança absoluta na situação do café.

— A meu ver, o unico senão é a disparidade entre os productores paulistas e os dos outros Estados irmãos. Fóra de São Paulo, de outros Estados fazem escoar suas safras dentro do anno agricola, ficando, portanto, a cargo de São Paulo supportar o onus do stock brasileiro. A attitude dos outros Estados é inexplicavel e de imperdoavel falta de solidariedade.

— Os que falam em represalias são os interessados na baixa. Os nossos grandes compradores estão ganhando muito no negocio de torrar e vender.

A defesa do café, na actual base, tem de ser feita porque a vida economica da nação e São Paulo está tão intimamente entrosada, que não ha por onde fugir.

— Para baratear a producção do café não assistem ao governo meios efficientes?

— O barateamento da producção deve ser estudado pelos interessados e pelo Governo. Estou certo que a conjugação de esforços dará resultados.

Ao Governo compete algumas medidas, tal como o supprimento de braços.

Mas, o problema do café é muito complexo, e esbarra logo com o proteccionismo alfandegario, que tem encarecido a vida, logo o salario e o preço dos productos agricolas.

Do "Diario de S. Paulo",
de 13/8/1929

A POLITICA DO INSTITUTO DO CAFE' NA OPINIÃO DA LAVOURA PAULISTA — "A continuação da politica actual do Instituto se impõe como um dever de patriotismo e, só por si, representa um programma de governo" — diz o sr. Aurelio Junqueira ao "Diario de São Paulo"

Encetamos hoje uma série de entrevistas, tomadas aos principaes fazendeiros de café de São Paulo, com o fim de auscultar-lhes a opinião relativa á orientação actual do Instituto de Café em face dos problemas economicos entrelaçados na vida agricola e na fortuna publica.

Sabe-se o quanto foi malsinada pelos lavradores, o criterio adoptado pelo antecessor do sr. Rolim Telles, na direcção do Instituto. E isso é tão notorio que dispensa qualquer lembrança para mostrar os desastres dahi advindos para a situação da lavoura cafeeira.

Actualmente, de um modo geral, trouxe o Instituto certa tranquillidade aos fazendeiros, mantendo uma situação que parece de equilibrio economico e de franco bem estar.

Ha, comtudo, uma corrente opinativa, contraria ao preço mantido pelo Instituto, achando-o exaggeradamente alto. Entendem outros que póde, ainda, haver mais estreito entendimento entre essa repartição e certa parte da lavoura. Alguns, finalmente, acham

que São Paulo póde vender café a 19 cents. quando a concorrencia o entrega a 20 aos americanos, o que, si fosse prejudicial, sel-o-ia a um pequeno numero de lavradores ignorantes de methodos de producção mais perfeitos, não affectando isso a maioria, em favor das sahidas a preço remunerador.

Dahi o nosso inquerito, iniciado hoje com a palavra autorizada do sr. Aurelio de Andrade Junqueira, grande fazendeiro e conhecido commissario de café em Santos. Para isso, baseámos o nosso intuito numa pergunta synthetica:

— Deve-se desejar a continuação da actual politica do Instituto como util á economia da lavoura cafeeira?

— "A direcção actual do Instituto, diz o sr. Aurelio Junqueira, trouxe ao lavrador a segurança absoluta da remuneração justa do seu trabalho, restituindo-lhe, ao lar, a paz e a alegria que, devido ás suas inquietações anteriores, dali haviam desde algum tempo desertado.

Todos reconhecemos, na orientação superior do Instituto, uma vontade clarividente e decisiva, sob cujo commando trabalham homens experimentados no commercio de café. Da sua actuação decorrem vantagens para a estabilização do cambio, proveitos para a economia geral do povo e da nação e uma relação segura no valor das coisas, traduzido em dinheiro.

A continuação da politica actual do Instituto se impõe como um dever de patriotismo e, só por si, representa um programma de governo, direi mesmo, — o programma imprescindivel na actualidade.

Alguns adversarios da execução desse programma referem-se a uma pretensa exaggeração dos preços. Si observarmos, porém, o custo da producção, distribuindo as lavouras em tres categorias, conforme a idade e a média das colheitas, **veremos que a base entre 33$500 e 35$000 por 10 kilos, limites em que tem oscillado o typo 4, e apenas razoavel. Nada accusa de excessiva.**

Seria injustiça negar, em toda a gestão dos negocios do Instituto, a capacidade e a intelligencia do presidente do Estado, vigorosamente auxiliado pelo seu secretario da Fazenda. O dr. Rolim Telles tem se mostrado extremamente solicito em attender a todas as suggestões a elle levadas pelas associações de classe, envolvidas em transacções do café, associações, frizemos bem, tanto nacionaes como extrangeiras.

A minha opinião, portanto, é de inteira solidariedade com a direcção do Instituto, cuja continuação considero absolutamente indispensavel e sem nenhuma alteração organica capaz de affectar o funccionamento que até agora tem tido".

Do "Diario de S. Paulo",
de 2/7/1929

A SITUAÇÃO DO CAFE' NOS ESTADOS UNIDOS — O ex-presidente da "Stewart-Ashny", sr. C. R. Stewart, falando ao enviado especial do "Diario de S. Paulo" e d'"O Jornal". sr. C. A. Nobrega da Cunha, diz que os resultados do Instituto de Café são admiraveis

C. A. NOBREGA DA CUNHA — Enviado especial do "Diario de S. Paulo", do "O Jornal" e do "Estado de Minas", aos Estados Unidos

CHICAGO, 25 — Depois de marcado o encontro pelo telephone, fui recebido pelo sr. C. R. Stewart, vice-presidente da "Stewart-Ashny Company". Trocados os cumprimentos de cortesia, palestrámos ligeiramente. Assumptos varios, palavras medidas, até completar os poucos minutos que me foram concedidos. A entrevista já tinha sido escripta. Entregou-m'a. Ao todo parecia aprovar a acção do nosso Instituto de Defesa.

Na sua parte mais importante lia-se:

"Uma campanha tenaz, feita por parte do Instituto de Defesa, do Brasil, com o objectivo de augmentar o consumo do café nos Estados Unidos diminuiria materialmente qualquer possibilidade de fracasso na obra daquella conhecida instituição. Extenda-se a cooperação no mercado e teremos assegurado a equivalencia nas offertas e procuras.

"Os Estados Unidos não foram educados para que o café chegasse a custar um dollar por libra de peso, mas se merece, por esta quantia terá que ser vendido. Embora o café custe hoje duas vezes mais que nos annos anteriores, o consumidor ainda não deu por isso. Elle parece acreditar que o mercado de café é só um.

"O mal entendido que persiste entre certo publico seria facilmente afastado por meio de um programma educativo, inserto nos diarios daqui e nas publicações latino-americanas. O Instituto poderia auxiliar consideravelmente este trabalho.

"Pelo que diz respeito á obra do Instituto, acredito que não ha absolutamente nenhuma razão de queixas. Elle tem reconciliado admiravelmente o abastecimento a procura e os preços. Alguns dos meus compatricios, no emtanto, o tem olhado de esguelha. Temem que estejam sendo lesados no Brasil e que alguma coisa lhes esteja sendo occultada.

"Affligem-se por estar perdendo dinheiro. Houve, evidentemente, alguns torradores nos Estados Unidos, que tiveram pre-

juizos no anno passado, mas isso mesmo foi mais devido ao golpe da estabilização do que propriamente á existencia do Instituto. Estou altamente satisfeito com o mercado estavel, com os processos admiraveis do plano e com as suas medidas de protecção contra todas as contingencias só conhecidas por aquelles que se dedicam a este negocio.

"O Brasil tem credito illimitado e desperta a admiração e a confiança de todos os paizes do mundo. Ainda a seu favor tem uma safra sem nenhum competidor. Penso que se está conduzindo com muita sabedoria, o que faz esperar um futuro risonho para os seus agricultores. Os Estados Unidos, como o seu maior freguez, muito lhe têm auxiliado na procura de melhor situação.

"Os nossos negocios resultam mais satisfactorios, comprando o café ao preço estipulado sómente pelo custo da producção actual do que pelo das grandes especulações. A verdade é que embora tenhamos comprado menos café, assim mesmo elle nos tem dado melhores vantagens. Além do que, praticamente, muitas outras mercadorias, nos dias de hoje, estão sendo adquiridas em muito menores quantidades, dessa fórma, se conclue, não haver nenhuma innovação na acquisição do café brasileiro.

"Estamos usando alguns cafés "brandos" em nossas misturas, mas não em maior quantidade que antes da formação do Instituto. O nosso mercado ainda exige os cafés brasileiros. Não se poderá mostrar nenhuma transformação material. Alguns importadores poderão usar em maior proporção os cafés "brandos", mas isso não prejudicará o producto do Brasil. A producção dos typos "brandos" crescerá, os typos brasileiros tambem augmentarão e por fim, o augmento annual do consumo nivelará todas essas differenças. Mesmo que o consumo permaneça no mesmo gráo em que se encontra, o agricultor brasileiro, devido a nova ordem de coisas, estará protegido. O Brasil é grandemente poderoso e de numerosos recursos. O seu producto está demasiado firme no mercado para ser affectado por essas pequenas concorrencias. As outras praças possivelmente não teriam mercadoria sufficiente para attender a procura.

"E' duvidoso que o Brasil esteja recebendo um preço exorbitante pelo seu café. Os plantadores estão conseguindo mais um pouco, apenas para melhorar a qualidade do seu producto. O mercado da rubiacea nunca mais voltará aos niveis anteriores.

"A inquietação entre os importadores americanos, nestes ultimos annos, parte do facto, segundo alguns, de estar o Instituto actuando em detrimento do café mundial, ao em vez de attender ao seu verdadeiro objectivo, isto é, vender café e procurar augmentar o numero de compradores.

"Por certo elles não terão nenhum lucro com isso, o Instituto continuará a funccionar a despeito da opposição e o nosso problema será sempre vender café, não é aconselhavel tratar de outros assumptos. O plano do Brasil se está executando e não ha nenhum motivo para se penalizar do importador americano.

"Muitas das opiniões pessimistas emittidas por alguns dos importadores dos Estados Unidos, poderão ser afastadas completamente por um melhor entendimento sobre os planos e os objectivos do Instituto, entre os dois paizes.

"A verdade é que por intermedio dessa organização as nossas relações commerciaes estão se tornando mais cordiaes."

Do "Diario de S. Paulo",
de 3/7/1929

A SITUAÇÃO DO CAFE' NOS ESTADOS UNIDOS — O sr. Peter J. Biederman, presidente da "Biederman Bros Company", diz ao enviado especial do "Diario de São Paulo" e de "O Jornal", sr. C. A. Nobrega da Cunha, que o Brasil estaria em face de uma revolução se falhasse a obra do Instituto de Café

CHICAGO (Pelo telegrapho) — O commercio de café nesta cidade parece marchar de uma forma admiravel. O sr. Peter J. Biederman, presidente da "Biederman Bros Company", é o segundo magnata desse producto aqui, que me fala com desassombrada franqueza a favor da politica seguida pelo Brasil a respeito do seu café. Recebeu-me no seu gabinete particular. Muito conforto e sobriedade. No angulo esquerdo via-se um admiravel mostruario. Sentia-se, nas suas disposições, a mão do artista moderno. Sem esta exposição, parecia mais um escriptorio de banqueiro que de um vendedor de café.

Annunciada a minha presença, fui immediatamente introduzido. Trocamos as saudações. Elle se poz logo á minha disposição. Tinha a maior bôa vontade em conceder entrevistas para os grandes orgãos da imprensa brasileira, mas, afim de economizar tempo, usaria a sua tachigrapha e alguns minutos depois entregava-me copia dactylographada de tudo o que havia ditado tão rapidamente.

E affirmava com vigor: "O Brasil estaria em face de uma revolução se falhasse a obra do Instituto de Defesa. Esta organização não póde fracassar. O governo forte e estavel do Brasil de hoje não permittirá que se interrompa o trabalho do Instituto. As

minhas observações sobre esta organização são as mais optimistas. As instituições quando se tornam tão conhecidas, não falham. O plano está sufficientemente estudado.

Houve um tempo em que o agricultor e o povo brasileiro estavam em deploravel situação financeira. Depois de colher uma rica safra de café ainda não havia dinheiro para supprir as necessidades. O mil réis valia pouco. O Instituto de Defesa veiu como uma providencia para o Brasil.

"Os seus estadistas sahiram á procura de um remedio. O Instituto tem posto o paiz sobre bases solidas.

"A lei de procuras e offertas governará sempre a praça do café como o faz nos outros mercados. O preço póde baixar em seguida a uma colheita extraordinariamente grande, mas o Instituto não permittirá que chegue ao ponto de prejudicar o seu governo. Elle tem credito illimitado e os seus emprestimos são cobertos promptamente. Consequentemente, embora os preços caiam, nunca chegarão ao ponto de não render ao menos, o necessario para cobrar o custo da producção. Mesmo que cheguemos a comprar "dois saccos pelo preço de um" ainda assim a cotação fluctuará.

"O Instituto de Defesa não é uma organização para fixar preço. E' simplesmente um mercado cooperativo para a rubiacea brasileira. Ha tempos suggeri a conveniencia de se manter constantemente um milhão de saccas no porto de Santos, afim de que os compradores pudessem seleccionar os typos. Ao que me parece, isto se tem feito.

"Chego a acreditar que o plano de defesa seja a propria vida do Brasil. Falhasse elle e o Brasil seria lançado á bancarrota e portanto, em face de uma revolução. Quanto aos effeitos da acção do Instituto sobre os importadores americanos, nós agora não estamos em condições de comprar senão um pequeno "stock", em comparação com os tempos antigos, mas em compensação os preços se estão conservando permanentemente estabilizados. Os nossos freguezes não têm reclamado a elevação delles. Elles jamais procuraram saber porque se está cobrando mais caro. Não protestam e o consumo augmenta. Cresce ainda mais a procura pelos typos melhores.

"O café "brando" não é grande competidor da praça de Santos, nem o será jamais. Apenas tem sido e sempre o será um simples competidor. O Instituto, pelo actual systema está em condições de se certificar disso.

"O importador dos Estados Unidos não poderá fazer nenhuma accusação honesta ao Brasil, visto que o plano de negociar em cooperação tem sido applicado aqui e pelos mesmos processos

Accresce ainda que os methodos usados naquella grande republica têm dado muito melhores resultados do que os que se têm tentado em nosso paiz. O nosso mercado de uva, quando se viu congestionado, foi salvo pelo systema de cooperação, conseguindo-se dessa fórma empregal-a na ceva dos porcos antes que os preços baixassem muito. O Brasil nunca faria tal.

"Os seus planos, dirigidos pelo governo, não fixam preços, negociam apenas o café.

"Agrada-me vêr progredir qualquer paiz. O progresso do Brasil representa prosperidade para os Estados Unidos. Nós compramos os seus productos e elle os nossos.

"Mas, alguns importadores de café alimentam um ponto de vista pessimista a respeito do Instituto. Dizem ser difficil concordar com um plano que torna os seus negocios menos lucrativos. O meu pessimismo, se é que tenho algum, não chega ao ponto de acreditar, num possivel fracasso do Iistituto. Por um principio humanitario e como interessado no assumpto, eu não poderia negar aos brasileiros o direito de defender o esteio de sua Patria — o café.

"Fazem-se accusações de menor importancia. São de pouco effeito e de facil resposta. E' difficil, ás vezes, comprehenderem que o progresso do Brasil significa prosperidade aqui. Mais depressa do que se esperava nos estamos educando para tal.

"A despeito do preço actual do café, a minha freguezia está perfeitamente satisfeita. Pagaria mais e ainda ficaria contente. Os nossos lucros são mais ou menos os mesmos e não acredito que qualquer prejuizo soffrido por algum importador seja um reflexo da obra do Instituto.

"O Brasil tem, nos dias de hoje um dos governos mais fortes do mundo e o seu padrão monetario tem subido além do que se sonhára. Elle de fórma nenhuma consentirá na baixa deste padrão. A sua situação está firmemente protegida para que isto se torne uma probabilidade. Por esta razão, o preço do seu café não tem descido e, emquanto isso, o agricultor brasileiro obtem lucros convidativos e os consumidores americanos vão pagando, com satisfação, o que se lhes cobrar."

Do "Diario de S. Paulo
de 1/3/1929

A OPINIÃO EXTRANGEIRA

Da circular n. 16 da "*Maison Wagner*", do Havre:

....

"O Instituto defende-se com grande habilidade e tenaz ener-

gia, realmente dignas de admiração, embora tenha deante de si uma árdua tarefa a cumprir.

....

Parece que o melhor, nas actuaes circumstancias, é ser opportunista, e ajudar o Instituto emquanto isso provar bem, sem entretanto avançar demasiadamente, para que seja possivel, a qualquer momento, uma retirada."

....

D'"O Jornal", do Rio de Janeiro
de 2/6/1929

A SITUAÇÃO DO CAFE' NOS ESTADOS UNIDOS — O enviado especial de "O Jornal" e do "Diario de S. Paulo" sr. C. A. Nobrega da Cunha, apura num inquerito, a applicação da receita da taxa de trezentos réis que o governo paulista cobra sobre cada sacca de café exportado — A actividade da Brazilian-American Coffee Promotion Comittee

NOVA YORK, 1. (Pelo telegrapho) — Em que se emprega a taxa de trezentos réis que o governo paulista cobra sobre cada sacca de café exportado e que se destina á propaganda do café brasileiro no mundo?

Talvez parte da receita produzida por essa taxa é utilizada em annunciar o café brasileiro e distribuir informações sobre elle nos Estados Unidos, o grande freguez do Brasil, pela "Brazilian-American Coffee Promotion Comittee".

Essa commissão está presentemente realizando, com toda a actividade, um programma que será fertil em esplendidos resultados para o producto brasileiro e tambem para as proprias relações amistosas existentes entre o Brasil e os Estados Unidos, que todos os annos compra mais de um milhão de contos de café do nosso paiz. O programma a que me refiro comprehende as seguintes finalidades:

1) fazer a propaganda do café santista nos jornaes que se occupam do commercio do café e do commercio retalhista em geral.

2) Promover as investigações scientificas sobre o café.

3) Preparar material educacional para distribuir nos cursos superiores e universidades.

4) Preparar boletins, pamphletos e outras publicações de propaganda para o uso do consumidor e distribuição entre os torradores e retalhistas do café, etc.

5) Fornecer um serviço de informação sobre o café á imprensa.

6) Fazer propaganda do café nos jornaes medicos, hospitaes e outras publicações que interessem á saude individual e collectiva.

7) Preparação de uma nova fita cinematographica para ser exhibida nas escolas, fabricas e outros centros.

8) Cooperar com a Associação Nacional de Torradores de Café no seu programma de fazer propaganda das conclusões relativas ao café, a que chegaram o professor Prescott e outros scientistas americanos.

O primeiro item do programma da "Promotion Committee" está sendo fielmente executado, pois o café santista tem uma magnifica propaganda nas publicações sobre o café e nas que se occupam do commercio retalhista. Não se faz puplicidade nos jornaes diarios e revistas regulares destinados ao publico em geral, porque uma longa experiencia provou que tal propaganda é destituida de valor, mas os orgãos do commercio do café e do commercio retalhista são vastamente lidos pelos torradores, commerciantes em grosso e retalhistas e têm provado ser um excellente meio de propaganda do café santista.

Além dos numerosos boletins educacionaes que já foram publicados e distribuidos em todos os Estados Unidos pela Associação Nacional de Torradores de Café e outras organizações do commercio da rubiacea brasileira, a "Brazilian-American Promotion Committee" projecta publicar muitos pamphletos instructivos sobre o café brasileiro. sua producção, modo de embarque, methodos de torrar e regras para preparal-o etc., os quaes serão distribuidos não só aos interessados no commercio cafeeiro como nas escolas e entre os consumidores.

A Commissão já tem diversos mil pés de um film interessantissimo tomado nas plantações de café brasileiras, nos armazens de Santos, onde o café é embarcado para a exportação. A esse film serão sommadas algumas centenas de pés mostrando os methodos de torrefacção e o melhor meio de preparar o café para a bebida. Esse film quando terminado será exhibido nas escolas, clubs e fabricas em todos os Estados Unidos, servindo assim como um meio muito valioso e efficiente da propaganda do café brasileiro neste paiz.

Muito se têm dedicado a esse serviço de propaganda do café o sr. Felix Costa, que age como secretario da Commissão e que é tambem secretario da Associação Nacional de Torradores de Café, e o sr. Sebastião Sampaio, consul geral do Brasil em Nova York, que representa tambem o Instituto de Defesa do Café de São Paulo.

D'"O Estado de São Paulo"
de 3/9/1927

"Estamos satisfeitos com a solução que teve a conferencia dos Estados cafeeiros. Sahiu della um convenio unanime para a defeza do café. Acertaram-se as vontades e concertaram-se os meios de acção. Sem essa unanimidade, nada, ou muito pouco, se faria. Com ella, tudo se poderá fazer. Comprehenderam, finalmente, todos os Estados cafeeiros que a defeza do café não é apenas um problema Paulista. E' um problema nacional. Ainda bem. Essa comprehensão estava tardando, e essa tardança nos roubava a tranquilidade do espirito...

Satisfeitos ficamos, tambem, por ver orientado para rumo certo o espirito dos homens a quem cabe a execução do plano de defeza do café. Cogitou-se, seriamente, na conferencia, do trabalho de propaganda externa do producto. Essa cogitação demonstra que se percebeu, afinal, no Instituto do Café, que o programma de acção não consiste, apenas, em regular a venda nos portos de exportação. Consiste muito mais na multiplicação de mercados novos e na ampliação do consumo nos velhos mercados. Da propaganda, que é um dos elementos essenciaes da batalha para a conquista de consumidores, quasi nada se sabia a não ser que della tinham sido encarregadas, aqui e alli, pessoas com muitos conhecimentos das rodas governamentaes mas nenhum dos negocios de café...

Folgamos com a mudança de orientação. Mas só ficaremos socegados quando verificarmos que a propaganda irá ser feita com orientação estrictamente commercial e não com orientação assignaladamente politica."

D'"O Jornal", do Rio de Janeiro
de 10/9/1927

INDICE INCONFUNDIVEL

"Não fosse a resolução recentemente tomada no sentido de se obterem meios de financiar a grande safra de café em perspectiva e poderiamos dizer que São Paulo se encontrava no vertice de uma crise assustadora, tanto ou mais do que a que se desencadeou nos ultimos mezes da presidencia Bernardes, á época do abalo causado pela desinflação. Incontestavelmente, não ha melhor indice dessa crise do que as condições em que se acham as caixas dos Bancos, em confronto com a posição dos emprestimos feitos e dos depositos por elles accumulados.

D'"O Estado de São Paulo"
de 25/9/1927

"E' auspiciosa para a lavoura a noticia, divulgada hontem de que foi criada no Banco do Estado de São Paulo a carteira hypothecaria destinada a assegurar credito a longo prazo para a lavoura e para as propriedades urbanas na capital.

Credito hypothecario não o tinhamos. Faziam-se negocios a longo prazo com particulares e commissarios. Os particulares capitalistas não são em grande numero, e os commissarios, devido á retracção geral do credito, viram reduzidos os seus recursos. Sem um systema bancario fortemente organisado, esse genero de trasacções não se desenvolveria. No Congresso Federal, de vez em quando, falava-se e fala-se na constituição de bancos hypothecarios ou, quando menos, na abertura de uma carteira hypothecaria no Banco do Brasil. Fala-se, mas não se realisa. Tem ficado tudo, invariavelmente, nas palavras escriptas ou pronunciadas. O credito agricola foi elevado, nestes ultimos annos, á categoria de thema de discursos e de capitulo de programmas politicos. Nada mais. Ficou sendo uma especie de companheiro obrigatorio da reforma eleitoral, da remodelação dos costumes e do equilibrio orçamentario, coisas essas muito preconisadas, muito celebradas, muito sublimadas mas sempre adiadas...

Não se podem recusar applausos á iniciativa que o Banco do Estado de São Paulo tomou. Graças a ella, vão attenuar-se as afflicções dos lavradores. Dinheiro já existe. Resta agora que os lavradores saibam conter os seus impulsos perdularios. Não é só o Brasil-estado que necessita do regime dietetico das economias severas. E' tambem o Brasil-povo. Tudo quanto parecer despeza sumptuaria deve ser retardado. O momento só comporta despezas reproductivas. Emprestimos que se não appliquem integralmente a despezas dessa natureza evite-os, intransigentemente, o lavrador sensato.

Desafogada a lavoura, alliviado ficará, tambem, o commercio. Os apertos deste advem, principalmente, das angustias daquella. A fonte da prosperidade paulista, que a tudo leva as suas aguas fecundas, é a lavoura. Diminuida a vasão dessa fonte, tudo fenece e succumbe. Serenada a atmosphera em que os agricultores vivem, serenado ficará todo o ambiente economico do Estado. Haverá, por toda a parte, uma florescencia de esperanças e uma renovação intensa de trabalho. O que nos tem feito muito mal é a falta de confiança. Ninguem sabe o que o dia seguinte lhe reserva e o que suppõe que lhe vae reservar é quasi sempre uma coisa sombria. Com a organisação do credito para a lavoura, desapparece uma das

causas mais visiveis dessa desconfiança. O lavrador começa a olhar o futuro com tranquillidade e a ter fé na efficiencia da sua energia. Esse estado de espirito não tarde a alastrar-se, passando do lavrador a todas as outras classes sociaes.

Ha momentos em que o optimismo se impõe. Parece-nos que estamos em um desses momentos. E' possivel que a politica se dê pressa em ceifar as flores desse optimismo. Mas, emquanto ella não se mostra, respiremos a todos pulmões o doce aroma que essas flores desprendem".

D'"O Jornal", do Rio de Janeiro
de 25/9/1927

AS MODIFICAÇÕES DO BANCO DO ESTADO

"Se podemos generalizar as impressões colhidas na Sociedade Rural Brasileira na Liga Agricola Brasileira e de fazendeiros que se nos depararam ao acaso, podemos tambem informar **que causou a melhor impressão, nos meios agricolas, a criação da Carteira Hypothecaria do Banco do Estado de São Paulo,** nas bases constantes de um nosso despacho anterior. Condensando quanto ouvimos a respeito, de lavradores, assim poderemos traduzir o que se pensa.

Um dos motivos pelos quaes a rotina ainda campeia na lavoura, mesmo neste Estado, onde a propria reclame commercial de machinismos agricolas, fartamente diffundida, ensina os novos processos de amanhar a terra, é a falta de credito agrario. Emprestimos communs, a taxas elevadas e a prazos mais curtos do que o espaço comprehendido entre o plantio e a safra, só servem para arruinar proprietarios ruraes e atiral-os, despojados de seus bens, á vida urbana. Assim, não é possivel a um lavrador apparelhar-se para a lavoura intensiva, pela compra de machinismos e demais utensilios. Ao demais, a agricultura tem os seus altos e baixos, tem os annos uberes e os annos safaros; aquelles em que a mésse é farta, e aquelles em que as geadas, o excesso ou falta de chuvas e outras irregularidades meteorologicas inutilizam os esforços do lavrador e o deixam sem recursos mesma para a labuta do anno seguinte. E' por isso que o credito agricola constitue uma das principaes preoccupações dos paizes bem administrados.

A Carteira Hypothecaria do Banco do Estado, recem-criada, attende justamente ás necessidades do credito agricola e suas bases permittem esperar della os melhores resultados, segundo nos dizem os entendidos no assumpto. Elles julgam que não se poderia esperar mais: emprestimos a 9 %, a prazos que se estendem até quinze annos. E' phase nova para a lavoura paulista.

Um lavrador, "doublé" de banqueiro, chamou nossa attenção para outro alcance da medida: emittindo letras ouro, cotadas no exterior, garantidas por titulos hypothecarios e penhores agricolas, o Banco do Estado dará novos recursos de numerario ao paiz, sem, aliás, commetter o peccado do inflacionismo, por isso que existe o lastro correspondente á emissão, lastro o mais real possivel: os immoveis hypothecarios ou dados em penhor Esse lavrador, "doublé" de banqueiro, observou que não se trata de uma innovação no terreno bancario, ou de uma experiencia: o "Banco de la Nacion", de Buenos Aires, já pratica o processo ha muito tempo, com os melhores resultados.

Recáem no sr. Mario Rolim Telles os elogios provocados por essa medida. Os lavradores dizem que elle é o primeiro secretario da Fazenda do Estado de São Paulo que administra em contacto directo com as classes conservadoras. Ao demais, antes de secretario, era lavrador e commissario, tendo sido victima dos males que ora tenta jugular. Esteve sempre ao lado dos lavradores contra a politica, tendo assignado todas as representações e reclamações razoaveis ao governo. E' de esperar que agora não a abandone."

D'"O Jornal" do Rio de Janeiro
de 26/9/1927

S. PAULO ESTADO-NAÇÃO — Assis Chateaubriand

"Uma noticia que "O Jornal" publicou domingo, não póde deixar de ser recebida como das mais auspiciosas que têm sido divulgadas ultimamente. Segundo communicado da succursal desta folha em São Paulo, a casa Lazard Brothers teria adquirido o total da primeira emissão de 50 mil contos de letras-ouro da carteira hypothecaria do Banco do Estado de São Paulo, a qual vem de ser ha pouco criada. O facto demonstra o credito que a economia paulista suscita em Londres. Já o Instituto lograra levantar 10 milhões esterlinos com Lazard Brothers para a defesa do café, emquanto que o Banco do Estado de São Paulo, — esse, filho do Instituto — obtinha depois da mesma firma um credito de 5 milhões e agora a venda de 1.250 mil libras de letras-ouro, da sua carteira hypothecaria.

Os paulistas devem estar satisfeitos. Sózinho, jogando exclusivamente com o seu credito, sem mais necessidade do endosso da União, São Paulo póde apparecer num mercado de dinheiro como Londres e alcançar 16 1/2 milhões esterlinos de emprestimos. Conseguiu mobilizar as safras retidas do seu café no interior e iniciou, com uma boa base, a organização do credito agricola no Estado.

A lição que os outros brasileiros devem tirar desse facto é apenas que os paulistas, cançados de appellar para a União Federal, nas horas afflictivas das crises de crescimento por que tem passado, decidiram-se afinal resolver sózinhos os seus grandes problemas de credito. Durante annos e annos, os paulistas appellaram para o poder federal, em momentos ingratissimos da sua existencia. O poder federal lhes fez ouvidos moucos. A presidencia Bernardes quasi anniquilla São Paulo. O ex-presidente attingiu ao Cattete, agraças ao apoio de São Paulo official, mas no dia em que nelle se firmou, e venceu com São Paulo a revolução que desafiara e esperara, entregou os paulistas á sua propria sorte. O presidente Bernardes chegou, de uma feita, a mandar suspender, nas succursaes do Banco do Brasil em São Paulo, todas as operações de café e isto quando o Banco possuia de depositos paulistas para cima de 200 mil contos de réis nos seus cofres!

Estes e outros exemplos foram ensinando aos espiritos mais previdentes e mais lucidos de São Paulo, a necessidade de procurarem o mais cedo possivel o caminho da independencia. As medidas agora tomadas não foram suggeridas pelo São Paulo official, onde, salvo o secretario das Finanças, sr. Rolim Telles, que se está revelando um homem de iniciativa, ninguem, a começar do presidente do Estado, tem altura mental para comprehender essas coisas; mas por uma elite de elementos da grande industria bancaria paulista, os quaes conseguiram criar a nova mentalidade de governo a qual ali se está revelando. O sr. Julio Prestes está tendo tão sómente o bom senso de não impedir que o rio corra e chegue á sua foz.

São Paulo está se organizando como um Estado-nação. A economia paulista, açoitada pela indifferença da União, coordena os seus esforços para uma existencia autonoma. E' bello, fecundo e instructivo para o Brasil. Mas é doloroso para a União, que revela a sua tremenda incapacidade, sob Arthur Bernardes ou Washington Luis, para enfrentar, com resultados surprehendentes para o principio e o sentimento da unidade nacional, os problemas ligados á organização economica do Estado do Brasil, onde, pelos seus factores de riqueza e credito, tal organização estava de antemão facilitada para ella."

D'"O Jornal", do Rio de Janeiro
de 1/11/1927

CREDITO E RETENÇÃO

"Em São Paulo, a situação melhorou consideravelmente. Entre o que se passava em Julho quando "O Jornal" entrou a mostrar os perigos economicos da retenção do café sem paralellas faci-

lidades de credito á lavoura, e o que hoje se observa, ha uma enorme differença.

....

....

....

....

Os incovenientes e os perigos que previamos estão se manifestando de modo evidente em Minas, de cujas zonas cafeeiras nos chegam diariamente ás mãos cartas que dão a idéa da precaria posição a que vão sendo reduzidos os lavradores principalmente aquelles cuja producção é mais modesta.

....

....

....

....

D'"O Jornal", do Rio de Janeiro
de 14/11/1927

O DEUS MILAGROSO

"S. Paulo, 12 (Pelo telephone) — Conversando ha oito mezes com um banqueiro daqui, numa hora de tremenda desolação para a economia paulista, disse-me elle mais ou menos isto: "O momento é triste e o futuro carregado de apprehensões. Atravessamos a crise mais prolongada de que tenho noticia na minha carreira e na minha experiencia de homem de negocios. São Paulo começou a ser sangrado pelos golpes que lhe desfechou o presidente Bernardes; porém, depois este partiu, a hemorrhagia subsiste, esvaindo o ferido, e provocada por elle, que continua a ferir-se com as proprias mãos. Agora, quem nos está exhaurindo é o Instituto com os seus methodos erroneos na orientação da politica do café." Pelo que vejo, respondi, o seu pessimismo é atroz. "Não, retrucou-me elle. Porque o café é um deus milagroso. Quando menos se espera, nos nossos instantes de maior angustia, como o Christo no "suave milagre", elle apparece dizendo: — Aqui Estou." O milagre agora está perto. A fortuna começa de novo a sorrir a São Paulo por todos os lados. **Em oito mezes, a cotação do disponivel em Nova York elevou-se de 14 a 22 centavos.** Estavamos sob o risco imminente de um "defficit", expresso pelas entradas ouro de café, em perto de vinte milhões de esterlinos. Era essa perspectiva, que nos assombrava; mas emquanto a encaravamos apprehensivos, o presidente Washington Luis só porque estabilizara

por um decreto, o cambio, via o futuro côr de rosa. A situação agora, aqui, é de convalescença. A passagem do tufão durante quatro annos, fez enormes estragos, que começam a ser reparados. As operações de café, mediante conhecimentos de embarque, se fazem normalmente; o interior se tonifica pouco a pouco, augmentando a sua capacidade de acquisição. As fabricas do districto da capital estão tendo as suas vendas augmentadas, e o que é interessante, é que quasi todas as fiações de tecelagem de algodão se cobriam na baixa desse producto. Assim, pois temos o panno fabricado com algodões adquiridos por preços muito abaixo dos actuaes; e um unico grande industrial que não acreditava na alta do algodão, esse, que agora se está cobrindo, será obrigado a acompanhar os preços da maioria. As letras hypothecarias ouro do emprestimo Lazard Brothers estão completando o resto. Apesar da politica financeira do presidente Washington Luis, S. Paulo convalesce. O criador supremo dessa rehabilitação physica e moral ainda é o café, que num instante em que todas as esperanças pareciam abandonar-nos, apparece, como Jesus, para dizer apenas ao brasileiro — Aqui estou.

(a) **Assis Chateaubriand**

NOTA — Com o café a 14 centavos o Sr. Chateaubriand descreve as primeiras linhas. — Com o café a 22 tira as conclusões de bonança. Podia-se vender o café por menos?

D'"O Estado de S. Paulo"
de 26/11/1927

. . . .

"Quem conhece o movimento financeiro e economico deste anno sabe que esforços empregou o Banco do Brasil para manter essa taxa. Não fossem os emprestimos e, mais do que tudo, a mudança radical da politica do Instituto de Café, e o Banco do Brasil teria que içar a bandeira branca, pois não poderia eternamente sustentar o cambio por meio de "reports" ou de creditos a noventa dias... O ministro da Fazenda do governo federal na sustentação do cambio, de Julho para cá, tem sido o secretario da Fazenda de São Paulo, o qual, accudindo ao café, com as providencias que lhe indicaria a opinião publica, fez o valor do nosso principal producto de exportação augmentar de **quase duas libras esterlinas por sacca.**

Sofra o valor exportavel dos nossos productos um recúo e, mesmo sendo continua a exportação, veremos, dentro em pouco, manisfestar-se a procura de ouro da Caixa, e, portanto, o retrahi-

mento da circulação. Num paiz de communicações difficeis e de nenhuma educação commercial, num paiz onde uma grande massa de numerario está fóra da circulação, a nova politica é um perigo para a estabilidade do movimento commercial.

Dirão que isto é opposição systematica. Podem dizel-o os que só cuidam de pessoas e não têm olhos para ver as coisas. Não o dirão, com certeza, os que acompanham com attenção os negocios publicos e a vida economica do paiz."

D' "O Jornal", do Rio de Janeiro
de 7/1/1928

A RESURREIÇÃO DA PRAÇA DE SANTOS — (Da Succursal d'"O Jornal" em São Paulo)

S. PAULO — Quem visitou Santos em setembro e visita agora, só reconhece a cidade pela physionomia das casas. Commercialmente, a praça é outra. Santos resuscitou. E resuscitou muito bem de saude, disse-nos um banqueiro. A paralyzação da Bolsa Official de Café havia sido absoluta, total. Aquelle apparelhamento não pudéra resistir á actuação do sr. Mario Tavares no Instituto do Café. Todo o movimento de negocios realizados em seis mezes, não equivalia ao movimento de um só dia, dos bons tempos. Entretanto, os negocios fechados pela Bolsa no mez de dezembro ultimo, a termo, subiram a cincoenta e nove mil saccas. Ha animação, ha mesmo agitação. A situação do café no exterior melhorou muito e della se póde ter uma idéa considerando-se que, num dia desta semana, foram vendidas trinta e tres mil saccas, para setembro. Espera-se que o movimento de exportação pelo porto de Santos, no corrente anno, ultrapasse o de 1927 em um milhão de saccas.

Assistimos a uma sessão da Bolsa Official de Café e ficámos admirados do movimento, da animação, do enthusiasmo. Quando ella terminou, abeirámo-nos de um grupo de commissarios, reunidos em torno do dr. Sebastião de Almeida Prado, presidente da Bolsa. Inquirimol-os sobre os motivos de tão brusca mudança da situação da praça. Referiram-se a circumstancias que já expuzemos, tratando da praça de São Paulo, entre as quaes, o atrazo, a pequena quantidade e a má qualidade da safra da America Central. Mas sublinharam, com especial cuidado, esta razão final:

"Deve-se reconhecer que a nova directriz do Instituto do Café tem contribuido enormemente para isso. Com ella, e com o novo regulamento da Bolsa, os negociantes sentem-se perfeitamente ga-

rantidos, e confiam plenamente. Estão bem, estão á vontade. Os productores, como os commerciantes, estão muito satisfeitos com o dr. Mario Rolim Telles. Elle entende do assumpto e tem mostrado toda a boa vontade e diligencia. Na outra administração, se se solicitava ao Instituto uma providencia urgente, uma cessação de entrada de café, por exemplo, ou um reforço de stock, tal providencia não chegava senão depois de interminavel troca de officios, decorridos vinte ou trinta dias, quando já se havia consumado o desastre que com ella se quizera evitar. Agora, não: o presidente do Instituto providencia immediatamente, servindo-se mesmo do telephone para attender mais depressa."

Se o presente está assim, melhores ainda são as espectativas. Aguarda-se para fevereiro e março um regimen de franca prosperidade. A crise já se considera quasi como um espectro que passou e de que a memoria se vae esquecendo. Na Associação Commercial, as impressões que colhemos, confirmam as que nos deram na Bolsa e o movimento das agencias bancarias tudo ratifica.

D'"O Jornal", do Rio de Janeiro
de 2/3/1928

A SITUAÇÃO DO CAFEÉ — **Os exportadores, batidos pela necessidade de attender ás conveniencias do consumo, fortalecem o marcado dia a dia**

A situação da firmeza do mercado de café, embora ligeira oscillação que possa causar o augmento das entradas na praça de Santos, oriundo do restabelecimento da quota supplementar, mereceu de S. Medeiros, conhecido escriptorio de informações commerciaes que attende ao movimento de consultas da capital paulista, o seguinte commentario:

E' unanimemente reconhecida a excepcional situação favoravel que actualmente atravessa o nosso mercado de café. Não ha nenhuma opinião discrepante a respeito, estando todos de accordo, tanto aqui como lá fóra, em que só ha probabilidades de se registrar, nos proximos dias ou semanas, preços ainda mais elevados para o nosso principal producto. **São geraes e sinceros os applausos ao Instituto de Café que, deante duma safra record como a que se verifica neste anno cafeeiro, conseguiu, com suas medidas intelligentes e efficazes, collocar o café numa invejavel posição estatistica que lhe garante inteiramente uma folgada situação futura,** ao mesmo tempo em que tem não só mantido mas tambem feito elevar, os preços, em relação aos annos anteriores.

Os algarismos, tão expressivos pelo seu cotejo, ahi estão a attestar quão magnifica é a posição estatistica a que chegámos, dadas as necessidades do consumo, cada vez mais accentuadas; essas necessidades conjugadas com outros factores, por nós já demais conhecidos, nos conferem agora o direito de completo dominio sobre todos os centros importadores.

São essas as circumstancias ponderaveis que inspiram a todos os interessados aquella confiança absoluta que só a evidencia dos factos logra inspirar. Alliando-nos as idéas mais optimistas, podemos, tranquillamente, alimentar só esplendidas perspectivas com com referencia ao mercado de café.

D'"O Estado de São Paulo"
de 4/4/1928

NA COLOMBIA — A Situação do Café

"Da "Revista do Banco da Republica", de Bogotá, Colombia, sob o titulo "Mercado de Café". "Desde fins do anno passado, o annuncio de uma colheita monstro no Brasil manteve deprimido o mercado desse artigo. Mas no mez de Setembro começou a manifestar-se uma alta nas cotações de Nova York, a qual se accentuou em Outubro e se sustenta ainda presentemente, tendo chegado o preço do café "Medellin-Excelso" — a melhor classe de café colombiano — a 29 e tres quartos de centavo á libra. Não pode attribuir-se exclusivamente essa alta á escassez de cafés "suaves" no mercado novayorkino, pois que ella se manifestou, em proporções ainda maiores, nos cafés do Brasil, tendo subido o Santos n.º 4 de 17 a 22 e meio cents. no decurso de dois mezes, **o que demonstra que ella se deve á politica empregada pela commissão de Defeza do Café que funcciona em São Paulo e que, graças aos recursos que conseguiu obter,** sobretudo na Inglaterra, pôde dominar a situação, dosando, por assim dizer, as sahidas do café brasileiro no estrictamente necessario para o consumo, politica que se viu favorecida pela que com bastante imprudencia, seguiam os torradores dos Estados Unidos, os quaes, á espera da annunciada baixa de preços, deixaram acabar-se os seus depositos e ficaram, precisamente ao começar a época de actividade do consumo, á mercê dos productores do Brasil. Como parece que a grande safra actual soffreu perdas consideraveis na colheita, por causa das extraordinarias chuvas, e, demais, sendo sabido que sempre a uma safra muito grande, como a actual, se segue uma ou varias

pequenas, pode esperar-se que a existencia de café não seja em Julho de 1928 tão excessiva como se temia, e que fique em boa parte reduzida pela deficiencia da proxima safra do Brasil, a qual não se poderá calcular com alguma exactidão até Fevereiro, mas a cujo respeito ha telegramma de São Paulo que calcula a de Santos entre oito e nove milhões de saccas. São, pois, boas, tanto a situação actual como a perspectiva, o que para a Colombia tem grande importancia, levando-se em conta que as safras de Antiochia, de Caldas e dos Santanders, que se estão presentemente colhendo serão abundantes, como as que se acham em vias de maturação em Cundinamarca e Tolima, a serem colhidas em meiados do primeiro semestre do anno proximo, podendo apenas temer-se que, continuando o duro inverno actual soffram alguma diminuição. Em meiados de Junho se reuniu em Medellin o congresso cafeeiro da Colombia, que chegou a varias resoluções importantes em favor da industria, entre ellas a da criação de uma commissão nacional, encarregada de promover a associação dos productores e a defeza dos seus interesses, commissão essa que vem trabalhando com muito esforço, especialmente para obter do congresso as medidas tendentes a assegurar a efficacia dos seus trabalhos em favor da industria cafeeira e, por conseguinte, do paiz."

D'"O Estado de São Paulo"
de 26/5/1928

NOTAS E INFORMAÇÕES

"**O Instituto de Café organisou o serviço de recebimento dos cafés despolpados em Santos sem passagem pelos armazens reguladores.** Era uma medida indispensavel. Não se comprehendia que do mesmo passo que se fazia intensa propaganda em favor do melhoramento dos typos de café, não se cuidasse de facilitar a venda e exportação desses typos. Só prejuizos teria o fazendeiro se preparasse o seu café, se o tratasse com o maior desvelo e se o apurasse com maior carinho, e depois o visse sepultado, mezes a fio, nos armazens reguladores, perdido na multidão plebeia dos cafés ordinarios. Muitas reclamações já haviam surgido a esse proposito. Estranhava-se, e com toda a razão, que o Instituto não tivesse a providencia que ora tomou.

Preferidos para a exportação os typos finos, mais ouro entrará para o paiz em troca de melhor volume de mercadoria e os

fazendeiros caprichosos perceberão, em tempo opportuno, as justas recompensas de que o seu esforço os fez dignos.

Estabelecida a preferencia para os cafés aperfeiçoados, a lavoura vae, agora, naturalmente, dedicar-se ao trabalho de preparar uma producção que se recommenda mais pela qualidade do que pela quantidade. Essa producção será a unica em condições de lhe garantir o dominio dos mercados externos e, portanto, de lhe assegurar a victoria na luta, cada vez mais viva, que travou com os concorrentes.

A defesa do café não se resume na restricção das exportações e no apparelhamento financeiro do Instituto. Depende, principalmente, da qualidade do producto. O consumidor reclama café excellente. Se não attendermos á reclamação, ficaremos com a mercadoria nas tulhas, pois os concorrentes, mais atilados que nós, já estão fornecendo ao consumidor o que elle deseja.

Não sabemos se a providencia adoptada pelo Instituto resolverá todas as difficuldades do problema. Mas, se não resolver, outra virá substituil-a. O interesse do Instituto é o mesmo da lavoura e nesses assumptos nunca se chega de um arranco á solução ideal. Ao ideal propriamente nunca se chega; o mais que se pode desejar, e que se consegue, é attingir ás soluções vizinhas do ideal, isto é, ás que, comquanto não eliminem todas as desvantagens, proporcionem o maior numero de vantagens.

Defeituoso ou feliz, o acto do Instituto **veiu, em todo o caso, mostrar que a sua directoria continua animada do mesmo espirito conciliador com que se estreou na administração.** Prova, tambem, que elle anda attento a todas as queixas da lavoura e não timbra, mais, como outróra, em lhe contrariar os desejos e lhe repellir os conselhos..."

D'"O Jornal", do Rio de Janeiro
de 1/8/1928

O CAFÉ NOS ESTADOS UNIDOS

Noticias oriundas dos mais autorizados centros commerciaes dos Estados Unidos são accordes em affirmar que em torno da situação do café do Brasil, **se vae formando uma atmosphera de serenidade e confiança, desfeitas as prevenções** que de vez em quando irrompiam contra a politica de defesa, praticada pelos nossos Estados productores no intuito de impedir a instabilidade dos preços e a confusão dos negocios nos mercados exportadores do paiz e mesmo nas grandes praças importadoras do exterior.

A verdade é que, com maiores ou menores oscillações, o consumo de café cresce nos Estados Unidos, não só pela natural expansão do habito que criou a necessidade e fel-o indispensavel no seio de todas as classes, como pelo augmento constante das populações da grande Republica. As nossas estatisticas de exportação para o Norte-America accusam elevação gradativa dos algarismos que as representam; é assim que, se em 1925 o Brasil exporta para os mercados norte-americanos 7.017.107 saccas, em 1926 a exportação é augmentada de mais de 450.000, exportando-se em o anno passado 7.946.202.

Dos paizes que competem com o Brasil nos fornecimentos de café aos Estados Unidos, a Colombia é o que tem conseguido augmentar em maior escala as suas exportações, mas esse augmento não pode occasionar desequilibrio sério na marcha geral do mercado principalmente pela natureza do producto, com repercussão sensivel nos preços. Por seu turno, apesar do que se tem dito sem maior exame, as plantações de café em varias zonas da Asia e da Africa, como se infere das estatisticas do Instituto Internacional de Agricultura em Roma, não constituem, pelo menos por emquanto, ameaça séria á situação lisonjeira do café nacional.

E' isso mesmo o que se confirma agora em correspondencia de Londres, publicada no "Tea Coffee and Trade Journal": "Ao contrario do que se deu com a borracha, cujo plano de defesa fracassou, a concurrencia de outros paizes não prejudica a venda dos cafés brasileiros, porque as culturas dos paizes concurrentes não se podem desenvolver com a rapidez que se imagnia e assim as colheitas, ao mesmo tempo que não é possivel aproveitar o producto já utilizado, como se dá com a borracha.

A preoccupação de larga divulgação de seus cafés "milds" por parte da Colombia, tanto nos Estados Unidos como na Europa, é intensa; o governo colombiano contracta com a mais importante associação de negociantes desse producto a sua propaganda, por meio da montagem de casas de torrefacção e venda directa aos consumidores, em todos os grandes centros europeus e norte-americanos, isto, porém, não nos causa, por emquanto, nenhum prejuizo, como já dissemos. Melhoremos por nosso lado os typos de café exportado, augmentando o volume dos de melhor qualidade e façamos a mesma coisa quanto á propaganda.

Assim, nestes annos mais ou menos proximos, pelo menos, a lavoura de café no Brasil pode confiar em situação estavel e prospera, sem receio de superproducção, attendendo ao augmento gradual do consumo. Nos Estados Unidos, sobretudo, é preciso levar em conta o crescimento rapido das populações e a intensidade com que o uso do café se tem arraigado no seio de todas as classes.

D'"O Combate"
de 4/9/1928

"O segundo convenio do café, ora reunido nesta capital, sob a presidencia do sr. Rolim Telles, secretario da Fazenda e com a presença dos representantes de varios Estados cafeeiros do paiz, deve produzir os mesmos frutos fecundos que produziu a primeira reunião.

O presidente do Instituto que é o mesmo sr. Rolim Telles, leu hontem um optimo trabalho sobre a posição do café do Brasil no mundo consumidor, demonstrando com a precisão e clareza dos algarismos que a situação do grande producto nacional é a mais brilhante possivel em todos os mercados da Europa.

A defesa do precioso artigo de nossa principal exportação, continuará a ser um dos pontos capitaes do programma nesta segunda reunião, seguindo-se naturalmente o estudo do problema de propaganda em novos centros consumidores.

Pode parecer uma chatissima banalidade, insistir-se em affirmar que o café é tudo neste paiz.

Seja ou não banal e corriqueira essa affirmação, o facto concreto é que hoje, só as questões economicas é que desafiam a operosidade e a attenção dos estadistas de todo o mundo civilisado. A vida do Brasil é o café. Tudo mais gyra em torno d'elle como satellites. Fala-se, discute-se, escreve-se, reclama-se, aponta se como um dos nossos grandes males, o analphabetismo que entrava a marcha do paiz. Mas pelo amor de Deus! Sem dinheiro não se pode fazer cousa nenhuma. Onde estão os recursos para se diffundirem de norte a sul do paiz, escolas, professores, edificios, organisações materiaes, etc. etc.?

Antes de mais nada, temos de tratar da questão financeira. E o café consubstancia no Brasil a riqueza mais consideravel, que precisa ser defendida e augmentada, para com o seu producto tratarmos do resto.

Os Estados Unidos tem tudo grandioso, formidavel, cyclopico, estonteante de progresso e grandeza, porque tem ferro e carvão que geram os milhões para se fazer tudo aquillo.

Nós temos o café e só com elle poderemos accumular o necessario para impulsionar todos os desenvolvimentos de povo civilizado."

A POLITICA DO CAFÉ

Assignala a realização do Terceiro Convenio do Café, cujos trabalhos se desenrolaram na metropole paulista, num expressivo ambiente de solidariedade de oito Estados, mais uma nova etapa victoriosa aberta á historia da politica economica de defesa do grande producto.

. . . .

Quando se balanceam os resultados já conseguidos no assumpto vertente, com a situação de incertezas que affligia a poderosa lavoura ha alguns annos, melhor se aquilata a extensão do caminho proveitosamente percorrido. O que a começar da primeira valorização, tentada em 1906, não representava senão um anceio em pról da estabilidade dos preços, hoje se converte em realidade alviçareira.

Incontestavelmente, a directriz dos convenios constitue o ultimo e poderoso élo accrescentado á cadeia de medidas governamentaes, tomadas em defesa da prestigiosa lavoura.

. . . .

Desappareceram actualmente, as causas capases de determinar sequer a supposição de que objectivamos, com a defeza do café, lucros de uma continua progressividade. Nem aos consumidores nem aos productores conviria semelhante regimen. Uma base ou média de proventos justos, eis o que collima garantir, contra as influencias depressivas e perturbadoras da especulação, a directriz official dos Estados que tutelam o destino da grande lavoura.

Isso mesmo ficou ainda uma vez meridianamente esclarecido atravez o curso dos debates que constituiram o Terceiro Convenio do Café, realizado em São Paulo.

. . . .

Nas discussões que formam os annaes daquelle convenio, o seu presidente, que é o do Instituto do Café e secretario das finanças de São Paulo, iterativamente assignalou a essencia dos objectivos visados pelos delegados das unidades cafeeiras ali representadas. O que desejamos, pondera com lucidez o sr. Mario Rolim Telles, é realizar **a defeza do justo valor do café, simultaneamente cuidando do barateamento da producção.**

Não seria possivel definir-se ou precisar-se, de melhor maneira a finalidade da politica economica de assistencia á lavoura

cafeeira. Os seus polos basicos dizem respeito ao acautelamento reciproco das duas classes primordialmente relacionadas com a posição da lavoura e a situação commercial do respectivo producto, nos mercados consumidores.

E' preciso que fique bem accentuado que a defeza que estamos executando, se caracteriza pelo seu cunho de profunda bilateralidade. A exclusão de qualquer uma de suas duas faces tornaria inattingivel, no curso do tempo, o alvo collimado. Desde que procurassemos assegurar sempre melhores preços, certamente provocariamos o desvio do consumo do artigo em direcção aos succedaneos, refreariamos a natural expansão do consumo, sabido como é, ao contrario das previsões agoureiras dos pessimistas, previsões sem apoio nos factos, que a producção maxima do café corresponde ao nivel do consumo minimo. Ora, exactamente o opposto de uma politica alheia aos justos interesses do consumo, é o que estamos praticando, com resultados que agora mesmo resaltam, de modo eloquente, no Terceiro Convenio do Café.

Que a defesa é ficticia, accentua o sr. Mario Rolim Telles, num dos seus incisivos discursos proferidos como presidente da reunião dos delegados dos Estados cafeeiros, a prova temos nas condições commerciaes a que obedece a localisação, nos mercados de consumo, das safras já escoadas sob o pleno regimen que as unidades productoras convencionaram. Depois da safra de 1926-27, que orçou em 18 milhões de saccas. S. Paulo produz a de 1927-28, estimada apenas na cifra de cinco milhões de saccas.

Vender a primeira de um jacto, esclarece o presidente do Terceiro Convenio do Café, despejal-a nos centros de consumo ou de exportação dentro do limite dos 12 mezes do anno, corresponderia a collocar nas mãos dos especuladores o excedente de oito milhões de saccas, registrado na ultima colheita. De modo que a posse desse excedente, pelos manipuladores dos preços nos mercados, iria affectar consideravelmente a propria cotação de uma safra reduzida, com prejuizos que affectariam a economia nacional, de fórma alarmante.

Eis ahi um robusto indice do exito da politica de defesa do café. Ainda bem que a posição mercantil do producto, em um ambito de perfeita solidariedade entre as unidades productoras, no tocante á directriz adoptada, determina, para o café, um regimen de absoluta firmeza e de perspectivas sem possibilidade de recearmos transtornos futuros.

A PROPOSITO DO CONVENIO DO CAFÉ — **O barateamento do custo da producção**

"Presidindo recentemente, ao Convenio do Café, em S. Paulo, o sr. **Rolim Telles teve occasião de, peremptoriamente, declarar que injusta era a arguição que se tem levantado contra a acção do Instituto do Café, attribuindo-se-lhe o pensamento de sómente procurar obter e manter preços altos para o producto, descurando** o outro aspecto importante da questão, qual o do barateamento do preço de custo da producção, sem o qual, verdadeiramente, não se poderia valorizal-o. A politica do café, tal como está sendo feita, não é, realmente, unilateral. Ella abrange todo o conjunto da actividade agricola, desde o marco inicial das safras, suas praticas, seus methodos e seu apparelhamento, até a entrega das mesmas ao consumo, mediante as normaes e legitimas necessidades do mercado. Não são apenas os stocks, o escoamento, o financiamento, o contrôle da exportação e a propaganda commercial no estrangeiro que mais preoccupam o Instituto. De collaboração constante, intima e directa com a Secretaria de Agricultura do Estado, a instituição valorizadora não se tem poupado na vigilancia com que assiste ao trabalho quotidiano, esforçando-se pela applicação de medidas que permittam uma percentagem maior de rendimentos do cafeeiro, um maior cuidado no trato e amanho das arvores, melhor aproveitamento das colheitas, selecção nos typos, defesa contra as pragas, e excessos da natureza, braços, salarios, credito agricola e, emfim, maximo desenvolvimento da capacidade productiva.

A cultura cafeeira, pelo modo por que a praticamos, não é de facil e barato custeio. Os salarios são muito elevados e o braço não se póde substituir pelas machinas, que como é sabido, diminuem os gastos e fazem crescer a massa das colheitas dando logar a repetida percepção de lucros.

O serviço manual é imprescindivel em todo o periodo da safra, o que encarece ineluctavelmente o preço do kilo do grão. As despesas, assim, sobem a cifras colossaes em cada anno agricola, e é o café que as paga, porque é do couro que saem as correias.

Salarios caros importam em elevação do custo de acquisição de tudo que é indispensavel de onde a roda viva em que se agita o fazendeiro para sustentar a posição de prosperidade ou de equilibrio que os rendimentos da colheita occasionam. Se num anno, os frutos são abundantes, no outro, a depressão é grande, consumindo, destarte, recursos que deveriam augmentar a pilha das reservas agricolas, sem as quaes não se melhoram os processos cultuares, proporcionando á propriedade a expansão que ella requer

para bem poder ser util aos seus donos e ao thesouro publico. E', aliás, um phenomeno proprio de todas as culturas.

A capacidade productiva do solo não se exhaure, após uma frutificação generalizada e farta, mas precisa de tempo para refazer-se e proseguir na sua obra incessante de transformação e renovação. Se a lavoura cafeeira exige uma multidão numerosa de cabeças e braços, os gastos que dahi decorrem não se poderão restringir sem mudança no systema de cultivo da propriedade. Interessar na exploração della o operario agricola é haver dado, sábia e sensatamente, a este a opportunidade de ligar a sua sorte á da terra, que elle então fecundará com uma energia mais proveitosa e mais perseverante, animado pela esperança de ganhar dinheiro e prosperar. Fazer a pequena lavoura é obter a localização duradoura do trabalhador, ora impedindo o movimento reemigratorio das fazendas, ora difficultando o seu afastamento para cahir nas fabricas, onde se pagam melhores salarios e onde a seducção de uma labuta menos oppressiva e as facilidades de vida dos grandes centros urbanos attraem sempre as almas moças, fortes e ambiciosas, que, desejosas de alcançar uma escala mais alta no meio social, sonham com um direito mais justo e uma situação menos embaraçosa e mais commoda.

E' a tarefa que se impõe, ha hora que corre, ao agricultor de café, para obter maiores rendimentos, reduzir o preço da mão de obra, evitar a escassez do braço no momento opportuno, baixar o custeio agricola e possibilitar a venda da producção por cotações accessiveis a um largo consumo."

....

D'"O Estado de São Paulo"
de 23/1/1929

A SITUAÇÃO DO CAFÉ

"Rio, 22 ("Estado") — Tivemos hoje opportunidade de conversar com uma das pessoas mais versadas no que se passa nos mercados de café, e della ouvimos affirmações que, pela sua origem, merecem ser divulgadas. Disse o nosso informante: "E' sabido que, no semestre ha pouco encerrado, o segundo do anno e o primeiro da safra, falhou, pela primeira vez, a actividade de compras pelo estrangeiro nos nossos mercados apesar do pequeno volume da safra em curso. **E' notorio, tambem, que essa abstenção dos**

compradores foi devido á crença em que estavam (ou o receio) de que os meios ao alcance do Instituto, apesar de fartos, não o eram bastante para financiar a quantidade de café retido no paiz em virtude da limitação das entradas nos portos. Dessa falsa supposição, apoiada numa larga propaganda, resultou formarem-se, nos principaes mercados do exterior com reflexo nos do Brasil, fortes nucleos de especulação com orientação baixista, que operaram tenazmente, durante longos mezes. Esperavam que o Instituto se amedrontasse e affrouxasse a sua acção, e confiavam em que os mercados brasileiros, cansados de resistir, ou faltos de recursos, entregassem a mercadoria por preço mais baixo. O Instituto, porém, não se amedrontou, as praças brasileiras resistiram, apoiadas pelo credito, que nunca lhes faltou, e a especulação já dava mostras de fraqueza em meados de Dezembro. Agora, pode considerar-se **definitivamente dominada essa manobra de depressão dos mercados,** a mais seria dos ultimos annos, que se apoiou prinicipalmente em Boston e no Havre. Os mercados estão saneados por longo tempo. Todos os supprimentos disponiveis estão praticamente esgotados nos paizes productores, excepto no Brasil, e nos centros consumidores só existem "stocks" indispensaveis ao movimento normal do commercio.

Disso é prova a grande animação que ultimamente se vem notando no Rio e em Santos. A nova safra vae, pois, entrar em situação de firmeza dos mercados, e mais do que isso, em situação de tranquilla confiança."

D'"O Jornal do Commercio", do Rio de Janeiro
de 9/4/1929

ESTABILIZAÇÃO E DEFESA DO CAFÉ

....

Largar o café para salvar o cambio seria prejudicar toda a lavoura cafeeira, produzir um desequilibrio economico, para dar um allivio de occasião á contra-especulação official, mas que não poderia perdurar pela "débacle" de todo o plano da defesa do nosso principal producto. A modificação da politica cafeeira deve ser lenta e gradual e não se torna urgente neste momento, pois não é responsavel pelo que se está processando.

Não ha nenhum dilemma diante do Governo ou da opinião: ou a defesa do café ou a estabilização. O que ha é a necessidade de ir melhorando as concepções e alterando os methodos, de ir fa-

zendo a revisão das leis e dos processos para attender ás realidades e as circumstancias."

....

NOTA — Foi o que erroneamente, como se deprehende do Relatorio do Banco do Brasil, fez o governo do sr. Washington Luis, pelo que divergi do mesmo.

AS ESTRANGEIRAS SÃO, AINDA, AS MELHORES FONTES DE INFORMAÇÃO SOBRE A SITUAÇÃO DO NOSSO PRINCIPAL PRODUCTO

....

Dos conceitos da Camara de Commercio de Bremen — sociedade sem vinculos de dependencia ao Instituto — tem-se a verdadeira situação do producto no anno findo, assim encarando os factos dos informantes teutos:

"O mercado de café durante o anno, permaneceu sob a directa influencia das medidas adoptadas pelo Governo Brasileiro, que, como se sabe, continuou a regular o transito do café para os portos, mantendo assim o nivel dos preços, muito embora a safra do ultimo anno tenha sido consideravel. O governo foi favorecido em sua empresa, porque a safra deste anno será pequena. Os preços das qualidades superiores variam apenas de sete shillings e os das qualidades inferiores de um pouco mais.

Em Novembro, firmas de Nova York intervieram no mercado a termo, fazendo pressão sobre as cotações. Allegavam que a colheita deste anno, ao contrario do que se affirmara, seria abundante e que o Instituto de Café não disporia de meios financeiros para manter as medidas que garantem o actual nivel dos preços.

Em Santos, as grandes offertas de cafés de qualidade inferior concorreram, tambem, para a baixa dos preços, baixa que, todavia, não attingiu os cafés superiores, cujos preços se mantiveram firmes."

....

Em summa, foi a publicação da Camara de Commercio Allemã um attestado vibrante e desinteressado das boas condições da situação do nosso principal producto de exportação nos mercados mundiaes, em todo anno que findou. Disso se deprehende,

sem esforço e sem mystificações que as condições originarias dos mercados continuam a ser conservadas pela politica da sua defesa, sendo o facto de continuarem os cafés inferiores a ter preços baixos e o bom producto a não soffrer alterações deprimentes de preço, a expressão mais verdadeira de que não existe nenhum esforço de valorisação forçada como andam a espalhar, mal-intencionada e tendenciosamente, os inimigos do Instituto de Café do successo sempre crescente do nosso producto principal nos mercados estrangeiros."

Do "Diario de S. Paulo"
de 19/4/1929

A SOBRECARGA DE CAFÉS BAIXOS — Rubens do Amaral

Um dos detalhes mais importantes do mecanismo da regularização dos embarques de café reside na existencia, em Santos, de um stock permanente, que permitta á exportação escolher, na massa do disponivel, as qualidades e as quantidades de que precisar, para o movimento dos seus negocios. Fixou-se esse stock em 1.200.000 saccas, geralmente reputadas como sufficiente para que os exportadores formem os seus lotes, de accordo com a procura do outro lado. E tudo estaria muito bem se de facto existissem em Santos 1.200.000 saccas de cafés vendaveis. Na realidade, porém, esse algarismo é ficticio, pois que ha, incluidas nelle, pelo menos 800.000 saccas de typos inferiores, que se vinham accumulando desde alguns annos e que ultimamente receberam grande reforço de cafés de chuva, da safra de 1927. Assim, a selecção tem que se proceder dentro da terça parte da existencia annunciada, isto é, praticamente, o disponivel devia ser triplicado para ser bastante.

O Instituto, com a flexibilidade que é uma das mais sympathicas feições da sua actual direcção, já procurou remediar o mal por meio de uma providencia que pareceu efficaz: a substituição de lotes de cafés baixos, em Santos, por outros, iguaes, de cafés finos, embarcados especialmente para esse fim. Na pratica, o processo não provou bem. Ou por falta de propaganda ou por qualquer outro motivo de ordem technica, o facto é que o nosso porto continuou congestionado de qualidades inferiores, emquanto que a exportação se vê na impossibilidade de attender aos pedidos que lhe fazem, insistentemente, os mercados consumidores. Uma situação muito curiosa e verdadeiramente paradoxal: queremos vender

e os norte-americanos querem comprar; não se fazem mais negocios, porém, porque não ha na praça mercadoria vendavel; o que ha é um rebotalho imprestavel para o commercio com os Estados Unidos e que tende sempre a crescer em volume porque os seus compradores habituaes, que são os europeus, ainda não se acham em condições financeiras que lhes permittam voltarem a ser os nossos grandes clientes de outrora.

O Instituto de Café precisa dedicar especial attenção ao assumpto, e com urgencia. O mal que dahi nos advém é muito maior do que possa parecer á primeira vista. Não se trata só de apurar quantas saccas deixámos de vender, por falta de mercadoria propria no porto de exportação. Nem mesmo de balancear a diminuição que soffreu por isso o activo da nossa balança commercial, com reflexos sobre o mercado cambial e sobre a politica da estabilização. Ha, merecendo maior importancia, o lado moral, que se projecta como uma sombra sobre a defesa do café, apresentando-a nos Estados Unidos mais aggressiva do que ella realmente é. De um lado, aggrava-se na pratica a retenção de cafés nos reguladores, pois que estamos longe de dar á escolha da exportação as 1.200.000 saccas, que lhe promettemos, descontadas as que não interessam ao seu publico. De outro lado, se declaramos apenas remunerador o preço de 33$500 por 10 kilos, na verdade cobramos muito mais, uma vez que os poucos cafés finos que apparecem em Santos são vendidos a cotações até de 60 % acima de base afixada. E assim talvez se expliquem as queixas que contra nós formulam os norte-americanos e que nos parecem desarrazoadas porque não pensamos em certas particularidades do mercado, que tornam duplamente rigorosas as medidas de defesa que tomamos.

O problema se mostra de tal gravidade que quasi justifica o emprego de medidas extremas, para alliviar Santos de um peso morto que nos está causando prejuizos incalculaveis. Ou, se tanto não é preciso, não haveria ahi a possibilidade de lançar o Instituto mão de taes cafés para operar contra os nossos concorrentes, numa especie de dumping com que os golpeasse, nos centros de consumo menos exigentes? O que é certo é que, desta ou daquella maneira, Santos não pode continuar com a carga que o assoberba, sem proveito para nós nem para os nossos maiores clientes de além-mar. Se o sr. Rolim Telles encontrar a solução do problema, terá prestado á defesa do café um serviço, que não será dos menores.

D'"O Jornal", do Rio de Janeiro
de 15/6/1929

O CAFÉ — Assis Chateaubriand

Sente-se na nova orientação do Instituto de Defesa do Café o proposito de aproveitar a experiencia dos erros do passado. O Instituto agora se preoccupa mais do consumidor; organiza a propaganda nos mercados de distribuição e do consumo do artigo; busca a preferencia da clientela estrangeira para o nosso producto, se bem que algumas vezes entregando essa propaganda a pessoas incapazes de elaborarem planos intelligentes de publicidade commercial. Mas quando encaramos a missão do Instituto de Defesa do Café, no exterior, não poderemos deixar de reconhecer que, em materia de propaganda, elle tem no "front" interno um papel tão relevante a desempenhar quanto aquelle de que procura desincumbir-se no "front" externo. O nosso productor, deslumbrado pelos preços dos derradeiros annos, carece de quando em quando ser chamado á realidade, para não ficar na illusão de que o periodo das vaccas gordas tem a duração da eternidade.

No penultimo numero do "Economista", o nosso confrade sr. Alceu de Azevedo produz um excellente artigo apreciando as palavras que o vice-presidente da America Coffee Corporation teve occasião de pronunciar, na Liga Agricola Brasileira, de São Paulo. Com a polida franqueza que o caracteriza, o sr. Berent Friele ennunciou algumas verdades que podem ser assim resumidas:

"O preço do café, infelizmente, estes ultimos annos attingiu a um nivel que embaraça os negocios dos torradores."

"O conselho que dou aos brasileiros é que procurem melhorar seus typos e diminuir o custeio do café."

Quem lê os jornaes governistas de São Paulo não tem sombra de duvida quanto ao futuro do café do Brasil na luta dos paizes concurrentes. Sustentamos que o café se inscreve ainda na lista das bebidas mais baratas do mundo, e não queremos sair dessa ingenua convicção. Somos desalojados de mercados que eram tradicionalmente nossos, e não queremos enxergar a dura realidade.

O sr. Alceu de Azevedo mostra, no artigo a que me refiro, como a escassez e a carestia do typo 4, de Santos, em Nova York, está determinando a introducção no mercado americano do café robusta de Java e Sumatra, o qual difficilmente, outrora, poderia ter accesso nos Estados Unidos, mas que hoje á ali cotado a 19 1/2 cents. A clientela exige, nas misturas que lhe proporcionam os torradores, a presença de typos superiores, e, na falta do n.º 4 santista, o torrador vae-lhe servindo o producto javanez, que desse modo entra francamente no consumo americano.

Não se pode negar que a politica do Instituto paulista está hoje melhor dirigida do que já foi. O sr. Rolim Telles possue uma visão mais nitida do problema que o seu antecessor. A politica do café, para sair victoriosa da partida que estamos jogando, tem que ser orientada não só de accordo com os nossos interesses, mas tambem segundo os interesses dos nossos consumidores. O productor que não sabe servir o gosto da clientela deve começar por desistir de vender, ou antes deve começar não produzindo.

D'"O Estado de São Paulo'
de 17/7/1929

A PROPAGANDA E O CONSUMO DO CAFÉ NA EUROPA

RIO, 16 (H.) — A "A Noite" publica hoje o seguinte, acerca da propaganda e consumo do café:

"Os resultados da propaganda do café na Europa, desde que a orienta o Instituto de Café, são evidentemente efficazes, revestindo-se de beneficios e effeitos praticos.

Desappareceu o fausto complicado das embaixadas de luxo composta de burocratas elegantemente ineptos e a propaganda, assumindo um caracter util e commercial, é feita commercialmente por commerciantes empenhados em insinuar o nosso producto no commercio e nos habitos dos povos europeus. Procura-se familiarisar-se o velho mundo com a nossa rubiacea e por toda a parte na Europa, toma-se café brasileiro melhor do que no Brasil e nos "boulevards", nas praças, nas vias por onde passam as grandes correntes humanas, o transeunte é attrahido naturalmente pelos mostruarios e estabelecimentos que lhe mostram a evolução do café desde o plantio no sólo da fazenda através da colheita, do transporte, da torrefação e da moagem, até as mesas de residencias ou restaurantes, em que é servido aos consumidores.

E desse modo impondo-se á attenção, o café augmenta nos mercados do velho Continente os circulos dos que o apreciam e pela seducção do gosto, incorporando-se aos seus costumes, assegura previdentemente o seu futuro.

A efficiencia dessa propaganda, deverá servir de exemplo a dos nossos outros productos e certamente colheremos identicos resultados quando fizermos com o mate o que estamos fazendo com o café.

....

Do "Diario de S. Paulo"
de 10/8/1929

CAFÉ

"As impressões colhidas pelo sr. E. Nortz, em sua recente permanencia neste Estado, sobre o commercio de café e a politica de defesa, adoptada pelo Instituto, foram ha poucos dias citadas em uma reunião da Sociedade Rural, conforme pormenorizadamente noticiou este jornal.

Tratando-se da opinião de um technico que nunca demonstrára excessivas sympathias pelo Instituto e a sua obra, é deveras curioso verificar que, bem analysada, ella se reduz a esta conclusão, altamente lisonjeira: O Instituto tem feito até aqui, o maximo e o melhor que seria possivel fazer-se.

Nenhuma suggestão póde apresentar o sr. Nortz, no sentido de melhorar o que está feito e nenhuma idéa lembrou capaz de tornar mais facil a solução almejada.

Tal impressão contrasta singularmente com as criticas que no Brasil se fazem á politica de defesa do café. Seria entretanto bem mais aproveitavel — e mais justo, — que essas criticas se não limitassem á affirmativa de que "o que se tem feito está errado e nos levará á ruina", mas suggerissem algo de melhor a se fazer. E não cremos que os que têm responsabilidades na direcção do Instituto se conservassem surdos ás sabias suggestões, — até agora incubadas, — que lhe fossem offerecidas. Mas por emquanto, as unicas que appareceram são de tal ordem, que representariam para o Estado uma calamidade maior que a geada de 1918, se encontrassem quem lhes desse ouvidos... — E. P."

D'"O Estado de São Paulo"
de 23/7/1929

A PROPAGANDA DO CAFÉ

O Instituto de Café promoveu a impressão de interessante graphico demonstrativo da producção paulista e nacional, em face da de outros Estados e paizes. Fizeram-se tres tiragens, nos idiomas francez, inglez e allemão, pois se destinam á propaganda do nosso principal producto no estrangeiro.

Idéa, calculo e desenhos do sr. Carlos Alberto Gonçalves, por esse trabalho se verifica que os 2.290.763.700 cafeeiros existentes no Brasil assim se distribuem por Estados:

São Paulo, 51, 5 %; Minas Geraes, 25, 7 %; Estado do Rio, 6, 5 %; Espirito Santo, 5, 6 %; Bahia, 3, 1 %; Pernambuco, 2, 4 %; Paraná 1, 2 %; outros Estados, 4 %.

Quanto á lavoura mundial assim se descrimina:

Brasil, 69, 9 %; Colombia, 9, 2 %; Venezuela, 4, 5 %; Mexico, 2, 4 %; Guatemala, 2, 2 %; São Salvador, 2, 1 %; Haiti, 1, 9 %; Porto Rico, 1,6 %; Costa Rica, 0,9 %; Nicaragua, 0,7 %; outros paizes, 4,6 %.

A exportação do café no quadro da exportação brasileira é objecto tambem do mesmo graphico, abrangendo os dados que apresenta, o periodo de 1925-28. Os limites maximos e minimos que attingiu o café tambem se demonstram em outro logar, com dados de 1921 a 1928.

O mesmo impresso occupa-se ainda da producção mundial e consumo, bem como do destino que o nosso café teve em 1928.

O trabalho material da Lithotypo Fluminense do Rio é excellente, estando as cores muito bem dispostas."

Do "Diario de S. Paulo"
de 21/7/1929

A PROPAGANDA DO CAFÉ BRASILEIRO — A acção desenvolvida pelo Instituto nos paizes extrangeiros

A propaganda do café brasileiro é uma das bases sobre que se apoia o Instituto, para a realização da sua politica de defesa do nosso principal producto de exportação.

Tal propaganda, — que visa, não apenas a conquista de novos mercados, mas tambem o augmento de consumo nos paizes em que o café já foi introduzido e é de uso mais ou menos generalizado, — constitue, presentemente, uma das preoccupações capitaes do Instituto.

Para alcançar o duplo objectivo acima mencionado, tem o Instituto contratado serviços de propaganda com firmas de reconhecida idoneidade, em varios paizes.

Entre as diversas obrigações que assumem as firmas contratantes, figuram a de importarem do Brasil um determinado numero de saccas de café e a de só fornecer ao consumo producto de procedencia brasileira.

As subvenções aos contratantes sómente são pagas depois que os fiscaes do Instituto tiverem informado, em seus relatorios, que as clausulas contractuaes estão sendo rigorosamente observadas.

Para esse fim o Instituto mantem um corpo de fiscaes em constante inspecção pelos paizes onde se realizam serviços de propaganda.

Presentemente, o Instituto faz activa propaganda nos seguintes paizes:

ESTADOS UNIDOS DA AMERICA DO NORTE

Na grande republica do norte, que é o paiz onde mais se consome o café brasileiro, já se iniciaram os intensos trabalhos de propaganda, a cargo do "Brazilian American Coffee Promotion Committee", associação de que fazem parte os maiores torradores e negociantes de café dos Estados Unidos. E' vice-presidente dessa associação, o sr. Sebastião Sampaio, consul geral do Brasil em Nova York.

FRANÇA

Na França, o serviço de publicidade está a cargo da Agencia Havas. O de degustação está sendo feito pela Companhia Franco-Brasileira de Cafés, com estabelecimento de venda de café em pó e em chicaras na avenida Wagran e no Boulevard Haussmann.

Ha ainda os trabalhos complementares da Companhia Paulista de Cafés e dos srs. Martin Leitner, Bouchasson & Co. e Thomaz Costa.

Os expressivos cartazes Vercasson, de propaganda do café do Brasil, continuam a ser afixados nos logares mais apropriados.

ITALIA

Para este paiz foi contratada, com o Banco Francez e Italiano, a venda de café brasileiro á consignação.

HESPANHA

Na Hespanha, o serviço de propaganda está a cargo dos srs. José M. Cambra e Bolivar Tabyra.

Para a Exposição de Sevilha, foram contratados os serviços da senhorita Helena Magalhães Castro.

Em Madrid, Sevilha e Barcelona, têm sido afixados, em grande numero, os cartazes Vescasson, de propaganda.

YUGO-SLAVIA E TCHECO-SLOVANIA

Para estes paizes foram contratados serviços de propaganda com a "Yugo-brazil", a "Centrokomise" e os srs. Saravano Braga & Cia.

Em recente relatorio, informa um dos fiscaes do Instituto que foram installadas torrefações em Zamelin e Belgrado e "cafés" em Belgrado e Scolpje.

GRECIA, TURQUIA, BULGARIA E EGYPTO

Os srs. Saravano, Braga & Cia., contrataram a propaganda de café brasileiro na Grécia. Já se acham abertos, ali, tres "cafés". A firma contratante obriga-se a installar outros em Sofia, Constantinopola, Alexandria e Cairo.

PORTUGAL

Com o sr. Adriano Telles foi contratado o serviço de propaganda do café brasileiro em Portugal.

AUSTRIA

Do serviço de publicidade foi encarregado, nesse paiz, o jornal "Brazilianischer Kurier". Os serviços de propaganda estão a cargo da "Brasil Café Gesellschaft".

ALLEMANHA

Com os srs. Theodor Wille & Co., foi prorogado o contracto para a intensa propaganda do café do Brasil em toda a Allemanha.

AFRICA

Os srs. Hochschild & Co. contrataram a propaganda na "União Sul-Africana".

Para o norte da Africa foram contratados os serviços de Agencia Havas.

A fiscalização desses contratos está a cargo do consul brasileiro em Cape-Town.

DINAMARCA

Para a propaganda na Dinamarca foram recentemente contratados os serviços da firma Nossak & Co.

A PROPAGANDA A BORDO DOS GRANDES TRANSATLANTICOS

O Instituto tem dedicado especial attenção á propaganda a bordo dos grandes vapores de passageiros, que fazem o serviço entre os portos europeus e sul-americanos. Para isso é feita profusa distribuição de folhetos e illustrações e são installados apparelhos de café-expresso. Esses apparelhos já se acham funccionando a bordo dos transatlanticos: "Cap. Arcone", "Cap. Polonio", Cap. Norte", "Antonio Delfino", "Alcantara", "Asturias" e "Gelria".

Estão em vias de installação diversos outros, nos grandes vapores da "Blue Star Line" e das companhias italianas de navegação.

Para os vapores equipados com essas machinas, a Agencia do Instituto, em Santos, já foi autorizada a fornecer o café torrado necessario ao consumo de bordo.

D'"O Estado de São Paulo"
de 19/5/1929

CAFÉ — Santos

O mercado do café disponivel, no dia de hontem, continuou sendo trabalhado com bastante difficuldade, pois, encontrou os exportadores classificando apenas o essencial para complemento de embarques já negociados. Visto que, para negocios novos, as ordens consignavam limites muito estreitos, bem abaixo dos preços correntes na praça.

Alliando-se a desfavorabilidade com que o mercado se apresentou, no dia final da semana, as transacções foram em niveis inferiores ás da vespera, não attingindo, segundo nos informaram, a mais de 8.000 saccas, para as quaes prevalaceram os preços anteriores.

O mercado das entregas directas, para os cafés molles e boa fava, resumiu-se a ordens pouco exequiveis, que não puderam ser executadas. Com excepção de Junho, que recuperou a perda re-

gistrada na vespera, os demais mezes permaneceram inalterados, sendo, pois, as seguintes as cotações do fechamento: — Junho, 35$400; Setembro, 34$600; e Dezembro, 33$700.

Na mesma occasião, com mercado muito calmo e com offertas deslocadas, as bases para negocios de entrega de bourbons, molles e boa torração, tinham seus preços de 200 a 300 réis abaixo das entregas de molle e boa fava.

O mercado a termo não despertou interesse na unica cotação que a Bolsa Official de Café costuma realisar aos sabbados, sendo apregoadas offertas cuja disparidade com os preços correntes, não permittiram a sua execução.

O mercado foi considerado calmo, não havendo oscillações ou negocios.

A opinião de alguns negociantes de grande responsabilidade é a de que o simples facto de se cotarem seis mezes, nos pregões da Bolsa, não é sufficiente para que as operações do termo possam desenvolver-se satisfactoriamente.

E' preciso, tambem, conhecerem-se os intuitos do orgam da defesa, cuja intervenção no mercado encortinam-se continuadamente, como se temesse da propria praça a campanha de uma baixa que ninguem deseja e que a todos alcançaria com as mesmas funestas consequencias.

....

D'"O Estado de São Paulo"
de 30/7/1929

"Segundo informações recebidas da Austria, obteve grande exito a propaganda feita em pról do café brasileiro na Feira realisada em Graz, capital da Styria, por occasião dos jogos olympicos.

No pavilhão da "Brasil Café Gesellschaft m. b. H.", contratante do serviço de propaganda do café brasileiro na Austria, além da degustação gratuita, foi feita larga distribuição das seguintes publicações, todas ellas contendo dados sobre o nosso principal producto:

"Brasilianischer Kurier", n.º 6, edição especial; "Brasilien das Kafee Land", luxuosa revista do café; "Illustrierte Uebersee-ische Rundschau", numero especial dedicado ao Brasil; %irtschaftzahlen aus dem modernen Brasilien", brochura da lavra do nosso addido commercial und aertzliche Urteile ueber den Kafee", contendo opiniões de medicos e scientistas eminents favoraveis ao uso do café.

Entre os visitantes do pavilhão brasileiro destacam-se, além do elemento official, as commissões de membros da Sociedade de Agricultura da Styria, do Gremio dos Commerciantes de Generos Alimenticios, do Gremio dos Marcineiros, do Gremio dos Proprietarios de casas de café e restaurantes, etc. etc."

D'"A Tribuna" de Santos
de 21/5/1929

O CAFÉ NA FRANÇA

"A propaganda do café brasileiro, na Europa, tem, ultimamente enveredado por um caminho capaz de produzir grandes resultados.

A reclame continua ainda a ser a alma do negocio. Negocio sem reclame é negocio perdido.

Principalmente depois que os Estados Unidos entraram no commercio mundial, adoptando systemas de propaganda tão aperfeiçoados e suggestivos que constituem de per si uma nova industria, grandemente remuneradora, não é mais possivel conseguir qualquer cousa nos mercados consumidores, sem o previo preparo do terreno por meio de reclame intensa.

Pois o Brasil está realizando na França, um systema de propaganda intelligente e diverso daquelle que, apezar de não ter produzido effeito, foi continuado durante muito tempo.

Com effeito, o que se fazia antigamente, com a remessa de delegados eruditos, estipendiados fartamente pelos cofres publicos, para a realização de conferencias, como se se tratasse da introducção de uma nova seita religiosa, foi substituido por um série de providencias eminentemente praticas, destinadas a larga divulgação, em todas as classes.

Nos Estados Unidos, na Allemanha, como em muitos outros paizes a propaganda do café tem sido intensa. Essa reclame, continua e generalizada, tem por fim evitar a divulgação e uso dos cafés de outras procedencias que, emquanto o Brasil se calava, conquistavam excellente posição nos mercados consumidores. Assim houve uma verdadeira revelação no dia em que ficaram todos sabendo que o café espalhado pelo mundo era o brasileiro, criminosamente adulterado, porque não havia serviço algum de fiscalização.

A propaganda do café brasileiro orientada pelo Instituto de Café deixou o producto brasileiro no logar que lhe compete.

Hoje sabem todos os consumidores a qualidade de café que consomem, assim como a procedencia da deliciosa rubiacea.

Não foi com facilidade que se conseguiu instituir a melhor e mais productiva maneira de realizar a propaganda do café.

Só depois de muitas tentativas e fracassos é que a remodelação dos serviços, levadas a cabo pelo Instituto de Café, conseguiu adoptar uma orientação segura e firme."

Do "Correio da Manhã"
de 9/2/1928

CONQUISTA DE MERCADOS

"O facto de nos haverem dito de Havana que varios membros da delegação brasileira ali reunida, num desdobramento de missão especial irão aos Estados Unidos intensificar a propaganda do café dá bem uma prova de como ainda se acham as coisas invertidas neste paiz, sem embargo de já não estar no poder, por honra e limpesa nossa, o famigerado e pseudo administrador que a politicagem desbriada impoz á nação. Era de suppor que negocios daquella importancia fossem resolvidos aqui e que fossemos nós filhos do paiz os primeiros a ter informações sobre o assumpto. Antes de mais nada é preciso notar-se que a defeza do nosso principal producto de exportação só agora vae tomando rumo. Até ha pouco, o chefe da propaganda custeada pelo Instituto do Café nos Estados Unidos, era um medico inteiramente desconhecedor da engrenagem em que o metteram. Recentemente foi a commissão confiada a pessoa que conhece a tarefa que lhe cumpre desempenhar, além de não desconhecer a situação do mercado em que deve exercer sua actividade. **O novo secretario da Fazenda de São Paulo manda a justiça reconhecer, tem procurado manejar convenientemente o apparelho de propaganda do producto no exterior no sentido de augmentar o consumo.** Foi elle mesmo que declarou ser de urgente necessidade, para melhor exito do esforço a desenvolver o abandono dos antigos moldes burocraticos, de modo a ter o problema uma solução de immediata efficiencia commercial. Não basta, porem a propaganda. **Torna-se indispensavel,** uma permanente actuação no exterior, por parte de nossos representantes diplomaticos e consulares, com o fim de ser desenvolvida intensa e ininterrupta campanha, mesmo perante os tribunaes, se assim exigirem as circumstancias, contra as falsificações e os succedaneos mystificadores e principalmente — accrescentamos ao que ponderou o auxiliar do governo paulista — contra os escandalosos embustes commerciaes que rotulam de outras procedencias provavelmente de accordo com os interessados, os cafés oriundos do Brasil e daqui escrupulosamente exportados, em seus typos inconfundi-

veis. **Collimando objectivos praticos, o secretario da Fazenda de São Paulo, que accumula as funcções de presidente do Instituto, appellou para os bons officios do Itamaraty.** Ora, não é outro o caminho que, não de hoje, mas desde que combatemos a missão dispersiva e perdularia do Instituto da Defesa do Café, vimos indicando aos responsaveis pela applicação das sommas avultadissimas, obtidas por meio de onerosos emprestimos e com grande sacrificio pecuniario para a lavoura, que accarreta com o pesado encargo de amortizar essas enormes dividas externas. E é o proprio presidente do Instituto que confessa quanto é valiosa e efficiente a collaboração dos funccionarios consulares. O consul do Brasil em Chicago demonstrou até onde pode chegar, em resultados praticos, essa cooperação. Graças a uma longa experiencia e ao conhecimento das condições ambientes, o referido consul póde fornecer ao Instituto minuciosas e uteis informações, relativas ao melhor processo para chegar-se á conquista methodica e perduravel dos mercados de café, nos Estados Unidos. Está visto, todavia, que o Brasil não é apenas productor de café e que a sua exportação não é constituida exclusivamente da famosa rubiacea. Nenhum governo mais do que o actual, poderia ter premente e immediato interesse em desenvolver o nosso intercambio, de cujas condições dependerá, irrevogavelmente, o ambicionado exito do malsinado e perigosissimo plano de estabilização, talvez o vôo de Icaro do sr. Washington Luis... O facto de ruir um plano financeiro não seria coisa nunca vista e o desastre não incommodaria aquelles que o inventaram e que obstinadamente o executam. Mas, para o paiz, já tão batido por esses e outros flagellos, resultantes da desorientação, da incompetencia e da teimosia dos politicos a catastrophe representaria uma perda sem duvida irreparavel.

Decididamente empenhado em prestigiar São Paulo, tendo mesmo contribuido para a negociação do convenio entre os Estados cafeeiros, o sr. Washington Luis não se deve esquecer, se realmente préza a sua responsabilidade de chefe do governo, de ampliar, simultaneamente com a propaganda do café, para a conquista de mercados, medidas que assegurem a intensificação do nosso intercambio geral, afim de que essa iniciativa constitua um dos factores do saneamento financeiro do paiz. Não adeanta, sendo antes causa de obstaculos aos intuitos de uma sã politica economica, o desdobramento de embaixadas diplomaticas em sinecuras de caracter commercial, pois a nação está farta de saber a que negativos resultados leva esse systema de propaganda, bom apenas para o regabofe de seus agentes.

Não é assim que se encontram mercados, mas amparando e desenvolvendo todas as forças productoras do paiz. Abram-lhes

caminho para a conquista de consumidores, que não devem ser agenciados sómente para o café, mercadoria preponderante, mas não unica do nosso intercambio com os paizes de todos os continentes."

D'"O Diario da Noite"
de 6/3/1928

A ACÇÃO DO INSTITUTO DE CAFÉ NOS ESTADOS UNIDOS — "The Tea and Coffee Trade Journal", em edição especial, faz propaganda do café brasileiro

"Desde muito lamentamos todos a falta de uma propaganda intelligente e tenaz do café brasileiro no exterior, mórmente nos Estados Unidos, que são os nossos maiores compradores. O conceito corrente de que o annuncio é a alma do negocio nunca foi ponderado como devera ser pelos que têm cuidado officialmente dos negocios de café em suas relações com os consumidores. Ainda ha pouco contava-nos uma correspondencia de Nova York a maneira por que o governo brasileiro fez, certa vez, a propaganda do nosso café em annuncios apparecidos naquella cidade. Nelles entoavam-se hymnos enthusiasticos ás preciosas qualidades da rubiacea, decantavam-se-lhe o sabor, o aroma, o poder medicinal; mas quanto a dizer a origem do melhor grão, nada. Assim, as lôas, carissimas porque a imprensa norte-americana cobra os olhos da cara por alguns centimetros de materia, serviam tanto para o café brasileiro como para o colombiano ou de outra procedencia.

E' de crer, porém, que não sejam pautados pela norma bizarra todos os annuncios que o Brasil anda a fazer do seu principal producto, no estrangeiro. Deve existir, em meio á gente que em Paris, Londres, Berlim, Madrid, applica o dinheiro que a lavoura lhe manda, senão muitos, ao menos um christão que saiba berrar efficientemente os predicados da rubiacea brasileira. A verdade é que não temos nós, a que os publicos poderes geralmente não dão satisfação do que determinam e executam, elementos solidos para julgar do valor da publicidade cafeeira nas grandes cidades estrangeiras, justamente onde a "reclame" tem fóros de arte, pelo acervo de inspirações notaveis, de immenso resultado pratico, que revela.

Uma propaganda do nosso café nos Estados Unidos para ser efficaz exige, não sómente dinheiro, como tambem certos requisitos consubstanciados na forma material da publicidade, no ambiente em que é feita, opportunidade de seu lançamento, etc. Dahi a difficuldade com que topam os agentes do governo nesta propaganda. Dahi tambem termos receio de que ella não alcance o fim collimado.

Não é, felizmente, o caso da propaganda que o governo paulista fez do café Santos por meio da revista "The Tea and Coffee Trade Journal" que se publica mensalmente em Nova York. O numero de Janeiro dessa revista é dedicado ao café brasileiro, que, nas duzentas e vinte paginas que a compõem, mereceu estudos, por todos os modos dignos de sua importancia. A excellente publicação insere artigos dos srs. Paulo Pestana, André Betim Paes Leme, Antonio de Queiroz Telles, Sampaio Corrêa, Oliveira Filho, J. C. Muniz. Contem ainda farta copia de annuncios de casas commissarias brasileiras. Salienta-se, porém, entre todos o do Instituto do Café sobre o producto paulista, que é exportado sob o seu controle.

De toda a materia da revista tem maior relevancia a exposição feita pelo sr. Secretario da Fazenda dos propositos do Instituto de Café, destinada a dar ao torrador "yankee" a certeza do apoio que o governo do Estado de São Paulo presta ao seu producto de exportação.

O que resalta, entretanto, de sua leitura é que não é bem o terreno que precisamos explorar para divulgação das qualidades do café brasileiro esse que "The Tea and Coffee Trade Journal" vae interessar com sua variada collaboração. Contar-se o modo por que se processa a cultura do café no Brasil, tem sem duvida utilidade para o estudioso que quizer augmentar o seu cabedal de conhecimentos no assumpto, mas não parece que seja muito proprio para fazer as multidões correrem atraz da infusão que Deus Nosso Compatriota devia impôr, diariamente, aos 120 milhões de norte-americanos... Ou, por outros termos: faz-se mister que a propaganda vá directamente ao consumidor. Quem precisa ter conhecimento da existencia e da superioridade do café brasileiro sobre os de outras procedencias, não são os centros cafeeiros, onde a revista americana tem ingresso habitualmente.

A razão impõe que delle se faça propaganda no seio do povo americano, que nunca teve quem lhe dissesse e provasse que o café brasileiro é o melhor do mundo..."

D'"A Gazeta", São Paulo
de 27/9/1928

PROPAGANDA DO CAFÉ — Uma interessante reunião em Paris —A politica do Instituto apoiada pelos interessados no commercio do café

PARIS, setembro, 1928. — No desempenho da missão de que nos incumbiu "A Gazeta", inquerir sobre a situação do Café na Europa, facultou-se-nos a possibilidade de assistir a uma reunião interessantissima em Paris. Acaba de realizar-se aqui uma conferencia entre diversos interessados brasileiros na expansão do nosso principal producto, conferencia que reveste a maior importancia sob qualquer ponto de vista pela qual seja encarada.

....

Tratemos da reunião que acaba de verificar-se. Os srs. E. Fernandes de Souza, chefe da importante firma Tude, Sousa & Cia., estabelecida em Paris, Rio e Bahia, constituida exclusivamente de brasileiros; e Jacob Guyer, que se acha na Europa estudando o commercio do café em varios paizes, convidaram diversos fazendeiros e commerciantes para uma conferencia, que se realizou no escriptorio do Instituto, nesta Capital. Compareceram os srs. Gabriel Ribeiro dos Santos, coronel Barbosa Ferraz, coronel Henrique da Cunha Bueno, Joaquim Bento Alves Lima, Raul Queiroz Ferreira, João de Azevedo Macedo, e o sr. Alipio Dutra, do Instituto de Café, que não só offereceu gentilmente a sala dos escriptorios, como envidou o melhor da sua lucida actividade para que a reunião resultasse a mais proveitosa possivel.

Sem apresentar nenhum cunho official, visando apenas estabelecer um contacto mais effectivo entre membros da classe ali representada, e sobretudo a apreciação em conjuncto de uma serie de circumstancias especialissimas em relação ao café, no correr da conferencia foram discutidas as seguintes questões:

a) opposição levantada nos portos da Europa contra os actuaes processos de defesa do café do Brasil;

b) a melhoria dos typos, rebeneficiamento, preços, etc.;

c) transportes, a posição do Brasil perante a navegação mundial, fretes, immigração;

d) abertura de novos mercados, augmento do consumo, meios de attender ao gosto dos varios mercados consumidores.

Fazendo uso da palavra, o sr. Fernandes de Souza, que é sem duvida um commerciante altamente esclarecido sobre todos os pontos que se relacionam com o desenvolvimento do nosso paiz, servido, ademais disto, por um largo tirocinio adquirido nas diversas

praças européas com as quaes a sua firma tem relações; o sr. Fernandes de Souza communicou aos presentes o estudo que está sendo feito pelo sr. Jacob Guyer, sobre o commercio do café nos paizes balkanicos onde um trabalho bastante adeantado já se verifica em relação á propaganda e augmento do consumo do nosso producto.

....

E' digno de nota a excellente disposição manifestada pelo commercio do café, em Paris, sobre a acção desenvolvida pelo Instituto. Póde-se dizer que o facto, mesmo, de reunir-se na séde dos seus escriptorios aqui, a maioria dos interessados, representa alguma cousa de animador, robustecendo, sem duvida, a frente unica que neste momento se esforça por intensificar o commercio brasileiro de café e remover os obstaculos numerosos oppostos pela desenfreada especulação.

....

a) S. Galeão Coutinho.

D'"A Gazeta", São Paulo
de 1/10/1928

O CAFÉ NA EUROPA — Os effeitos da campanha do Instituto

PARIS, setembro de 1928. — Tudo parece indicar nitidamente que a propaganda do café brasileiro na Europa entra agora na sua phase decisiva. Durante largo periodo essa obra, consideravel sob qualquer ponto pelo qual seja encarada, esteve adstricta aos mil e um precalços da burocracia viciosa e, muito peor do que isto, á orientação, descontinua dos governos que se succediam. E' innegavel que, mesmo a serviços dessas tentativas fragmentarias para impôr o nosso producto aos centros consumidores, não faltaram espiritos bem orientados e tangidos superiormente pela inspiração patriotica.

Mas, a falta de coordenação dessas energias, subordinando-as a um plano uniforme de trabalho, redundou, como é natural, no desaproveitamento e na quasi inanidade do seu esforço. Que resultou dahi? Resultou que a industria dos succedaneos, o abuso das falsificações, a guerra contra o café natural, considerado ainda hoje como prejudicial á saude por muita gente, aqui, firmassem fôros respeitaveis, exigindo agora a duplicação de methodos e recursos para serem, sinão inteiramente destruidos, ao menos reduzidos em seus desastrosos effeitos. Tal é a campanha que o Instituto de Café emprehende neste momento.

....

Outróra, os fazendeiros e commissarios que atravessavam o

Atlantico, em viagem de recreio, se desinteressavam por completo pelos assumptos referentes ao café na Europa. Recheiados de dinheiro dispostos a gosar as delicias do "boulevard", faziam completa abstracção de tudo quanto se relacionasse com o artigo que lhes tinha fornecido copiosos cabedaes, permittindo-lhes viagens nababescas, através do Velho Mundo. Hoje, não é assim. Desde que o instituto fez repontar por toda parte os emblemas do Brasil e disticos attrahentes; desde que o café brasileiro começou a converter-se em preoccupação dominante nos circulos commerciaes de Paris observa-se o crescente interesse, dos proprios brasileiros que aqui chegam, pelo assumpto.

....

A só consideração desse aspecto da propaganda iniciada, em amplos moldes pelo Instituto, que trata simultaneamente da defesa nos mercados consumidores e do estimulo e reeducação das classes productoras nos dá a certeza de que novos e luminosos horizontes se abrem ao futuro economico do nosso paiz.

a) S. Galeão Coutinho.

D'"O Diario da Noite
de 8/11/192

A PROPAGANDA DO CAFÉ — "Je sais tout" dedica um numero ao grande producto brasileiro.

A conceituada revista parisiense "Je sais tout" publicou um numero inteiramente dedicado ao café. O grande producto brasileiro mereceu da referida revista, que se conhece como um dos mais notaveis orgãos de vulgarização scientifica e dos estudos economicos, uma attenção toda especial. O numero do café de "Je sais tout" é uma contribuição inestimavel para a intelligente propaganda do nosso producto agricola. Considerando este notavel alcance da propaganda feita, devemos salientar que a revista franceza tornou esta propaganda ainda mais feliz graças á forma pela qual organizou este numero especial. Desde á capa ás paginas de texto. "Je sais tout" foi neste numero, magnificamente organizada. Nas suas tres primeiras paginas estampam-se os retratos dos srs. Presidente da Republica, presidente do Estado de São Paulo e do secretario da Fazenda e presidente do Instituto, dr. Mario Rolim Telles. Em seguida encontram-se magnificos artigos de collaboração, a saber: "O Brasil sua historia, sua riqueza" pelo sr. José Feliciano de Oliveira, do Instituto Historico do Rio de Janeiro; "Origens longinquas e legendarias do café", pela sra. Suzanne Sourriux-Picard; "Cultura, colheita, tratamento, commer

cio do café", pelo sr. Georges Géville, secretario geral do Comité Franco-Brasileiro; "O Instituto do Café do Estado de São Paulo" pelo dr. Mario Rolim Telles; "O café e os medicos" pelo dr. Pierre Vachet, professor da Escola de Altos Estudos Sociaes, de Paris, e "O papel do café na literatura e na "Arte", por Gaton Picard. Todos estes trabalhos estão magnificamente illustrados, apreciando-se varios clichés, em que se mostram trechos da floresta virgem paulista, fazendas, flagrantes da cultura do café, edificios de São Paulo, etc.

Do "Diario de São Paulo"
de 21/2/1929

A PROPAGANDA DO CAFÉ BRASILEIRO — Feita nos Estados Unidos pelo Instituto de Café e os torradores

Para tratarem de assumptos relativos á propaganda do café brasileiro, reuniram-se a 18 deste, em Nova York, os srs. Frank Russel, presidente do The National Coffee Trade Council, B. Peabody, presidente em exercicio da Bolsa de Café de Nova York, W. Bayne, decano do commercio de café nos Estados Unidos, A. L. Spitzer, presidente da Associação de Torradores de Nova York, Ross Weir, presidente da antiga Commissão de Propaganda do Café, Carl H. Stoffregen, ex-presidente da Bolsa de Café, John T. Hancock, presidente da directoria da Jewel Tea Company, G. W. Lawrence, Ed. A. Born, S. A. Schoenbrun, T. S. B. Neilsen, P. H. Philip Neilsen, Berent Friele, John Thaden, todos presidentes de grandes firmas cafeeiras, Felix Coste, superintendente geral da National Coffee Roasters Association, George S. Mac Millan, redactor-chefe da revista "The Tea & Coffee Trade Journal", P. F. Simmons, director-secretario da revista "Spice Mill", e dr. Sebastião Sampaio, consul geral do Brasil em Nova York.

Communicou, então, o sr. Frank Russel, aos presentes que o National Coffee Trade Council, depois de receber a approvação necessaria de todos os seus membros espalhados pelo paiz, já podia annunciar os primeiros trabalhos do **Brazilian American Coffee Promotion Committee,** creado de inteiro accordo entre o National Coffee Trade Council e o Instituto de Café, para promover a propaganda do café brasileiro nos Estados Unidos. Os fundos para a propaganda serão fornecidos pelo Instituto, que já entregou ao Committee a primeira remessa trimestral. Compõe-se o "Committee" dos srs. Frank Russel, presidente do National Coffee Trade Council, Mac Creery, presidente da National Coffee Roasters Association, consul geral Sebastião Sampaio, pelo Instituto de

Café, Berent Friele, superintendente geral da American Coffee Corporation, J. L. Walker, chefe da publicidade da Maxwell Coffee.

Accentuou o sr. Frank Russel que a presença do consul geral do Brasil no Committee assegura a cooperação permanente do dr. Mario Rolim Telles, presidente do Instituto de Café, nos trabalhos de propaganda.

O Committee já está trabalhando desde novembro, tendo já concluido o plano inicial de propaganda, que será posto em pratica immediatamente, abrangendo os seguintes pontos:

1.º extensa investigação scientifica das qualidades e vantagens do café, pelos laboratorios das melhores universidades americanas;

2.º distribuição intelligente e pratica de material de propaganda entre os professores de sciencias domesticas e geographia commercial dos gymnasios e universidades americanas;

3.º propaganda intensiva do café brasileiro entre os torradores americanos, para que seja cada vez maior a porcentagem do nosso producto nas misturas das suas marcas ou "blends".

Como se sabe, o café brasileiro já entra com 70 % na constituição das misturas dos torradores, havendo tambem muitas marcas usando apenas o producto brasileiro.

Informou o consul geral Sebastião Sampaio que o plano adoptado mereceu a cooperação detalhada e a approvação do dr. Mario Rolim Telles.

D'"O Correio da Manhã", do Rio de Janeiro
de 22/2/1929

A DEFESA DO CAFÉ BRASILEIRO

"As ultimas informações sobre o entendimento definitivo entre o Instituto de Defesa do Café de São Paulo e os intermediarios do commercio desse producto nos Estados Unidos, collocam mais uma vez em plena evidencia os desacertos praticados, desde o começo da execução do plano de valorização, com grandes e irremediaveis prejuizos para a classe interessada. Os valorizadores paulistas, não obstante a adhesão dos outros Estados cafeeiros, comprehenderam, afinal, que o bom exito da aventura em que se lançaram não dependia apenas de medidas internas, de vexames e constrangimentos para a lavoura.

Durante a passada administração paulista o apparelho de defesa constituiu um cabide de numerosos e bem remunerados empregos. Emquanto os fazendeiros, manietados pelas leis de compressão, creadas em nome de uma necessidade economica impe-

riosa, ficavam sob a ameaça, para muitos tornada facto, de inevitavel ruina, a politica distribuia prodigamente graças e beneficios pecuniarios aos amigos, á custa dos cofres do Instituto.

O novo governo, devemos reconhecer com imparcialidade e justiça, mudou completamente a face das coisas. O sr. Rolim Telles, chamou a fala os torradores norte-americanos e outros intermediarios no commercio de café. Agora nos dizem de Nova York que está assignado o contrato para a propaganda systematica do café brasileiro, iniciativa que poderia ter sido tomada desde os primeiros mezes de funccionamento anarchico, anomalo e grandemente despendioso do apparelho, com verdade proclamado um sorvedouro de dinheiros que deveriam ser escrupulosamente applicados."

Do "Diario de São Paulo"
de 23/2/1929

A DEFESA DO CAFÉ

"Desde que o Instituto de Café adoptou a sua nova orientação, de proteger o producto principal do nosso Estado com a applicação de um processo novo, surgiram, em toda parte, os criticos á acção do governo que, segundo elles, estava errado, fadado mesmo a não passar além dos primeiros passos.

E' bem verdade que as objurgatorias vibradas contra os lançadores da idéa da fundação do Instituto attenuaram-se muito, logo que a novel instituição começou a demonstrar os grandes resultados praticos da acção desenvolvida para proteger e defender o café, velha victima de golpes de audacia, causa de uma inquietatude na praça commercial do Estado.

Firmara-se, pois, a comprehensão da utilidade desse apparelho. Estava no tapete, unicamente, a orientação que deveria dar a seus trabalhos, á maneira de se fazer respeitar nos mercados consumidores ,que de então em diante deveriam sujeitar-se aos preços fixados pelo Instituto, que pretendia simplesmente, defender os preços da producção brasileira e nunca servir-se da sua provavel ou possivel influencia para fazer em maior escala o jogo, que era justamente o mal que se procurava evitar.

Para se orientar calma e seguramente, o Instituto, seguindo orientação nova, ouviu todas as arguições assacadas contra o café, nos diversos paizes, estudou a melhor maneira de realizar a propaganda da rubiacea, corrigindo os senões observados até então, ou mesmo refundindo totalmente tudo aquillo que até a época se fazia e que, longe de produzir os resultados pretendidos, concor-

ria para collocar o café brasileiro em segundo e terceiros logares. O que então se passava é inteiramente incrivel.

O dinheiro dos cofres do governo, entre mãos pouco habeis ou gananciosas, servia para a mais torpe exploração, concorrendo para a contrapropaganda do café, tal como se as missões sustentadas na Europa fossem creação de inimigos nossos.

O que se observa, porém, agora, é cousa muito differente. A propaganda se realiza por meios realmente commerciaes, conseguindo attrahir a attenção do publico que aos poucos se convence de que o café brasileiro é de boa qualidade.

Mas, onde os serviços de propaganda assumem uma feição intelligente e moderna é nos Estados Unidos, a nação que nos compra a maior parte da producção cafeeira.

Ali, como os ataques a esse producto do Brasil fossem mais fortes, entendeu o Instituto de realizar uma obra verdadeiramente notavel, fazendo a propaganda baseada em dados e conclusões scientificas, para que não haja a menor suspeita de reclame para apregoar um artigo inferior.

Os laboratorios das melhores universidades norte-americanas estão investigando as qualidades e vantagens do café; grande quantidade de material de propaganda está sendo distribuido entre professores de sciencias domesticas e geographica commercial nos gymnasios e universidades da União americana. Além disso, está havendo grande propaganda dos cafés brasileiros aos torradores, para que seja cada vez maior a percentagem do nosso producto nas misturas de suas marcas."

Do "Diario de São Paulo"
de 2/3/1929

O CONSUMO DE CAFÉ

Um dos pontos que se nos afigura de maior importancia para o commercio de café brasileiro é sem duvida o problema do consumo. Na marcha em que sobem as nossas colheitas normaes e á medida que se alarga a área destinada ao plantio do café em São Paulo e nos Estados limitrophes, poderemos perfeitamente ter de defrontar com uma situação perigosa, em face do desequilibrio entre a producção e o consumo.

Felizmente, a acção do Instituto de Café neste particular é das mais completas e efficientes. Poderemos não ecreditar na politica dos preços altos ou em outros aspectos da orientação offi-

cial relativa ao café, mas ninguem tem hoje o direito de infirmar o esboço que naquelle estabelecimento de defesa do café se está fazendo no sentido de incrementar o consumo da nossa rubiacea em todo o mundo. A propaganda do café no estrangeiro é um trabalho que sobremaneira honra a nossa capacidade commercial. Só os que o desconhecem é que poderão critical-o.

Os resultados dessa bôa orientação — a unica consentanea com o augmento da producção mundial — já se podem perceber. Outra interpretação não poderemos dar ás maiores quotas de café absorvido por paizes da Europa e da America, sinão esta nascida dos effeitos de uma propaganda intelligente persistente, tal como se faz agora por intermedio do Instituto do Café.

Ainda ha dias, os telegrammas do ""Diario de São Paulo" noticiavam a bôa nova de que o café do Brasil em Hamburgo começa a readquirir rapidamente a importancia que chegou a alcançar antes da guerra. A' medida que a Allemanha se robustece economicamente, augmenta a sua importação de nosso principal producto. Essa importação de café poderia ter sido perfeitamente desviada em beneficio de outros centros productores se tivesse falhado a acção efficaz dos nossos orgams de propaganda. Felizmente, estamos verificando justamente o contrario. O café brasileiro entrado pelo porto de Hamburgo no anno passado attingiu 2.252.375 saccas, quando no anno anterior fôra de 2.065.732. Houve, portanto, um accrescimo de 200.000 saccas aproximadamente. Esse augmento é tanto mais notavel quando se considera que a Allemanha ainda não readquiriu toda a sua vitalidade. Acreditamos que, ao rythmo formidavel de trabalho que se verifica naquelle paiz, dentro de pouco tempo, estarão resolvidos os seus problemas economicos mais graves, como o actual caso das reparações de guerra. Poderemos então contar com o grande mercado de antes da guerra que fazia de Hamburgo o maior porto importador de café brasileiro, na Europa.

Por esse motivo e por outros de caracter universal, só podemos vêr com bons olhos o restabelecimento completo da vida economica allemã em tão bôa hora confiada á orientação firme dos seus grandes estadistas.

A noticia, que ora ampliamos do augmento das importações de café brasileiro pelo porto de Hamburgo é dessas que só nos podem trazer conforto e confiança. Conforto pela certeza de que o problema do consumo não é uma tarefa impossivel de ser resolvida. Confiança em face dos resultados já colhidos pela acção intelligente dos orgams de propaganda de nosso principal Instituto do Café."

Do "Diario de S. Paulo"
de 10/3/1929

A OPINIÃO EXTRANGEIRA — Cafés de outras procedencias — Trechos da ultima Circular Delamare, do Havre (15 de fevereiro)

COLOMBIA

Eis o que nos informa um dos nossos correspondentes:

"A actual safra da Colombia deverá ultrapassar 2.375.000 saccas, podendo mesmo attingir 3 milhões. A Colombia prepara uma campanha de propaganda de seus cafés, e, a esse respeito, sabemos que um serviço de publicidade **vae ser organizado em França, nas mesmas bases do que já está funccionando para os cafés brasileiros e que é dirigido pelo Instituto.** Entretanto, — accrescenta o mesmo informante, — a producção colombiana augmentou em tão forte proporção, nos ultimos annos, **que já é difficil encontrar-se a mão de obra necessaria** ao bom tratamento dos cafesaes e á rapida colheita."

....

Escreve-nos um dos nossos correspondentes do Brasil, que **"o futuro do café depende mais daquillo que o Instituto QUEIRA fazer, do que daquillo que elle POSSA fazer".**

Sem partilhar, inteiramente, de uma confiança tão integral, crêmos, todavia, que o desenrolar dos acontecimentos sobre a posição do café depende, em grande parte, da politica futura do Instituto. E este não terá interesse em consentir numa pequena baixa de preços, daqui a alguns mezes? Ahi está toda a questão."

D'"O Paiz" do Rio de Janeiro
de 25/3/1929

A POLITICA DO CAFÉ E O SEU JULGAMENTO .

Foi o director d'"O Jornal" quem, explorando, ha tempos, o relatorio de um banco, onde se encontravam restricções á situação financeira do paiz, resaltou o conceito universal que emprestou singular significação a essas publicações, onde um grupo de homens de responsabilidade e reconhecida autoridade em assumptos economicos exteriorisa, para uso de seus clientes, conceitos claros e severos sobre o momento financeiro desta ou daquella praça.

Esses juizos crescem de valor na razão directa da importancia do estabelecimento bancario por cuja conta correm, e por isso mesmo os relatorios dos grandes bancos são tomados como informa-

ções insuspeitas de que se servem e nas quaes confiam todos os interessados.

Estas conisderações vêm a proposito da publicação do relatorio de dois importantes bancos de S. Paulo, e que occupam, na ordem bancaria do Brasil, os primeiros logares, logo após o Banco do Brasil e o Banco do Estado de S. Paulo. Em ambos os relatorios, como era de esperar, ha apreciações sobre a politica do café: que representa a propria economia paulista. E eis o que diz, a respeito, o tradicional Banco do Commercio e Industria:

> "No nosso ultimo relatorio affirmámos que as medidas adoptadas pelos poderes publicos, da União e do Estado, para assegurar a regudarização e defesa do mercado de café, tinham entrado em execução, com o resultado favoravel que dellas se esperava. Para esse resultado veiu ainda contribuir o notavel incremento que foi dado ás operações do Banco do Estado."
>
> "A' direcção firme e habil do instituto, que não deixou de attender a nenhuma das necessidades da lavoura do commercio, devemos o termos podido conservar o dominio da situação, num momento em que mais difficil era obter essa preponderancia."

São palavras bastante claras para poderem ser interpretadas dubiamente. A ellas, porém, ha a accrescentar estas, do relatorio do Banco Commercial, subscriptas, ademais, pelo nome respeitavel de José Maria Whitaker:

> "Uma inquietação generalizada perturbou, por vezes, a confiança mesmo daquelles que as circumstancias mais directamente beneficiaram, originando um pessimismo que os factos, felizmente, não tem justificado."
>
> "Em qualquer hypothese, impressões pessimistas não resistem a successos repetidos como o do Instituto de Café, ou as demonstrações de maravilhosa vitalidade, como as tem dado a lavoura de S. Paulo."
>
> "Os outros elementos da nossa estructura economcia mantêm-se em auspicioso desenvolvimento."

Como é notorio, de quando em vez surgem "competentes" a discutir o plano de defeza do café. Será de suppor não desconheçam elles taes relatorios, indispensaveis aos estudiosos de phenomenos economicos, e além dos mais divulgados tambem pela imprensa. Comtudo, nada articularam a respeito, mesmo porque nada têm a articular, nesse terreno de positivações.

Depois, ainda no relatorio do Banco Commercial, ha estas palavras iniciaes, que deveriam ser meditadas, e impedir que se pro-

mova, consciente ou inconscientemente, com meros objectivos de opposição, uma campanha altamente nociva á nossa prosperidade:

"A despeito do visivel augmento da nossa riqueza publica e particular, o anno de 1928 não transcorreu com a tranquillidade que fôra de prever. Uma inquietação generalizada perturbou, por vezes, a confiança mesmo daquelles que as circumstancias mais directamente beneficiaram, originando, um pessimismo que os factos, felizmente, não têm justificado."

Helio Silva

Do "Diario de S. Paulo"
de 31/3/1929

A PROPAGANDA DO NOSSO PRINCIPAL PRODUCTO NO ESTRANGEIRO E A OBRA DO INSTITUTO DE DEFESA DO CAFÉ — O que era e o que é a lavoura do café no Estado de S. Paulo — Qual tem sido a acção do Instituto no actual governo — A orientação da obra de propaganda e os resultados obtidos — Na Europa e nos Estados Unidos tem sido intensa a propaganda por meio de vistosos cartazes — Grande numero de cafés, em que é servida a preciosa infusão do producto brasileiro, estão esparsos em varias cidades

A LAVOURA ANTES DA CREAÇÃO DO INSTITUTO

Para mais efficazmente dar uma idéa de quanto pôde a propaganda realizada pelo Instituto de Defesa do Café — propaganda que se enquadra perfeitamente, na obra de defesa — não é de todo inutil recordar um pouco do nosso passado, pelo menos, do passado da nossa lavoura. Não commetteremos a heresia de dizer que estavamos em plena decadencia; mas devemos dizer que estavamos numa situação que a tal decadencia a poderia ter levado facilmente. Manda o bom senso que as situações não sejam julgadas pelo momento em que a essa tarefa nos dispomos, mas sim que se as julgue pelo que podem vir a ser mais tarde. E a nossa situação, na lavoura cafeeira, comquanto não fosse precaria, não era tambem das que deixassem esperar dias melhores, proventos menos escassos, maior e melhor producção, procura intensiva e constante do producto valorizado e defendido convenientemente.

Produziamos em abundancia, não resta duvida, não obstante seguirmos os methodos rotineiros; mas, em verdade, essa primazia, na producção, não representava mais do que um simples titulo de... gloria, nada havendo que, na medida necessaria, relativamente aos

proventos se pudesse igualar ao extraordinario lugar que occupavamos entre os paizes productores de café. Não diremos que tudo era mera ficção; mas, tambem, seria exagero dizer-se que á nossa posição de grandes productores correspondia uma posição economica á qual fosse justo dar o mesmo cunho de importancia. De resto, mesmo produzindo em abundancia e vendendo bastante, passavamos, nos mercados consumidores, quasi que por desconhecidos, ou sinão por taes, passavamos, no minimo, como sendo productores de antigo talho, que têm nas mãos as maiores possibilidades de successo e de fama, mal sabendo, entretanto, aproveitar-se dellas.

Os nossos lavradores sentiam-se como que desamparados; viviam, mesmo em meio da abastança e das maiores possibilidades, quasi que retrahidos, peiados pela situação de inferioridade a que se viam relegados. Faltava-lhes o estimulo dos poderes publicos e a pouca acção que, sósinhos podiam realizar, não somente seria insufficiente, como era improductiva.

Isso, quanto ao que se refere ao lado que chamaremos moral da questão, pois que o lado material tambem não deixava de ser um problema que tinha algo de insoluvel.

A OBRA DO INSTITUTO DE DEFESA DO CAFÉ NO QUE IMPORTA A' VALORIZAÇÃO DA LAVOURA E DO PRODUCTO

E aqui cabe, queiram ou não queiram, um pouco de polemica. Os que não querem reconhecer que o Instituto de Defesa do Café, retendo a producção e regulando os embarques, conseguiu valorizar o nosso maior commercio de exportação, estando apenas dando prova de que os anima o desejo de negar a verdade, de faltar a um dever de coherencia, deixando de constatar um facto evidente, facilmente controlavel pelas estatisticas, em torno das quaes não é possivel o sophisma.

As posições da lavoura dantes e presentemente são bem outras. E não se trata, apenas, de uma posição ficticia, pois o lado economico tem melhorado bastante. A esse respeito assim se exprime o presidente do Instituto em seu relatorio, apresentado ao presidente do Estado em 1927: "A defesa economica, entregue á Secretaria da Fazenda, á qual está ligado o Instituto de Café, assenta sobre tres pontos capitaes:

a) limitação,
b) financiamento e
c) propaganda.

Em torno desses tres principios classicos da defesa economica,

não tem o governo de vossa excellencia deixado de esforçar-se um só momento para conseguir o seu "desideratum".

Assim, de inicio, para defender a actual safra, que vae sendo exportada regularmente e a preços razoaveis, providenciou o Instituto no sentido de ser facilitado aos lavradores o embarque de seus cafés immediatamente depois de beneficiados. Permittiram-se tambem embarques livres para a capital; organizou-se o systema de armazens geraes, equiparados aos "Reguladores", facilitando-se, por tal fórma, ao lavrador, a obtenção de "warrants", sobre os cafés destinados a taes armazens; organizou-se ainda o credito sobre conhecimentos, com os quaes póde o lavrador, quando precise, obter do Banco do Estado, adeantamentos na base de 60$000 por sacca. Dest'arte, conjuravam dois perigos: um, consistindo na venda dos cafés, no interior, pelo lavrador premido pelas difficuldades, a preços vis, o que iria permittir aos compradores a revenda, depois, a baixo preço, nos mercados de exportação, burlando a defesa; e outro, na falta de credito, com seus dias amargos para a lavoura do Estado, reflectindo sobre o commercio em geral."

Iniciada a obra principal do Instituto, na qual os maiores e melhor aproveitados esforços, foram dispendidos, tornou-se facil comprehender qual o valor e qual a utilidade que elle poderia dar. Tratava-se apenas de apparelhal-o convenientemente para fazer face a todas as eventualidades.

Os tres principios basicos foram logo (e diremos, tambem facilmente) postos em pratica e tornados efficientes. A limitação da entrada do producto para os mercados ficou perfeitamente assegurada com o convenio entre os Estados productores; o financiamento, por meio de credito facil ao alcance do lavrador, com garantias não só sobre a propriedade agricola, como tambem sobre o producto colhido, deu os melhores resultados, sendo a propaganda desenvolvida, na medida do possivel, em muitos dos mais importantes centros consumidores. Em pouco tempo — relativamente pouco, deante do vulto da organização — o Instituto de Defesa do Café estava á altura de sua missão. Não era tudo, porém, pois que a lavoura representa uma força extraordinaria na nossa balança commercial, pois a cada lavrador não foi difficil comprehender a importancia e a utilidade da nova organização de defesa do nosso principal producto agricola.

O CONVENIO DE DEFESA DO CAFÉ REALIZADO EM SETEMBRO DE 1927

Para que mais efficiencia pudesse alcançar o Instituto, tornava-se necessario organizar convenios, congressos e propaganda. Dentre os primeiros, dos quaes tem dado a imprensa as mais deta-

lhadas informações, um houve que sobresahiu: o convenio de setembro de 1927, em o qual estiveram representados todos os Estados productores. Abrindo a memoravel sessão, o dr. Mario Rolim Telles disse que, para ella, estavam voltadas as attenções de todos que se interessam pela economia do paiz. Ninguem ignorava que dos 3 milhões de contos exportados pelo Brasil, dois milhões eram dados pelo café. Portanto, defendendo o café, estavam ali reunidos para defender a maior fonte de ouro da Nação. Passou s. exa., em seguida, a expôr, em resumo, todos os pontos debatidos nas sessões preparatorias sobre **a limitação, a propaganda e o financiamento.**

Quanto á propaganda, affirmava o dr. Rolim Telles que ella devia ser feita do modo mais pratico possivel, por meio de garantia de juros dos capitaes empregados pelos negociantes de café a retalho, que dessem ao consumidor café do Brasil, ou por subvenção sobre o café importado do nosso paiz e vendido nos paizes ainda de pequeno consumo.

Quanto ao financiamento acreditava s. exa. que São Paulo tinha o problema resolvido.

Para o producto colhido encontrariam sempre os lavradores e commerciantes de café o credito preciso sobre os conhecimentos. Para isso foi que o Estado conseguiu a abertura do credito de cinco milhões sobre conhecimentos de café".

Nesse mesmo Convenio ficava estabelecido o que segue:

"**Primeiro:** — As entradas de café nos mercados de exportação do Brasil obedecerão ao mesmo criterio adoptado no convenio anterior ,isto é: entrarão, em cada mez, tantas saccas quantas tiverem sido embarcadas nos respectivos portos no mez anterior;

Segundo: — Os stocks nos portos poderão ser no maximo de: Victoria 150.000 saccas; Rio, 360.000; Santos, 1.200.000; Paranaguá, 50.000; Bahia 60.000; Recife, 50.000;

Terceiro: — As entradas no porto do Rio de Janeiro obedecerão ás seguintes porcentagens: 30 % para o Rio de Janeiro; 55 3/4 %, para Minas Geraes; 11 3/4 %, para Espirito Santo; 2 1/2 %, para S. Paulo; no porto de Victoria, ás seguintes: 110.000 saccas para o Estado do Espirito Santo e 40.000 para o de Minas Geraes; no porto de Santos: São Paulo, 89 % e Minas Geraes, 11 %, sendo que estas porcentagens vigorarão até que possa ser verificada de modo seguro qual a porcentagem que deve caber a cada um dos dois Estados em relação á respectiva producção;

Quarto: — Para o porto de Paranaguá, o Estado do Paraná poderá remetter 2.000 saccas por dia, contados vinte e cinco dias uteis, em cada mez, ou sejam cincoenta mil saccas mensalmente desta data a 31 de dezembro do corrente anno. De janeiro de 1928

em diante, as remessas para o pórto de Paranagua serão feitas em quantidades iguaes ao numero de saccas de café, exportadas pelo mesmo porto no mez anterior;

Quinto: — Para completar a quantidade maxima de stock em cada porto, determinada na clausula segunda, fica estabelecida uma quota supplementar que será calculada no dia em que qualquer dos Estados julgar conveniente, de fórma a poder, dentro de 25 dias uteis, attingir o maximo declarado. Dita quota supplementar será suspensa no momento que se tiver verificado que na semana anterior a média das cotações de Nova York baixou para mais de 10 pontos, sendo restabelecida no momento em que tiver verificado a elevação da média referida até attingir novamente o nivel anterior. Para inicio da execução desta clausula servirá de base a média das cotações da ultima semana de agosto.

Sexto: — Concorrer cada Estado com a taxa de 200 réis, papel, por sacca exportada, para o fundo de propaganda.

Setimo: — Financiar cada Estado os seus agricultores."

Em outros Congressos posteriores, muitos foram os problemas que conseguiram ser resolvidos, de modo que o Instituto conseguia, cada vez mais, aperfeiçoar seu apparelhamento, tornando-se sempre mais efficiente, mais em condições de levar a termo o plano que havia sido a sua propria razão de ser.

A PRESIDENCIA ROLIM TELLES NO INSTITUTO DE DEFESA DO CAFÉ

Com o mudar dos governos do nosso Estado, foram, tambem mudando os criterios informadores do Instituto. Se os governos passados mereceram louvores pela organização e affirmação desse moderno apparelhamento de defesa e propaganda do café, o governo actual merece louvores pelo quanto tem feito no campo da propaganda e, tambem, pelo criterio com que presidiu a remodelação do Instituto.

O presidente do Estado, chamando o dr. Mario Rolim Telles para a Secretaria da Fazenda e, implicitamente, para a presidencia do Instituto de Defesa do Café, não sómente andou acertado valorizando um elemento de competencia comprovada, como foi feliz por ter confiado esses dois altos cargos a uma tempera de moço, de mentalidade moderna, cheio de novas iniciativas. O actual presidente do Instituto, com ser uma competencia, possue uma larga visão das coisas e tinha, no seu activo, quando assumiu a pasta da Fazenda, uma longa viagem dos mais adiantados paizes europeus, onde tivera occasião de constatar, "de visu", o que por lá havia a respeito do nosso paiz e da nossa exportação de café.

Trazia comsigo um vasto cabedal de experiencia, que não deixou de aproveitar em beneficio da sua Secretaria.

Sob a sua presidencia é que o Instituto passou pela extraordinaria remodelação que devia tornal-o o apparelhamento verdadeiramente perfeito e indispensavel. A esse proposito, s. ex. assim escreve no seu relatorio já citado:

"Pelo Decreto n.º 4.379-A, de 23 de fevereiro de 1928, foi o Instituto de Café remodelado. Foi creada uma Agencia no Rio de Janeiro. Foram installadas as secções de Inscripção de Lavradores e de Fiscalização do Consumo de Café em todo o Estado, tendo sido supprimida a Secção Financeira e muito reduzido todo o pessoal; desse conjuncto de medidas resultou uma economia mensal, para o Instituto, de 38:100$000, pois, a folha de pagamento do pessoal, que, na actual organização, é de 78:090$000, importava anteriormente em 116:690$000.

Com a nova organização, tornou-se desnecessario grande numero de empregados, que se acham reduzidos de 135 para 88, tendo sido dispensados sem "onus", os que não eram contractados e mediante rescisão dos contractos os que o eram, o que acarretou uma despesa de 382:600$000 e uma economia de 1.049:690$100, tendo-se em vista o total a pagar se os contractos fossem cumpridos até o vencimento de seus prazos.

Desnecessario justificar-se a reforma.

A nova organização do Banco do Estado demonstra que este, com muito mais efficiencia, poderá desempenhar o papel que estava destinado á "Secção Financeira" do Instituto.

Igualmente resolveu o governo que a retenção dos cafés nos armazens reguladores fosse sempre feita no interior do Estado, nas respectivas linhas ferreas de cada zona, pois, se persistissemos no plano anteriormente traçado, da construcção de armazens na capital, muito onerosa se tornaria a defesa, porque a S. Paulo Railway, que viria a ser sobrecarregada com os serviços de carga e descarga de toda a safra produzida e que fosse necessario reter, exigiria o pagamento de uma taxa de $300 por sacca, para esse serviço, e de mais 1$015 por tonelada, para o serviço de manobras. Ora, ficando, geralmente, os cafés retidos nos armazens durante seis mezes e sendo a capacidade dos armazens para dois milhões e quinhentas mil saccas, ou sejam cinco milhões de saccas por anno, teria o Instituto uma despesa certa, annual, de mil e quinhentos contos de réis, para carga e descarga, e 304:500$000, para os serviços de manobras, quando esse serviço no interior do Estado, nada lhe custa. Foi assim que o Instituto rescindiu os contractos para as construcções projectadas na capital, pagando o total de 864:000$000, pelas rescisões, obras executadas e material que lhe foi entregue,

ou bem menos do que viria a dispender em um só anno com o serviço de carga, descarga e manobras."

O BRASIL TORNA-SE CONHECIDO EM TODO MUNDO GRAÇAS A' PROPAGANDA DO CAFÉ

O Instituto de Defesa do Café, além de desenvolver a sua acção, dedicou-se proficientemente á propaganda. E não foi só propaganda do nosso principal producto, pois, com esta, veiu a propaganda, em geral, do nosso Paiz. Não que o Brasil fosse, no extrangeiro, completamente desconhecido; mas era, com toda certeza, mal conhecido e tido em conta de um paiz atrazadissimo Quando, em muitas cidades da Europa e dos paizes adiantados do Novo Continente, começaram a surgir as primeiras propagandas do café é que os extrangeiros começaram, tambem, a comprehender que o nosso era um paiz cheio de possibilidades do desenvolvimento e as attenções voltaram-se para elle mais intensamente. Não é demais repetir que a propaganda do café tem sido, indirectamente, a grande propaganda do nosso paiz.

Extrahimos ainda do relatorio do dr. Rolim Telles, os seguintes trechos em reforço do que dissemos:

"Vem a propaganda do café merecendo carinhoso cuidado, encarada sob duplo ponto de vista. De um lado, cuidando-se da melhoria do producto, por um trabalho systematico, junto ao productor, tendo em vista a obtenção de qualidades finas, em grande quantidade, com as quaes possamos competir em qualidade com os nossos concorrentes, pois em quantidade sempre tem sido nossa a supremacia, procurando assim realizar o duplo objectivo de produzir muito para baratear o custeio e produzir bons typos para vender melhor. De outro lado, realizando em moldes essencialmente praticos, uma propaganda tão largamente diffundida quanto possivel, junto aos meios consumidores, resaltando sempre nessa propaganda a origem do nosso producto, mostrando que 70 por cento do café consumido em todo o globo é por nós produzido, que as nossas qualidades em nada são inferiores ás de outros paizes emfim, procurando fazer cessar, de vez, a injustificada prevenção contra os nossos cafés.

A defesa economica do café assenta-se principalmente sobre a propaganda, para o augmento do consumo.

Resolveu o Instituto confial-a a casas interessadas no commercio exterior do café e a companhias de vapores interessadas no seu transporte, estabelecendo, em linhas geraes, o programma dentro do qual deve desenvolver-se a propaganda, programma d

tado de flexibilidade bastante para ser modificado conforme as exigencias do meio onde terá que cumprir-se."

Os trabalhos de propaganda do café brasileiro já se desenvolvem nos seguintes paizes: França, Belgica, Allemanha, Suissa, Austria, Jugoslavia, Grecia, Tcheco-Slovaquia, Noruega, Argentina, Uruguay, Paraguay e União Sul Africana.

Em outros já se acham contractados os serviços, porém, ainda não iniciados. São elles: Polonia, Hungria, Cidade Livre de Dantzig, Bulgaria, Turquia, Egypto, Dinamarca e Argelia.

A PROPAGANDA NOS ESTADOS UNIDOS

Pois que os Estados Unidos se nos afiguram como sendo um dos mais importantes centros consumidores do nosso café, quizemos reservar um capitulo a parte para a propaganda que o Instituto nelles desenvolveu.

Antes de mais nada, justo é que digamos que a America do Norte que, em 1926, nos comprava, em Santos, 7.676.000 saccas de café, passou a comprar, em 1927, 7.749.000, elevando assim o consumo do café brasileiro a 71,4 % sobre os de outra procedencia.

Os contractos de propaganda do nosso café nos Estados Unidos foram feitos com a Brazilian American Coffee Promotion Committee constituido sob a orientação do National Coffee Trade Council, organização suprema do commercio do café nos Estados Unidos.

Membros do B. A. C. P. Committee: Frank Rusell, chairman do National Coffee Trade Council; W. Mac Creery, presidente da National Coffee Roasters Association; Sebastião Sampaio, representante do Instituto de Café; Berent Friele, superintendente geral da American Coffee Corporation; J. L. Walker, chefe de publicidade da Maxwell Coffee House.

Os trabalhos do Comité datam de novembro e constam de: primeiro — investigação extensiva scientifica das qualidades e vantagens do café pelos laboratorios das melhores universidades americanas; segundo — distribuição intelligente e pratica do material de propaganda entre professores de sciencias domesticas e geographia commercial, dos gymnasios e universidades americanas; terceiro — propaganda intensiva do café brasileiro entre os torradores americanos para que seja, cada vez maior, a porcentagem do producto brasileiro nas misturas das suas marcas ou "blends".

A visita dos torradores americanos tem sido, para o nosso principal producto, de grande utilidade. Viram os nossos visitantes qual a importancia que, realmente, tem a nossa lavoura cafeeira e

qual o criterio que preside ao nosso apparelhamento de def[illegible] levando para a sua terra a melhor das impressões.

Visitas como essas não deveriam ser descuradas periodicamente, para que fosse possivel dar aos nossos compradores uma visão exacta do que somos e do que podemos produzir. Os Estados Unidos da America do Norte poderão vir a ser, para o nosso principal producto, os melhores consumidores, bastando, para tanto que a propaganda ora iniciada seja intensificada e levada a bom termo. As publicações sobre café distribuidas naquella parte setemptrional, do continente, têm sido numerosissimas e cada qual melhor apresentada.

A MAIOR PRODUCÇÃO E O MELHOR PRODUCTO

Concluindo, é necessario dizer que, em virtude da valorização e da intensa propaganda levada a termo pelo Instituto de Defesa do Café, conseguimos alcançar o primeiro logar na producção e na qualidade do producto. Si, na producção, tal primazia nos cabia desde ha longo tempo, o mesmo não se poderá dizer com relaçao á qualidade. Ainda não alcançamos de todo os objectivos que temos em mira. Mas, não estamos longe de lá chegar.

Em todo o caso, já temos o melhor dos terrenos preparados: o terreno da propaganda. Não haverá nunca bom producto que possa conseguir uma larga affirmação, si não for acompanhado de um justo e criterioso reclame. A qualidade boa comquanto facilmente apreciavel ficaria sendo um previlegio de poucos. Ao invez, acompanhando-a da propaganda necessaria, tem-se a certeza de que todos estarão ao par do que ha de real nessas qualidades que os reclamos affixam.

Tão logo estejam em pratica os novos methodos de tratamento do café e de colheita, que a Secretaria da Agricultura está procurando introduzir, no Estado, teremos a certeza de que iremos produzir maior quantidade de café e, sem exaggero, das mais finas qualidades.

Num discurso pronunciado, ha tempos, pelo dr. Mario Rolim Telles, s. exa., tratando do augmento do consumo mundial do café, disse o seguinte:

"O augmento do consumo de café, no mundo, foi consideravel, de 1.º de julho de 1927 a 31 de maio de 1928, em relação a egual periodo do anno anterior, pois as entregas foram de .... 19.651.000 saccas em 1926-27 contra 22.008.000 em 1927-28, havendo, portanto, a differença para mais de 2.357.000 saccas, equivalente a 12 % de accrescimo.

Assim vê-se srs., que se esboça o trabalho de propaganda e nem poderiamos consideral-o já feito, pois, tratando-se de um pro-

ducto que deve espalhar-se pelo mundo, não poderia a nossa acção apparecer aos olhos de todos apenas decorridos onze mezes de trabalho.

A INTELLIGENTE PROPAGANDA FEITA, NA ALLEMANHA, DO CAFÉ BRASILEIRO

"O "Jornal do Brasil" occupa-se, num de seus topicos de hoje, da exportação do café brasileiro para a Allemanha. Depois de lembrar o grande vulto que antes da guerra assumiam as cifras desse commercio, que a conflagração veio suspender inesperadamente, observa o citado matutino:

"Apesar da guerra ter terminado em 1918, só em 1920 o Brasil reiniciou, para os mercados allemães, a exportação do café. Nesse anno, a exportação attingiu logo a somma de 545.830 saccas, no valor de 36.988 contos. Motivos varios demoraram a expansão do commercio. Porém, o anno passado a exportação attingiu a ...... 1.531.758 saccas, no valor de 220.000 contos.

A Allemanha apesar do formidavel desastre da guerra mundial de 1914, se ainda não conquistou a posição de antes da conflagração, já occupa, entretanto, o 2.° logar entre os paizes da Europa, que mais importam café do Brasil.

Deve-se, em parte, esse successo do café brasileiro na Allemanha á intelligente propaganda que o Instituto mantem nas principaes cidades allemãs.

O reclame é ali feito, com rara efficiencia, assim como na Polonia, pelo processo habil das pequenas feiras.

A Allemanha é para o café um vastissimo campo de exportação. Tudo faz crer no crescimento continuo do consumo do café, ali. Se a concorrencia do producto de outra procedencia não nos diminuir as probabilidades de exito, como vae acontecendo nos Estados Unidos, dentro de dois annos a Allemanha será, novamente, na Europa, o nosso melhor mercado de café."

D'" O Jornal do Commercio", do Rio de Janeiro
de 5/5/1929

O CAFÉ BRASILEIRO NOS ESTADOS UNIDOS — A situação actual — A creaão em New York de um comité de Defeza e Propaganda

Acha-se ha alguns dias, nesta Capital, devendo amanhã partir para S. Paulo, o Sr. Berent Friele, vice-presidente da American Coffee Corporation, de New York, que é uma das maiores emprezas compradoras de café brasileiro tendo adquirido, no anno

passado, em Santos, 1 milhão de saccos. Essa companhia, — que se acha ligada á empresa distribuidora Atlantic and Pacific Store, que dispõe de 16.000 lojas de vendas nos Estados Unidos, — lançou, ha cinco annos, no mercado norte-americano, uma marca de café exclusivamente brasileira, denominada "Santos" 8 ó clock", que é agora consumida numa média semanal de 1 milhão e meio de libras, constituindo a maior venda de café naquelle paiz.

....

Foi creado recentemente em New York, informou-nos o Sr. Friele, o "Brazilian American Coffee Promotion Committee", de que são directores o Sr. Sebastião Sampaio, como delegado do Instituto do Café, e os representantes de todos os commerciantes interessados na venda de café nos Estados Unidos. Este "comité", de cuja acção são esperados excellentes resultados, já desenvolveu o seu programma, que tem por objectivo a ampliação do consumo do café brasileiro na grande Republica do Norte e estara preparado para defender o nosso producto, divulgando-lhes as qualidades e vantagens. O Sr. Berent Friele está incumbido pelo "Comité" de examinar algumas minucias desse programma com o Sr. Dr. Rolim Telles, Secretario da Fazenda de S. Paulo e Presidente do Instituto de Café desse Estado.

....

D'"O Jornal", do Rio de Janeiro
de 7/5/1929

O CAFÉ NA TCHECOSLOVAQUIA

Augmenta de modo digno de menção o nosso intercambio commercial com a Tchecoslovaquia, paiz de grandes recursos economicos e bastante industrial; em 1927 exportámos directamente, segundo estatisticas officiaes, agora publicadas, café e materias primas no valor de 117.636.000 corôas, expressando-se a importação da mesma procedencia pela somma de 85.988.000. Em o anno antecedente, as nossas exportações se tinha representado por 51.591.000 corôas, verificando-se, no confronto dos dois periodos, o augmento de 140 por cento a nosso favor.

Se fosse possivel apurar as cifras dos productos brasileiros, importados tambem na Tchecoslovaquia por via das praças que são intermediarias, os algarismos do nosso commercio de exportaçao para aquelle destino avultariam muito mais. O café é o producto que mais lhe exportamos directamente, seguindo-se-lhe as pelles e os couros, o fumo e a lã e são justamente estes artigos que tambem se avolumam nas importações indirectas.

A importação directa do café brasileiro na Tchecoslovaquia cresce promissoramente, passando de 1.566.800 kilos em 1927 a 3.109.600 em o anno passado, o que vale dizer terem duplicado as transacções sobre este producto, ao mesmo tempo que decrescem as importações por intermedio de Hamburgo, Trieste, Hollanda e Inglaterra, mercados onde se reune o café de todas as procedencias para esse commercio de reexportação. As importações destas praças para a Tchecoslovaquia, bem como as do Brasil, apresentam, em 1927 e 1928, o seguinte movimento em toneladas:

Procedencia	Toneladas	
	1928	1927
Brasil	1.566	3.109
Hamburgo	7.632	3.078
Trieste	3.012	1.532
Hollanda	739	301
Inglaterra	77	27

Ha porém, nos quadros que nos fornecem as estatisticas, um facto que, pelas conclusões que delle se podem tirar, nos deve impressionar quando crescem as importações directas do café brasileiro naquelle mercado e diminue a importação de todas as outras procedencias. E' que, augmentando as importações directas do café do Brasil, diminuem muito ao mesmo tempo, as cifras representativas da importação geral. Se em 1927 a Tchecoslovaquia importava 13.996 toneladas de café de todas as origens, directa e indirectamente, em o anno passado apenas importa 8.072.

A conquista do Brasil representa, portanto, o afastamento dos intermediarios estrangeiros, da Allemanha, Hollanda e Italia, mas as cifras geraes do commercio de café indicam, por seu turno, o sacrificio do consumo quanto ao producto legitimo; é o que nos annuncia o consul brasileiro naquelle paiz, em relatorios divulgados pela imprensa. A Tchecoslovaquia é o centro da grande fabricação dos succedaneos, 120 milhões de kilos em 1928, cujo consumo, ao lado do café de cevada, vae progredindo, á medida que se tornou mais difficil a acquisição do verdadeiro café, porque, pagando de imposto cerca de 2$700 de nossa moeda por kilo, é vendido a retalho, o mais ordinario, por 38 corôas, preço minimo, e o melhor por 50 e 60, emquanto se obtêm os succedaneos á razão de 5 e 8 corôas por kilo.

E' verdade que o Instituto de São Paulo desenvolve na Tchecoslovaquia, intelligente propaganda em moldes commerciaes, mas os succedaneos têm a seu favor a vantagem do preço, que fica sem

confronto com o do café legitimo. O nosso caso, na Tchecoslovaquia, não é só propagar o café: é sobretudo combater o succedaneo.

Do "Diario de S. Paulo"
de 7/5/1929

A OPINIÃO EXTRANGEIRA — (Da circular Wagner, de 10 de abril)

"O Instituto de Defesa do Café continua attenta e assiduamente vigilante. Agora, vae modificar sensivelmente toda a regulamentação das entradas de café em Santos. Até aqui, os fazendeiros tinham grande interesse em apressar quanto possivel, o preparo do café colhido e em expedil-o quanto antes para os Armazens Reguladores, onde devia permanecer ás vezes por mais de um anno. Como todos raciocinavam da mesma fórma, acontecia que o ganho de um ou dois dias na data do embarque representava algumas semanas de avanço na chegada a Santos.

Assim, a pressa no preparo do café colhido contribuia para augmentar a quantidade de cafés de descripção inferior. A nova regulamentação estipula a divisão em 15 séries ou partes eguaes, da colheita de cada fazendeiro. Uma disposição engenhosa determina que a ultima série deverá ser embarcada em 1.º logar, embora seja a ultima a chegar a Santos. Graças a essa medida consegue o Instituto evitar a fraude na avaliação das colheitas pelos fazendeiros.

Tambem supprime, o novo systema de embarques, qualquer interesse dos fazendeiros em preparar as pressas o seu café, incitando-os, ao contrario, a esmerar-se nesse preparo.

Disso resultará, sem duvida, uma melhora no typo medio das colheitas.

O Instituto occupa-se, não sómente dos paizes productores, mas a sua actividade abrange egualmente os centros consumidores. A tarefa é ardua, pois se é facil fazer propaganda em favor do café, em geral, fazel-a sómente em relação aos cafés de Santos já é menos facil.

De qualquer maneira, entretanto, acaba de formar-se uma commissão americano-brasileira, encarregada de incentivar o consumo nos Estados Unidos, porque se tem verificado o seu estacionamento nesse paiz, durante os ultimos annos. (O augmento que as estatisticas accusam é compensado pelo crescimento da população).

Essa commissão trabalhará com os fundos provenientes de um imposto de $200 por sacca exportada de Santos para os Estados Unidos.

Em resumo, temos a impressão de que a vigilancia do Instituto se mantem intacta e os recursos de que dispõe bastam para proseguir na sua acção.

D'"O Estado de S. Paulo"
de 9/5/1929

A OBRA DE APROXIMAÇÃO DOS PRODUCTORES E CONSUMIDORES DO CAFÉ DO BRASIL

Como hospedes officiaes do Instituto de Café, encontram-se nesta capital, conforme noticiámos hontem, em viagem que se prende a questões referentes ao commercio do café brasileiro nos Estados Unidos, os srs. Berent Friele, presidente da "American Coffee Corporation" e membro da commissão de propaganda do café brasileiro na grande nação do Norte, e dr. R. L. Emerson, professor da Universidade de Boston.

E' innegavel que essa visita terá uma grande significação nos meios commerciaes de café dos Estados Unidos e será de proveito para a maior aproximação dos productores e consumidores do café do Brasil. Mas nem só nisso ficará a utilidade desse passeio dos illustres norte-americanos pelo nosso Estado.

Elles, certamente, levarão de São Paulo a impressão de que temos trabalhado muito.

O sr. Berent Friele, por exemplo ,que por diversas vezes já nos tem visitado, tendo mesmo trabalhado em Santos, ficará desta vez conhecendo diversos aspectos novos da actividade e do progresso paulista. Elle não esconde mesmo essa impressão. Manifestou-a, até, por occasião da sua visita, hontem, ao Museu Agricola e Industrial do Estado, em installação no Palacio das Industrias. E não serão certamente menos lisongeiras as suas observações ao visitar, dentro de alguns dias, conforme está determinado o Instituto Biologico de Defesa Agricola e Animal, que é uma das instituições que o paulista apresenta sempre com orgulho aos que o visitam. E menor não será, igualmente, a impressão que receberá ao percorrer, dentro em breve tambem, as zonas novas da Alta Sorocabana e da Noroeste, ha bem pouco tempo devassadas e que já ostentam oceanos de milhões e milhões de cafeeiros em franca producção.

O mesmo acontecerá quanto ao professor R. L. Emerson, porque este notavel scientista, além dessas visitas, irá tambem a Campinas e Piracicaba, verificar o que são o Instituto Agronomico do Estado e a Escola Agricola "Luiz de Queiroz", a mais afamada da America Meridional.

Do "Diario de S. Paulo"
de 10/5/1929

A PROPAGANDA DO CAFÉ NO EXTRANGEIRO — Foi inaugurado, em Budapest, um pavilhão destinado á divulgação do nosso "ouro verde"

O Brasil, como é notorio e tem sido repetidamente ponderado por uma grande maioria dos nossos escriptores, a despeito da sua relativa potencialidade economica, máu grado a sua formidavel extensão territorial, apezar da riqueza incontestavel do seu solo privilegiado, tem sido, até á presente data, relegado a um indifferentismo verdadeiramente contristador, da parte dos nossos irmãos extrangeiros.

Em que pese, todavia, o optimismo de uma grande legião de pseudo-batalhadores da nossa soberania, tal desprezo — é mister reconhecer — tem tido na nossa propria displicencia a causa maior da sua razão de existir.

Sem que deixemos de reconhecer esforços isolados em prol do nosso ideal de soerguimento do nome do Brasil nas plagas distantes, não é extemporaneo, tampouco injusto, que lamentemos tal situação a que tem sido, até aqui, condemnado um Paiz pejado de riquezas, como o é, inilludivelmente o Brasil.

Ditosamente, para nós, tal estado de coisas, não está fadado a eternizar-se. Pelo menos é o julgamento que nos autorizam as novas ultimamente chegadas de Budapest, capital da Hungria.

Naquella grande cidade européa acaba de ser inaugurado um pavilhão destinado, exclusivamente á propaganda do café brasileiro, tendo se revestido a sua abertura, de relativo brilhantismo, attrahindo a presença de elevado numero de altas personalidades do paiz amigo, além do ministro e consul brasileiros ali acreditados

Logo depois de inaugurado o pavilhão, foi aberta concorrencia publica, afim de ser levada a effeito uma util divulgação do nosso maior producto de exportação, o que logrou alcançar o exito esperado.

Grandes e suggestivos cartazes, amostras escolhidas cuidadosamente e outros meios de comprovação da excellencia do nosso "ouro verde" são aproveitados, causando boa impressão, segundo informes que nos chegam, não só na camada burgueza, como nas altas rodas daquella nação européa.

A iniciativa de tal commettimento pertence ao Instituto do Café de S. Paulo, a quem estão affectos os nossos interesses de exportação do valioso producto.

E' fóra de duvida que tal realização vem em soccorro, não só da nossa situação de quasi desconhecidos nos mercados extrangeiros, como, tambem, do nosso surto financeiro que conta, na exportação do café e outros productos de que dispomos em abundancia, com um recurso mais efficaz e garantido.

D' "O Jornal", do Rio de Janeiro
de 15/5/1929

O CAFÉ E O BRASIL — Um artigo do jornal "The Spice Mill" sobre o café brasileiro

"O jornal "The Spice Mill" de Nova York, na sua edição de março de 1929, traz o seguinte artigo de fundo:

"No que concerne á situação do café, tres acontecimentos recentes trouxeram á baila o Brasil, e cada um delles é, a seu tempo, apreciado nesta edição do "The Spice Mill". O primeiro na importancia dentre esses acontecimentos é a promulgação do novo regulamento do Instituto de Café em S. Paulo, que modifica o methodo do preparo do café no interior e providencia quanto ao embarque por séries. Depois as chuvas grossas que culminaram em inundação em S. Paulo, e, finalmente, o inicio da activa campanha promovida pela "American-Brazilian Coffee Promotion Committee" (Comité Brasileiro Americano de propaganda do café) para augmentar o consumo do café.

Desde que se estabeleceu o contrôle do café no Brasil os fazendeiros encontraram vantagem em activar o carregamento do seu café para Santos para assim terem precedencia nas negociações e embarques."

....

OS ESTADOS UNIDOS E O CAFÉ BRASILEIRO — O sr. Berent Friele, presidente da "American Coffee Corporation", fala ao "Correio Paulistano"

....

E a actuação do Instituto de Café? — Acho que o Instituto de Café está com um apparelhamento modelar, sob a direcção esclarecida do Dr. Rolim Telles, administrador de qualidades nada vulgares.

O Instituto é o harmonizador dos interesses dos productores e distribuidores nos paizes de consumo. Conhecendo, perfeitamente, os problemas nos dois campos, o Instituto, com a sua esplendida organização, está apparelhado para resolver as questões do café.

A ida, aos E. Unidos, de dois de seus embaixadores, os drs. Antonio Queiroz Telles e Alves Lima, que foram estudar a situação do café, causou lisonjeira impressão em todo o paiz.

Isso demonstra, cabalmente, o empenho que tem o Instituto em conhecer, nos seus minimos detalhes, o problema da rubiacea.

A orientação do Dr. Rolim Telles, procurando uma approximação com os torradores, facilitando e intensificando os negocios, inteirando-se da situação do mercado norte-americano, cuidando da propaganda — foi recebida por nós com grande enthusiasmo e verdadeira sympathia.

Essa orientação tem que produzir, por força, optimos resultados.

Desse entendimento cordial nascerão, certamente, os melhores fructos.

O commercio americano de café considera o illustre presidente do Instituto como um leal amigo, como um companheiro de todas as horas, sempre prompto a tomar em consideração os nossos problemas, como, temos certeza, estará sempre alerta para resolver todas as questões que, porventura, surjam, por ahi, e que digam respeito ao café e ao seu commercio.

Confiamos na acção do Instituto de Café.

H. S.

D'"A Folha da Manhã"
de 20/6/1929

O CAFÉ DO BRASIL — O seu reclame em Paris — A obra do Instituto do Café merece ser considerada nacional — O Mundo inteiro vae beber café de S. Paulo

PARIS, MAIO. — Escrevi vae para um anno algumas notas sobre o principal artigo de exportação brasileira.

Indicava um caminho, preconisava medidas e mostrava como bom amigo defficiencia que se me afiguravam importantes. Tendo estado em São Paulo e tendo a felicidade de, por intermedio de meu querido amigo Felix Coelho, ter visitado a região productora de café — senti-me chocado pela desproporção entre a immensa riqueza que por interminaveis leguas se espalhava sobre essa abençoada terra e a ausencia quasi completa de reclame na Europa, organisação de venda, defeza de marca, etc.

Tenho o grande prazer de constatar que o Instituto de Café está realisando uma obra extraordinaria.

Extraordinaria não é favor da minha parte é pelo contrario uma palavra justa, talvez duplamente merecida, pela intelligencia que preside a obra em marcha e pelos resultados obtidos.

....

São Paulo era uma praça de café conhecida em Paris de cem pessoas — hoje é conhecida por muitos milhões dellas. Até agóra toda a gente podia dizer que tomava café brasileiro porque a deliciosa bebida escura não temia que a comparação surgisse para ser desmentida.

Hoje não. O sabor inegualavel, o aveludado quente, o aroma penetrante e demorado — da misteriosa bebida que cae no estomago levemente, calmando quando o tempo corre ardoroso e aquecendo quando corre frio, cheio de qualidades dinamicas e carregado de vitaminas poderosas — qualidades estas que só tem o café de São Paulo, diziamos, como começa a ser conhecido — evitou que brasileiros chamassem a todos os cafés de qualquer origem.

A campanha em favor do café do Brasil foi, póde dizer-se: fulminante. Tactica napoleonica.

....

A obra realisada em Paris está alastrando pela França inteira. Como o Instituto do Café é um organismo poderoso, póde e deve fazer em outros paizes o mesmo que fez em França. Ignoro qual a situação do mercado mas penso que a continua assim todo o café de S. Paulo tem o seu consumo assegurado.

....

Em resumo, a obra realisada em França em alguns mezes pelo Instituto do Café — é uma obra de caracter nacional pela sua amplitude, proficuidade e intelligencia. Reclamando um producto consegue impor um paiz."

a) PINA DE MORAES

D'"O Correio da Manhã", do Rio de Janeiro
de 29/6/1929

PROPAGANDA PRATICA

"A propaganda do café brasileiro, até aqui resumida em papelorio e em custosas embaixadas commerciaes, sem nenhum alcance pratico, começa a mudar de orientação, transformando-se aos poucos num serviço methodico e efficiente. Provam o asserto as noticias referentes ao que está fazendo no pavilhão do Brasil, no recinto da exposição de Sevilha.

Os encarregados da propaganda do nosso producto, de consumo quasi mundial, mas ainda muito longe de conquistar mercados proporcionalmente ao volume da sua exportação, entram no terreno pratico das demonstrações, que convencem e collocam em indiscutivel destaque a mercadoria, valorizando-a aos olhos dos consumidores ou de seus intermediarios.

Ha que notar, sobretudo, a vantagem de não ficar a propaganda do café brasileiro ao sabor de agentes burocraticos, prodigamente estipendiados para montar inuteis escriptorios de luxo, na maioria dos casos em logares que não constituem entrepostos de commercio nem vehiculos de rapido e certo intercambio.

As demonstrações levadas a effeito nos recintos em que funccionam os grandes certamens internacionaes, valem mais do que os contratos entabolados com os suppostos interessados em dar consumo ao producto em determinados mercados, mediante altas commissões, como tem acontecido com a propaganda nos Estados Unidos."

Do "Diario de S. Paulo"
de 13/9/1929

PROPAGANDA DO CAFÉ BRASILEIRO NA AUSTRIA

A 15 do mez proximo findo, foi inaugurado em Vienna com a presença da representação diplomatica e consular brasileira, membros da colonia patricia ali domiciliada e mais pessôas gradas, o "BRASIL CAFÉ PAVILLON", situado no ponto mais central da cidade, no local denominado Graben.

O Sr. ministro Lima e Silva, presente á solennidade, pronunciou expressivo discurso, enaltecendo a acção do Instituto de Café.

A abertura desse estabelecimneto, onde será feita, permanentemente, a venda, e propaganda do café brasileiro de qualidade superior, faz parte da campanha de propaganda emprehendida pelo Instituto de Café do Estado de S. Paulo, em cumprimento da missão que lhe foi confiada pelos Estados signatarios do Convenio.

Contratado pela Brasil Café Gesellschaft m. b. H., de Vienna, tem o Dr. Erich Veidl, consumada autoridade em assumptos relacionados com o café, realizado em differentes cidades austriacas conferencias de propaganda do café brasileiro.

Reproduzimos do nosso Relatorio referente ao anno de 1928 as informações que então já davamos sobre a organização de propaganda do Café.

Para attestar a sua efficiencia tivemos o augmento de consumo, especialmente verificado na França, onde os trabalhos foram mais desenvolvidos.

PROPAGANDA

Datam os trabalhos da propaganda systematizada do café brasileiro apenas de um anno, iniciados que foram em fins do segundo semestre de 1927, logo após o começo da actual gestão do Instituto.

Durante o anno findo foi a propaganda intensificada e sua acção se fez sentir nos seguintes paizes: França, Belgica, Allemanha, Suissa, Austria, Yugo-Slavia, Tcheco-Slovaquia, Grecia, Noruega, Marrocos, Argentina, Uruguay e Paraguay.

Em outros os trabalhos já se achavam contractados, mas ainda não iniciados ao fim do anno de 1928: — Polonia, Hungria, Cidade Livre de Dantzig, Bulgaria, Turquia, Egypto, Dinamarca, Argelia, Africa do Sul.

Nos Estados Unidos a propaganda que estava sendo estudada desde a ultima Convenção Annual dos Torradores, ficou a cargo do Brazilian American Coffee Promotion Committee, constituido pelo representante do Instituto, dr. Sebastião Sampaio, consul geral do Brasil em New York, e de importantes personalidades do commercio americano de café: chairman Frank Russell, presidente do National Coffee Trade Council, criado em 1926 pelo então Secretario de Estado, sr. Herbert Hoover, vice-chairman, dr. Sebastião Sampaio, Secretario-thesoureiro, sr. Felix Coste, superintendente geral da National Coffee Roasters Association, e ainda os srs. R. W. Mc Creery, presidente da National Coffee Roasters Association Berent Friele, presidente da American Cofee Corporation, J. M. Hancock, vice-presidente da Jewel Tea Company e D. N. Walker, vice-presidente da Maxwell House Products Company.

E' perfeita a cordialidade entre o Instituto e o commercio de café Americano.

CONTRACTOS EM VIGOR DURANTE 1928

FRANÇA

Agencia Havas — Publicidade: — Jornaes, revistas, francesas e das colonias. A 30 de novembro venceu-se o contracto feito no anno anterior, que foi renovado por mais um anno.

Cia. Franco-Brésiliénne de Cafes — Bar no Boulevard Haussmann, canto do Boulevard des Italiens. Este bar foi inaugurado em julho deste anno. Degustação em chicaras e venda em pacotes do café brasileiro, com a declaração expressa da procedencia.

ALLEMANHA e SUISSA

Theodor Wille & Cia. — Cumpriu-se no decorrer deste anno o contracto assignado e entrado em vigor a 1.º de janeiro.

Os trabalhos comprehenderam a degustação gratuita nos estabelecimentos da "Kaiser's Kaffeegeschaft"; publicidade em jornaes e revistas; exhibição de film sob a cultura e commercio do café no Brasil e na Allemanha; propaganda junto ás Associações de Donas de Casa e comparecimento á Feira de Leipzig "Die Deutsche Gastaette", realizada de 12-8 a 8-9-28.

AUSTRIA

Brasil Cafe Gesellschaft m. b. H. — O contracto lavrado a 30 de junho com essa Sociedade abrange tambem a Hungria, a Polonia e a Cidade Livre de Dantzig, porém, até fins deste anno, a propaganda só fôra feita na Austria.

De cooperação com a firma J. Meinl foi lançada uma nova marca constituida exclusivamente de café brasileiro denominada "São Paulo Mischung". Tem sido feita abundante e variada publicidade.

O capital da Sociedade é de £ 200.000, e seus fins são a importação, venda e propaganda do café brasileiro.

O contracto prevê a fundação de uma torrefação em cada um dos paizes onde a propaganda deverá ser feita, bem assim a abertura de filiaes, depositos, estabelecimentos de degustação, publicidade, etc.

YUGO-SLAVIA

Sociedade Yugobrasil (Michalowicz & Cia.)

O contracto foi lavrado a 10 de Setembro, por um anno.

A Sociedade abrirá estabelecimentos de degustação do café brasileiro, de venda a varejo e por atacado; fará publicidade; comparecerá a feiras e exposições e importará directamente do Brasil no minimo 70.000 saccas de café brasileiro que será collocado no paiz, com a declaração expressa da procedencia.

TCHECO-SLOVAQUIA

Centrokomise S/A Tcheco-Slovaquia de Commercio — A 30/10 venceu-se o contracto lavrado no anno anterior, que foi prorogado

por mais um anno, nas mesmas condições, excepto no que se refere ao pagamento da subvenção concedida que será feito em café.

Os trabalhos da firma consistiram em annuncios luminosos por meio de dispositivos nos cinemas de todas as maiores cidades da Republica; cartazes e transparentes nos carros electricos e nos comboios das linhas internacionaes; degustação nos armazens da firma do café brasileiro, publicidade na imprensa; distribuição de saquinhos para emballagem do café brasileiro; comparecimento á Feira de Praga e á Exposição de Cultura Contemporanea de Brno. De accordo com o contracto deveriam ser importadas directamente do Brasil 40.000 saccas de café, não tendo sido, porém, feita até o presente, a prova dessa importação.

GRECIA

Saravano, Braga & Cia. — O contracto supra entrou em vigor a 15 de Julho, com a abertura do primeiro estabelecimento de degustação no Pirêo e a installação de uma degustação no Parque Zappion de Athenas. Posteriormente foram inaugurados mais dois estabelecimentos de degustação, um em Athenas, a 1.º de Setembro e outro em Salonica, a 8 de Novembro. De accordo com o contracto todos esses estabelecimentos deverão permanecer abertos, ininterruptamente, durante um anno no minimo.

Tem sido feita publicidade, distribuição de amostras, exhibição de film sobre a cultura e o commercio do café no Brasil.

Foi firmada uma convenção, por intermedio dos consules brasileiros em Athenas e Salonica, entre a firma contractante e os negociantes de café gregos, nas seguintes bases:

a) — eliminação do grão de bico torrado como artigo de venda nas torrefações;

b) — interdicção aos torradores de empregar grão de bico, outras misturas no café moido; e

c) — fixação do preço para o café moido, a partir de 1.º de dezembro, na base da tarifa official: 106 drachmas por **oka** (oka egual a 1.280 grs.) para o varejo e 96 para o atacado.

NORUEGA

Linha Noruegueza Sul-Americana — O contracto entrou em vigor a 1.º de Julho.

Por emquanto não abriu a contractante nenhum estabelecimento de degustação, só tendo feito alguma publicidade.

MARROCOS

Agencia Havas — O contracto entrou em vigor a 1.° de Agosto.

Em outubro foram inaugurados estabelecimentos de degustação nas seguintes cidades: Casablanca, Marrakech, Fez e Tabat. Uns servem o café brasileiro á moda turca, outros, á europea.

PAIZES DO PRATA

Sociedade Anonyma "Café Paulista" — Subvencionada pelo Instituto a contractante intensificou durante o anno proximo findo, a propaganda que vem fazendo do café brasileiro desde 1912.

Publicidade em jornaes e revistas, distribuição de brindes, annuncios nas estradas de ferro, nos carros electricos, cartazes, etc.

Jacob Guyer e Agêo Ferreira de Camargo — Não foi cumprido este contracto na parte relativa á abertura de estabelecimentos de degustação. Cuidaram apenas os contractantes da exportação do café brasileiro via Porto-Esperança.

CONTRACTOS JA' ASSIGNADOS, MAS AINDA NÃO EM VIGOR

FRANÇA

Cia. Franco-Brésiliénne de Cafés — Foi lavrado um contracto para a abertura de um novo bar de degustação, á avenida Wagram 32, nos mesmos moldes do do Boulevard Haussmann. O contracto entrará em vigor na data da abertura do bar.

Cia. Franco-Paulista de Cafés — Para o desenvolvimento das vendas do café. Publicidade. O contracto entrará em vigor a 1.° de Janeiro de 1929.

HUNGRIA POLONIA e CIDADE LIVRE DE DANTZIG

Brasil Cafe Gesellschaft m. b. H. — Nos mesmos moldes do da Austria.

POLONIA

Pierre Michalowicz e Léon Ladislas Gellert-Murray, Simonsen & Co. Ltd. — Este contracto entrará em vigor a 1.° de Janeiro de 1929.

Prevê a remessa de cafés em consignação e propaganda.

BULGARIA

Saravano, Braga & Cia. — Abertura de um estabelecimento de degustação em Sofia.

TURQUIA

Saravano, Braga & Cia. — Abertura de um estabelecimento de degustação em Constantinopla.

EGYPTO

Abertura de dois estabelecimentos de degustação, um em Alexandria e outro no Cairo.

DINAMARCA

Nossack & Cia. — Este contracto começará a vigorar a partir de 1.° de Outubro de 1929. Degustação do café brasileiro, publicidade, etc.

ARGELIA

Agencia Havas — Abertura de estabelecimentos de degustação em Oran e Argel.

AFRICA DO SUL

Hochschild & Cia. — Degustação, publicidade, importação directa de 30.000 saccas de café do Brasil, e venda do mesmo, puro, com a declaração expressa da procedencia. Comparecimento a feiras e exposições.

AUXILIOS CONCEDIDOS PARA A PROPAGANDA

FRANÇA e SUISSA

Thomaz Costa.

BELGICA

Armando de Godoy.

Os auxilios concedidos pelo Instituto destinam-se á intensificação da propaganda que esses commerciantes brasileiros já faziam na Europa.

COMPARECIMENTO A FEIRAS E EXPOSIÇÕES

Durante o anno em revista compareceu o Instituto aos seguintes certamens:

Feira de Poznan — Abril;

Exposição Internacional do Café, Bruxellas — Setembro;

Salão de Alimentação de Paris — Outubro;

e por intermedio dos contractantes da propaganda:

Feira de Leipzig (Die Deutsche Gaststaette) — Agosto a Setembro;

Feira de Praga; e

Exposição da Cultura Contemporanea de Brno (Tcheco Slovaquia).

OUTRAS MODALIDADES DE PROPAGANDA

Edição de numeros especiaes de revistas

Em Janeiro appareceu um numero especial da THE TEA & COFFEE TRADE JOURNAL dedicado ao café do Brasil. Inutil encarecer a importancia dessa revista, dedicada aos interesses do café e do chá nos Estados Unidos.

Fazendo parte da publicidade a que se obrigou a Agencia Havas pelo seu contracto com o Instituto foi editado um numero especial do "JE SAIS TOUT" sobre o café do Brasil.

Publicidade Medica

Desde varios mezes vêm sahindo na ILLUSTRATION annuncios contendo opiniões de scientistas de renome favoraveis ao consumo do café.

Monographia "o Café"

Mandou o Instituto verter para o inglez e francez a monographia "o Café" publicada pelo Ministerio da Agricultura, alteradas as estatisticas com dados mais recentes.

De todas estas publicações foi feita larga distribuição entre os interessados no commercio do café, tendo o Instituto em seu archivo os nomes de todas as pessoas, firmas, associações, repartições, etc. ás quaes foram remettidos exemplares.

Por occasião da vinda ao Brasil do sr. Herbert Hoover, foram feitas duas publicações em inglez sobre o Estado de São Paulo,

e principalmente sobre o café, das quaes foram entregues exemplares ao sr. Hoover e a todos os membros da sua comitiva.

Publicidade por meio de cartazes

Desde 15 de dezembro ultimo, estão sendo affixados nos pontos mais convenientes de Paris, cartazes de propaganda do café brasileiro, executados pelos Estabelecimentos VERCASSON, especialistas nesse genero de publicidade.

O desenho muito suggestivo é de autoria do afamado artista JEAN D'YLEN.

Na parte inferior do cartaz lêm-se os seguintes dizeres:

"LES CAFÉS DU BRÉSIL ALIMENTENT L'UNIVERS"

Uma enorme tela, reproduzindo o desenho dos cartazes acha-se collocada em um ponto estrategico, na parte mais central de Paris.

A affixação durará seis mezes consecutivos.

Propaganda a bordo dos vapores

Foram installadas até agóra sete machinas de café do systema expresso a bordo dos seguintes vapores: "Cap. Polonio", "Cap. Arcona", "Cap. Norte", "Antonio Delfino", "Asturias", "Alcantara" e "Gelria", devendo ser installadas mais tres.

O café brasileiro nellas preparado é servido gratuitamente aos passageiros.

VIAGEM DOS SRS. O. ALVES LIMA E ANTONIO QUEIROZ TELLES

Em commissão do Instituto realizaram os srs. O. Alves Lima e Antonio Queiroz Telles uma viagem aos E. Unidos, onde foram estudar as possibilidades do augmento do consumo do café brasileiro pela propaganda.

Durou a viagem de 17 de Janeiro a 21 de Abril, tendo estado os commissionados do Instituto sempre em contacto com o commercio de café, seja em New York, seja nos differentes centros do interior do paiz.

As conclusões a que chegaram constam do relatorio apresentado ao Presidente do Instituto, e publicado no numero de Julho do "Boletim do Instituto de Café".

CONVENÇÃO ANNUAL DOS TORRADORES DE CAFÉ DOS ESTADOS UNIDOS

Proseguindo na sua politica de um melhor entendimento com o commercio americano de café, compareceu o Instituto, acceitando o convite que lhe fôra feito, á Convenção Annual dos Torradores de Café, onde se fez representar pelo Consul Geral do Brasil em New York, sr. Sebastião Sampaio. Compareceu ainda o representante do Instituto á sessão do National Coffee Trade Council, realizada concommittantemente, onde pronunciou um discurso, expondo o ponto de vista brasileiro.

COLLABORAÇÃO DO MINISTERIO DO EXTERIOR

Tem o Instituto recebido dos Serviços Economicos e Commerciaes do Ministerio do Exterior, a cargo do dr. Helio Lobo, valiosa collaboração da qual espera tirar o maximo de proveito, especialmente nos trabalhos de propaganda.

Organizaram aquelles serviços questionarios sobre o cafe, seja nos mercados consumidores, seja nos productores, que deverão ser respondidos pelos nossos agentes consulares e addidos commerciaes.

Já começou o Instituto a receber copias desses questionarios devidamente respondidos, contendo numerosas informações uteis.

CAFÉ HAG

No decorrer deste anno occorreu com relação á propaganda feita pelos fabricantes desse café um facto realmente de interesse.

Queremos referir ao desfecho havido no processo movido pela Associação dos Torradores e Commerciantes Atacadistas de Hamburgo contra a S. A. de Commercio — Café Hag, de Bremen.

Julgando a questão o TRIBUNAL SUPERIOR HANSEATICO de Hamburgo decidiu da seguinte forma:

> "A questão da nocividade do café contendo cafeina não está decidida pela Sciencia.
>
> Nem a affirmação: "O café contendo cafeina não prejudica ninguem", nem a affirmação: "O café contendo cafeina prejudica a todos", permitte um argumento objectivo no estado actual da Sciencia. Não sendo possivel aos tribunaes resolver problemas scientificos, não juridicos a accusada devia succumbir á argumentação.

E' bem possivel que mais tarde a Sciencia unanime julgue o consumo do café contendo cafeina como prejudicial e advirta a todos, sãos ou enfermos, dos perigos de um consumo mesmo modesto de café.

Mas, esperando, sabios e medicos eminentes partilham a maneira geral de vêr, de que o consumo normal do café não prejudica a ninguem em bôa saúde.

Emquanto esta these estiver de pé, a accusada infringirá o paragrapho 3.° da lei regulando a livre concurrencia, se pretender que a mercadoria da sua concurrente é prejudicial por causa do seu conteudo em cafeina e desperta para a sua mercadoria sem cafeina o apparecimento de uma offerta muito vantajosa."

ENCAMINHAMENTO DE PAPEIS

Continuaram a chegar durante o corrente anno ao Instituto numerosas cartas de firmas estrangeiras interessadas no commercio do café, pedindo a intervenção do Instituto junto aos interessados brasileiros no sentido de obter para ellas representações, remessas de café em consignação, etc.

Não sendo o Instituto uma organisação commercial, tem transmittido ás Associações Commerciaes dos mercados brasileiros de café copias desses pedidos.

INDICE